



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
Mestrado em Ciências das Religiões

Maria de Fátima Moreira de Carvalho

**AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA MADALENA,
NA PERSPECTIVA BÍBLICA E CONTEMPORÂNEA**

João Pessoa
2009

Maria de Fátima Moreira de Carvalho

**AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA MADALENA,
NA PERSPECTIVA BÍBLICA E CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões por Maria de Fátima Moreira de Carvalho. Orientador Prof. Dr. Severino Celestino da Silva.

CE
232.9(043)
C331v

**João Pessoa
2009**

P, UFPB/CCHLA - Ciências das Religiões
30/04/09

UFPB / BIBLIOTECA CENTRAL	
BCI 9	UFPB/CCHLA/ Ciências
15/05/09	das Religiões
	05510

C331r Carvalho, Maria de Fátima Moreira de
As Representações de Maria Madalena, na perspectiva
bíblica e contemporânea / Maria de Fátima Moreira de
Carvalho. – João Pessoa, 2009.
144 p.: il.
Orientador: Severino Celestino da Silva
Dissertação (Mestrado) – UFPB/ CE
1. Cristianismo. 2. Gnosticismo (conhecimento). 3. Maria
Madalena – Perspectiva bíblica.

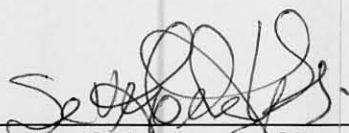
UFPB/BC

CDU: 232.9(043)

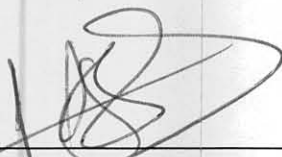
Maria de Fátima Moreira de Carvalho

**AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA MADALENA,
NA PERSPECTIVA BÍBLICA E CONTEMPORÂNEA**

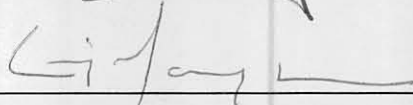
Aprovada em 11 de Março de 2009



Profº. Dr. Severino Celestino da Silva
(Orientador – PPGRC/UEPB)



Profº. Dr. José Antonio Novaes da Silva
(membro - PPGCR/UEPB)



Profº. Dr. Luiz Carlos Luz Marques
(membro externo/PPGCR/UNICAP)

DEDICATÓRIA

Para Deus, razão maior da minha busca pelo conhecimento.

In memoriam de meus queridos pais, *José Francisco de Carvalho* e *Raquel Moreira de Carvalho*, por cada ação em meu benefício.

À minha amada filha *Elaine Cristina*, amiga e companheira de todos os dias e em todas as circunstâncias.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Neide Miele, pelo rico cabedal de instruções que nos legou e, sobretudo, pelo esforço conjunto para implantação do campo disciplinar Ciências das Religiões na UFPB, sem o qual este trabalho não teria sido possível.

Ao professor Dr. Severino Celestino da Silva, pelo notável conhecimento, dedicação e orientação.

Aos Professores: Carlos André Cavalcanti, Fabrício Possebon, Maria Otília Telles Storni, Maristela Andrade, e Simone Maldonado, pelos conselhos e por seus próprios exemplos de vida pessoal e profissional, que muito me serviram de estímulo.

A todos os demais mestres, que direta ou indiretamente, ao longo do curso, incentivaram-me com exemplos de sabedoria.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, pelo zelo e amabilidade evidenciados.

A todos os colegas pela solidariedade e carinho demonstrados em sala de aula.

E finalmente, à minha querida família: irmãos e irmãs, respectivos cônjuges, e todos os meus sobrinhos, porque acreditaram no meu esforço e muito me incentivaram ao longo dos anos.

[Entremos] "no novo milênio garimpando nosso passado para recolher de cada um dos seus três períodos o ouro que ele contém e deixar que o resíduo se sedimente nas areias da história".

(SMITH, 2001, p. 29)

CARVALHO, Maria de Fátima Moreira de. **AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA MADALENA, NA PERSPECTIVA BÍBLICA E CONTEMPORÂNEA**. 2009 – 144p. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) Universidade Federal da Paraíba.

RESUMO

Esta Dissertação é o resultado da pesquisa sobre *As Representações de Maria Madalena, na perspectiva bíblica e contemporânea*. Para sua realização definiu-se como objetivo geral analisar as representações textuais e imagéticas da personagem, nos seus aspectos simbólicos e mitológicos, segundo as interpretações da Bíblia, dos registros gnósticos e da hagiografia cristã, e como objetivos específicos, examinar e comparar os registros canônicos, gnósticos e hagiográficos sobre Maria Madalena; detectar as representações evidenciadas no período do Renascimento e analisar os seus reflexos na atualidade. A fundamentação teórica do estudo abordou as variadas hipóteses apresentadas por autores cristãos, gnósticos, e estudiosos do tema nas diversas áreas das Ciências Humanas, no que diz respeito às representações simbólicas e mitológicas atribuídas à personagem pelo catolicismo e pelo gnosticismo. O desenvolvimento do tema seguiu a ordem cronológica dos acontecimentos bíblicos e históricos do cristianismo e do gnosticismo, naquilo que influenciaram a evolução e consolidação das representações de Maria Madalena. O estudo foi compreendido como uma pesquisa bibliográfica e documental, e a metodologia qualitativa. Foi utilizada como instrumento de pesquisa a contribuição de autores especializados, mediante consulta a livros, jornais, revistas, filmes, internet, entre outros, obedecendo aos seguintes aspectos: pesquisa bibliográfica comparada; e abordagem histórico-filosófica, compreensiva e interpretativa. O universo temporal da pesquisa se centraliza nos primeiros séculos do cristianismo e no período do Renascimento. E por fim, nas considerações finais, a pesquisadora apresenta o entendimento a que chegou como resultado de sua pesquisa.

Palavras-Chave: Maria Madalena; Cristianismo; Gnosticismo

CARVALHO, Maria de Fátima Moreira de. **LES REPRÉSENTATIONS DE MARIE MADELEINE, SOUS LA PERSPECTIVE BIBLIQUE ET CONTEMPORAINE**. 2009 - 144p. Mémoire (Mastaire en Sciences de la religion) Université fédérale de Paraiba.

RÉSUMÉ

Ce mémoire est le résultat d'une recherche sur « Les représentations de Marie Madeleine, sous la perspective biblique et contemporaine ». En vue de sa réalisation, nous avons établi, comme objectif général, l'analyse des représentations textuelles-imagetiques du personnage, sous les aspects symboliques et mythologiques, selon les interprétations de la Bible, des registres gnostiques et de l'hagiographie chrétienne. Nous avons également défini, comme objectifs spécifiques, l'étude et la comparaison des registres canoniques, gnostiques et hagiographiques sur Marie Madeleine ; la détection des représentations existantes sur ce personnage pendant la Renaissance ; et l'analyse de leurs influences dans l'actualité. Les bases théoriques de cette étude comportent les plusieurs hypothèses présentées par des auteurs chrétiens et gnostiques, et des chercheurs de ce sujet dans le domaine des Sciences Humaines, en ce qui concerne les représentations symboliques et mythologiques attribuées au personnage par le catholicisme et le gnosticisme. Le développement du sujet a suivi l'ordre chronologique des événements bibliques et des événements historiques du christianisme et du gnosticisme, dans ce qu'ils ont d'important pour l'évolution et la consolidation des représentations de Marie Madeleine. Cette étude comprend une recherche bibliographique et documentaire, à partir d'une méthodologie qualitative. Nous avons pu compter sur la contribution d'auteurs spécialisés dans le domaine, à travers la consultation de livres, journaux, magazines, films et internet, entre autres, en utilisant les procédures suivantes : recherche bibliographique comparée ; et abordage historique-philosophique, compréhensive et interprétative. Nous avons concentré notre étude sur les premiers siècles du christianisme et la Renaissance. Enfin, dans la conclusion, nous présentons la compréhension obtenue à l'issue de notre étude.

Mots-clés : Marie-Madeleine ; Christianisme ; Gnosticisme.

LISTA DE QUADROS E DIAGRAMAS

QUADROS

Quadro 1 – Síntese das citações bíblicas sobre Maria Madalena.....	48
Quadro 2 - Mulheres da Galiléia que seguiram Jesus, assistem sua crucificação e morte	50
Quadro 3 - Maria Madalena assiste ao sepultamento e compra especiarias para ungir o corpo	52
Quadro 4 - No Domingo de manhã, Maria Madalena e outras mulheres vão ao sepulcro	53
Quadro 5 - Maria Madalena e outras mulheres constataam que a pedra do sepulcro foi removida	54
Quadro 6 – Maria Madalena e as outras mulheres vêem anjos sentados na pedra do sepulcro	55
Quadro 7 – Os Anjos anunciam a ressurreição. Jesus fala primeiramente com Maria Madalena	57
Quadro 8 – As mulheres são enviadas a anunciar aos apóstolos que Jesus ressuscitou	58
Quadro 9 – Todas as aparições de Jesus às mulheres e aos apóstolos após a ressurreição	59-60
Quadro 10 - Demonstrativo dos relatos contidos nos evangelhos canônicos sobre ocorrências das mulheres que ungiram Jesus	68
Quadro 11 – Doutrinas Paulinas sobre o casamento	81
Quadro 12 - Doutrinas paulinas sobre as mulheres	83

DIAGRAMAS

Diagrama 1 - Síntese do trabalho	26
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Conversão de Maria Madalena</i>	36
Figura 2 – <i>Maria Madalena na Casa de Simão, o Fariseu</i>	36
Figura 3 – <i>A Penitente Madalena</i>	37
Figura 4 – <i>Cristo e a mulher flagrada em adultério</i>	37
Figura 5 – <i>Ressurreição – Noli me tangere</i>	39
Figura 6 – <i>Ressurreição – Noli me tangere</i>	40
Figura 7 – <i>Madalena lendo</i>	40
Figura 8 – <i>Santa Maria Madalena</i>	41
Figura 9 – <i>Maria Madalena em Penitência</i>	41
Figura 10 – <i>Maria Madalena arrependida [grávida]</i>	42
Figura 11 – <i>A Madalena arrependida [grávida]</i>	42
Figura 12 – <i>Santa Maria Madalena</i>	43
Figura 13 – <i>Senhora retratada como Maria Madalena</i>	43
Figura 14 – <i>As três Madalenas</i>	45
Figura 15 – <i>Madalena</i>	103
Figura 16 – <i>Santa Maria Madalena</i>	103
Figura 17 – <i>Madalena [grávida]</i>	111
Figura 18 – <i>Madalena [grávida]</i>	111
Figura 19 – <i>Santa Madalena</i>	115
Figura 20 – <i>Santa Maria Madalena e Santa Catarina de Alexandria</i>	115
Figura 21 – <i>Maria Madalena viajando para Marselha</i>	116
Figura 22 – <i>O hermitão Zósimus levando vestes para Madalena</i>	116
Figura 23 – <i>Maria Madalena e o Cardeal Pontano</i>	117
Figura 24 – <i>Maria Madalena falando com os Anjos</i>	118
Figura 25 – <i>Santa Maria Madalena [a eremita em andrajos]</i>	120
Figura 26 – <i>Maria Madalena [a eremita despida]</i>	120
Figura 27 – <i>Um Anjo Traz a Comunhão Santa a Maria Madalena</i>	121
Figura 28 – <i>Santa Maria Madalena: Êxtase</i>	121
Figura 29 – <i>Santa Maria Madalena Penitente</i>	122
Figura 30 – <i>Maria Madalena Penitente</i>	122

Figura 31 – Maria Madalena Penitente	122
Figura 32 – A Penitente Madalena	122
Figura 33 – Maria Madalena	123
Figura 34 – Santa Maria Madalena	124
Figura 35 – <i>Maria Madalena a Penitente</i>	124
Figura 36 – Maria Madalena em penitência	124
Figura 37 – <i>Santa Maria Madalena</i>	124
Figura 38 – Maria Madalena Penitente	125
Figura 39 – A Penitente Madalena	125
Figura 40 – Maria Madalena	125
Figura 41 – A Madalena Penitente	126
Figura 42 – Maria Madalena na Caverna	126

LISTA DE ABREVIATURAS

1 Co
1 Cr
1 Jo
1 Pe
1 Rs
1 Sm
1 Tm
1 Ts
2 Co
2 Cr
2 Jo
2 Pe
2 Rs
2 Sm
2 Tm
2 Ts
3 Jo
Ag
Am
Ap
At
Cl
Ct
Dt
Ec
Ed
Ef
Et
Êx
Fm
Fp
Gl
Gn
Hb
Hc
Is
J
Jd
Jl
Jn
Jo
Jó
Js
Jz
Lc

1 Coríntios
Crônicas
1 João
1 Pedro
1 Reis
1 Samuel
1 Timóteo
1 Tessalonicenses
2 Coríntios
2 Crônicas
2 João
2 Pedro
2 Reis
2 Samuel
2 Timóteo
2 Tessalonicenses
3 João
Ageu
Amós
Apocalipse
Atos
Colossenses
Cantares
Deuteronômio
Eclesiastes
Esdras
Efésios
Ester
Êxodo
Filemon
Filipenses
Gálatas
Gênesis
Hebreus
Habacuque
Isaías
Jeremias
Judas
Joel
Jonas
João
Jó
Josué
Juízes
Lucas

Lm
Lv
Mc
Ml
Mq
Mt
Na
Ne
Nm
Ob
Os
Pv
Rm
Rt
Sf
Sl
Tg
Tt
Zc
NT
WEB

Lamentações
Levítico
Marcos
Malaquias
Miquéias
Mateus
Naum
Neemias
Números
Obadias
Oséias
Provérbios
Romanos
Rute
Sofonias
Salmos
Tiago
Tito
Zacarias
Novo Testamento
World Wide Web

SUMÁRIO

	PÁG.
LISTA DE QUADROS E DIAGRAMA	
LISTA DE ABREVIATURAS	
RESUMO	
RÉSUMÉ	
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – OS CAMINHOS CIENTÍFICOS DA PESQUISA	27
CAPÍTULO 2 – SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A PERSONAGEM BÍBLICA MARIA MADALENA	36
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE LITERÁRIA DOS RELATOS BÍBLICOS SOBRE MARIA MADALENA	47
3.1 – Maria Madalena testemunha a crucificação e o sepultamento de Jesus	49
3.2 – Maria Madalena, a primeira testemunha da ressurreição de Jesus	53
3.3 – Identificando as outras mulheres vindas da Galiléia para melhor compreender o papel de Maria Madalena junto a Jesus	60
3.4 – Quem era o discípulo amado do IV Evangelho? João ou Maria Madalena? ...	62
3.5 – Outras personagens bíblicas confundidas com Maria Madalena	67
CAPÍTULO 4 – OS ANTECEDENTES HISTÓRICO-FILOSÓFICOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A FORMAÇÃO DO SÍMBOLO DA EVA REDIMIDA	72
4.1 – Os modelos patriarcais de repressão à mulher	72
4.2 - A quebra dos paradigmas patriarcais pelos princípios de igualdade introduzidos por Jesus	74
4.3 - O papel da mulher na formação do cristianismo primitivo	78
4.4 – As doutrinas paulinas sobre a mulher	79
4.5 - A formação do cânon do Novo Testamento	84
4.6 - O óbice para o exercício de liderança feminina na Igreja Católica	90
4.7 - O símbolo da Eva redimida	94

CAPÍTULO 5 – AS CONSTRUÇÕES MITOLÓGICAS DE MARIA MADALENA97

5.1 - Os gnósticos.97

5.2 – A Masculinidade de Deus segundo o gnosticismo.....105

5.3 – Os Cátaros..... 106

5.4 – A Legenda Áurea e as Representações iconográficas de Maria Madalena ..112

CONSIDERAÇÕES FINAIS128

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS135

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa se propõe a expor e analisar as *Representações de Maria Madalena na perspectiva bíblica e contemporânea*, nos mais importantes aspectos simbólicos e mitológicos a ela atribuídos, tanto nos séculos iniciais do cristianismo, quanto no período histórico do Renascimento, quando foram publicadas importantes obras, com polêmicos textos e imagens que provocaram controvertidas questões e resultaram em três vertentes de interpretações antagônicas sobre a personagem.

Trata-se, Maria Madalena, de personalidade chave do Novo Testamento, por ter acompanhado Jesus em suas viagens, assistido a sua crucificação, e ter sido a primeira pessoa a testemunhar e anunciar a sua ressurreição. De berço judaico-cristão, a sua história remonta aos primórdios do cristianismo, e foi registrada, primeiramente, nos Evangelhos canônicos.

Dentre as citações bíblicas que registram o seu nome, as narradas por Lucas e por João se tornaram alvo dos mais conflitantes comentários, tanto por parte dos clérigos cristãos, no que diz respeito à determinação da sua identidade e do seu papel no cristianismo, quanto por parte dos gnósticos primitivos e dos cátaros, que apresentaram explicações alternativas para esclarecer a visão que a personagem teve do Cristo ressurreto, porque lançavam dúvidas na veracidade das narrativas cristãs sobre o fenômeno da ressurreição.

Na interpretação clerical dos Evangelhos canônicos, o presbítero Tertuliano de Cartago (150-222) foi o primeiro a associar Maria Madalena a uma pecadora anônima que ungiu Jesus (Lc 7.36-50) e a quem identificou como uma prostituta – o que é compreendido pelos cristãos, como uma das heranças malignas que as mulheres herdaram pela culpa de Eva no pecado original. Sabendo, porém, que a personagem era a mais importante testemunha da ressurreição, Hipólito de Roma (170 – 235 d.C.) estabeleceu uma tipologia entre ela e a noiva descrita no livro bíblico de Cantares (Ct 2.1-4), numa representação simbólica da união entre o Deus de Israel e a humanidade redimida pelo Cristo (CHAMPLIN, 1982).

A vinculação do nome de Maria Madalena à tipologia da noiva, associada à sua identificação como prostituta, deu à personagem o significado de pecadora

arrependida que recebeu o perdão dos pecados pela remissão no sangue do Cristo, configurando a sua memória no catolicismo ocidental como o símbolo da Eva redimida.

Os gnósticos, em refutação à narrativa da ressurreição, escreveram a sua própria interpretação para o fenômeno, através do Evangelho alternativo de Maria, entre outros, deixando nas entrelinhas dos seus escritos, insinuações sugestivas de que havia existido um relacionamento erótico entre Jesus e Maria Madalena. E para reafirmar esse entendimento, atribuíram à personagem a posição de líder do cristianismo, e a relacionaram com o mito egípcio do princípio feminino.

Mas, logo foram rechaçados, silenciados, e em 367 d.C., tiveram seus escritos queimados por ordem do bispo Atanásio de Alexandria (FARIA, 2004). Entretanto, no final da Idade Média ressurgiram em diversos pontos da Europa em forma de variadas seitas, das quais os cátaros se tornaram os mais conhecidos por terem sido os que mais afrontaram os dogmas do catolicismo, conforme afirmou Eliade:

Os Padres desencandearam uma luta sem tréguas contra o acosmismo e o esoterismo da Gnose (...). Mas, a despeito das perseguições, o gnosticismo jamais foi radicalmente extirpado, e alguns mitos gnósticos, mais ou menos camuflados, ressurgiram nas literaturas orais e escritas da Idade Média (ELIADE, 2006, p. 147).

Para combatê-los, o catolicismo, através do dominicano Jacopo de Varazze (1226-1298) elaborou um livro hagiográfico intitulado *Legenda Áurea*, em que faz narrativas sobre cerca de 170 santos católicos, incluindo a história de Maria Madalena, de quem narra acontecimentos, virtudes e poderes não registrados no Novo Testamento, e que serviriam de modelo comportamental para justificar a discriminação à mulher e a +aversão à sexualidade impostas pelo clero, ao mesmo tempo em que se destinavam a refutar as doutrinas cátaras sobre a personagem.

Estas principais representações textuais – bíblica, gnóstica e hagiográfica –, multifacetaram a memória de Maria Madalena em contraditórias construções simbólicas e mitológicas, que foram perpetuadas pela sua iconografia, e transformaram a personagem histórica em lenda ou a envolveram – como é

divulgado na atualidade –, numa trama de conflitos de gêneros na busca política do poder, da liberdade de sexo e da emancipação da mulher.

Nesta pesquisa, pretendemos focalizar as representações textuais e imagéticas de Maria Madalena, segundo as interpretações cristãs e gnósticas, delimitadas ao recorte das narrativas bíblicas que se encontram em Lucas 8:1-3 e João 20:1-18, por ser nestes contextos que as facetas polêmicas da personagem apresentaram maior visibilidade. Delimitamos, ainda, o foco do nosso trabalho, no que diz respeito às representações imagéticas, às produções iconográficas do período histórico renascentista e adjacentes, tanto pela elaboração de maior número de importantes imagens sobre a personagem, como pela sua influência para a formação de opiniões do imaginário, cujas reflexões sobre Maria Madalena refletiram na atualidade diferentes interpretações de modelos comportamentais.

Tema: AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA MADALENA, NA PERSPECTIVA BÍBLICA E CONTEMPORÂNEA.

Linha de Pesquisa: Religião, Cultura e Produções Simbólicas.

Justificativa

A escolha do tema *As Representações de Maria Madalena, na perspectiva bíblica e contemporânea*, deveu-se à sua relevância, tendo em vista referir-se a uma personagem cuja memória exerceu grande influência na história eclesiástica do ocidente, e cuja narrativa, ainda não atingiu um consenso de interpretação, face à escassez de dados no relato Bíblico, e às muitas e conflitantes informações literárias cristãs e não cristãs existentes sobre ela.

Trata-se de um tema muito polêmico, que desde os primórdios da Igreja tem provocado querelas e divisões entre o clero, os teólogos e os adversários do cristianismo, tendo inclusive, contribuído para a formação da desastrosa Cruzada Albigense que resultou no aniquilamento cátaro por parte da Igreja católica, no final da Idade Média.

Mas, a tentativa da Igreja em calar os albigenses, mostrou-se infrutífera para conter a curiosidade de se descobrir os fatos silenciados nas páginas dos evangelhos canônicos. Surpreendentes descobertas arqueológicas inauguraram um novo período de incessantes pesquisas sobre Maria Madalena.

Eram os importantes achados, ocorridos em 1945, em Nag Hammadi, no Egito, vasos que haviam sido enterrados há mais de mil anos e que ocultavam no seu interior antigos manuscritos coptas elaborados em papiros, correspondentes a cópias de textos originados do gnosticismo, entre os quais, o já citado Evangelho gnóstico de Maria, que contém relatos alternativos sobre a personagem.

Pretende-se com esta Dissertação oferecer aos estudiosos novos elementos que contribuam para um maior conhecimento sobre Maria Madalena, e sobre as interpretações da sua imagem relativas à sua participação na história e na ressurreição de Jesus, bem como sobre os símbolos e mitos a ela atribuídos.

Este estudo é importante, porque deverá mostrar novas imagens e oferecer novos elementos para a construção de modelos de comportamentos sociais baseados na personagem.

Como mulher, temos uma grande identificação com as atitudes corajosas que ela teve e que a caracterizaram como modelo de uma nova práxis feminina, atuante na quebra de preconceitos e paradigmas patriarcais e de exclusão social, mediante a transformação no seu ser implantada pelo amor, e ancorada na consciência de liberdade.

A contribuição do nosso trabalho será a de questionar dogmas religiosos consagrados, e de mostrar a personagem com facetas de mulher ousada e moderna, numa cultura e época em que se discriminava e desvalorizava as mulheres.

Metodologia

Considerando-se que o tema da pesquisa é de abordagem interdisciplinar, nas coletas de dados, análise e/ou interpretação dos textos, serão aplicados os vários Métodos disponíveis para as investigações das áreas de Ciências Humanas, observando-se os parâmetros acadêmicos requeridos para cada assunto abordado, segundo os ensinamentos de Miller Jr. (1991), Ricoeur (2006), e de conformidade com o documento intitulado *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, elaborado pela Pontifícia Comissão Bíblica (1993):

➤ O Método Histórico-Crítico, no seu aspecto histórico, crítico e analítico, quando a abordagem tratar de análise literária da busca do sentido dos textos bíblicos e dos textos antigos, com a finalidade de explicar as convergências e divergências, verificar a coerência interna, as divergências irreconciliáveis e de outros indícios, e detectar a formação da história essencialmente diacrônica da personagem (RICOEUR, 2006).

➤ O Método Compreensivo e Interpretativo, de caráter estrutural quando as abordagens tratarem da busca de conhecimento sócio antropológico sobre o sentido das ações humanas, das práticas, dos comportamentos, das instituições sociais e políticas, dos sentimentos, ou das transformações históricas, no contexto da temática fenomenológica da pesquisa (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993).

➤ O Método Comparativo quando se tratar de divergências detectadas entre as várias fontes consultadas – Evangelhos canônicos; Evangelhos alternativos de origem gnóstica; Hagiografia católica (MILLER JR., 1991).

➤ O Método Analógico no que diz respeito a princípios etnográficos e comportamentais (MILLER JR., 1991).

➤ O Método de abordagem sociológica e antropológica para compreenderem-se os aspectos institucionais da existência humana, e detectar a posição e o papel da mulher cristã no movimento de Jesus, na doutrina paulina, e na sociedade judaica no período do cristianismo primitivo, bem como as práticas e origens do patriarcalismo e androcentrismo (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993).

Nas abordagens diacrônicas, os assuntos tratados serão expostos obedecendo à ordem cronológica aproximada dos acontecimentos vinculados ao desenvolvimento histórico do cristianismo.

As abordagens míticas atenderão as regras da sincronicidade (RICOEUR, 2006).

Problema

Listaremos a seguir, os temas que geraram a problemática da nossa pesquisa:

- As discussões na Igreja primitiva acerca das abordagens bíblicas sobre Maria Madalena, no que se refere à sua história e ao seu testemunho da crucificação, morte, sepultamento e ressurreição de Jesus.

- As acusações polêmicas por parte de estudiosos que desde os primórdios do cristianismo, têm disseminado desconfiança nas informações bíblicas que registram os acontecimentos ocorridos da crucificação à ressurreição, mediante afirmativas de que nestes contextos os quatro Evangelhos apresentam “relatos divergentes” entre si (EHRMAN, 2008, p. 274).

- A vinculação do nome de Maria Madalena a personagens bíblicas anônimas ou de nomes diferentes, e o significado da presença de mulheres no movimento de Jesus e na formação do cristianismo, em paralelo ao patriarcalismo judaico.

- O silêncio das Epístolas do Novo Testamento sobre Maria Madalena, a omissão ao seu nome na citação paulina sobre as testemunhas da ressurreição (1 Co 15.1-8), e a formação do símbolo da Eva redimida.

- As conflitantes interpretações textuais sobre a personagem, por parte dos Evangelhos gnósticos e das doutrinas cátaras, e a refutação cristã a estes discursos através da hagiografia católica denominada *Legenda Áurea*.

Toda esta temática resultou nas manifestações de diferentes e polêmicas representações iconográficas sobre Maria Madalena, elaboradas durante o

Renascimento e períodos vizinhos, constituindo a sua problemática que abordaremos nas seguintes questões:

- a) Quais as principais representações textuais e imagéticas criadas sobre a personagem bíblica Maria Madalena?
- b) Quais os relatos dos Evangelhos canônicos sobre Maria Madalena que apresentam divergências entre si?
- c) Quais foram os antecedentes histórico-filosóficos que contribuíram para a formação do símbolo da Eva redimida?
- d) Quais foram as contribuições simbólicas e mitológicas de Maria Madalena entre os gnósticos, os cátaros e na *Legenda Áurea*?
- e) Que analogias podem ser identificadas entre as imagens iconográficas de Maria Madalena feitas no período renascentista e adjacentes, e as representações textuais da personagem oriundas do cristianismo e do gnosticismo?

Objetivos da Pesquisa

Objetivo Geral

Analisar as representações **textuais e iconográficas** sobre Maria Madalena, correspondentes às narrativas bíblicas, aos Evangelhos gnósticos, às doutrinas cátaras, à hagiografia cristã *Legenda Áurea*, e os seus reflexos na atualidade.

Objetivos Específicos

- a) Verificar quais foram as representações textuais e imagéticas criadas sobre a personagem bíblica Maria Madalena.
- b) Examinar quais foram os relatos bíblicos escritos sobre Maria Madalena.

- c) Analisar quais foram os antecedentes histórico-filosóficos que contribuíram para a formação do símbolo da Eva redimida.
- d) Sintetizar quais foram as contribuições simbólicas e mitológicas de Maria Madalena entre os gnósticos, os cátaros e na *Legenda Áurea*.
- e) Detectar as analogias entre as representações textuais de Maria Madalena e as suas representações iconográficas do período renascentista.

Caracterização do estudo

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, de carácter exploratório, desenvolvida através de contribuições dos diversos autores, mediante consulta a livros, jornais, revistas, internet, filmes, entre outros, obedecendo aos seguintes aspectos:

- I – Pesquisa Bibliográfica comparada;
- II – Abordagem Histórico-Filosófica.

Universo temporal da pesquisa

Estudo da personagem bíblica Maria Madalena, e as alterações de suas representações manifestas no Renascimento e períodos adjacentes.

Estrutura do trabalho

Para melhor compreensão do trabalho, as informações serão organizadas em capítulos assim distribuídos:

➤ Na **Introdução** está relacionada: Justificativa; metodologia; problema; objetivos; caracterização do estudo; universo temporal da pesquisa; e estrutura do trabalho.

➤ O primeiro capítulo relatará **os caminhos científicos da pesquisa**, numa abordagem sobre os principais acontecimentos histórico-filosóficos que influenciaram as obras dos pintores citados no trabalho; as origens dos textos objeto da pesquisa; o pensamento dos filósofos e teóricos do imaginário no que diz respeito aos raciocínios aplicados no desenvolvimento do tema; os fundamentos das representações sociais; as motivações da escolha; os procedimentos para coletas de dados; os instrumentos criados para dar consistência à análise; e os textos básicos de consulta.

➤ O segundo capítulo trará uma **síntese historiográfica das representações sobre a personagem bíblica Maria Madalena** nas interpretações dos cristãos primitivos e dos seus contemporâneos não cristãos, relacionados com as perícopes de Lucas 8:1-3 e João 20:1-18.

➤ O terceiro capítulo tratará de uma **análise literária dos relatos bíblicos sobre Maria Madalena** mediante estudos sistemáticos e paralelos dos textos que a mencionam, e dos textos que não mencionam o seu nome, mas que os intérpretes a identificam como a personagem da narrativa. Abordagem sobre a identidade de cada mulher presente nas cenas da crucificação e da ressurreição, as identidades das mulheres que ungiram Jesus, e a identidade do *discípulo amado* citado no quarto Evangelho, pelo mesmo motivo de também serem confundidos por alguns intérpretes como sendo a personagem objeto da nossa pesquisa.

➤ O quarto capítulo falará sobre **os antecedentes histórico-filosóficos que contribuíram para a formação do símbolo da Eva redimida**, mediante abordagens sobre a presença de mulheres no movimento de Jesus; os modelos patriarcais de repressão à mulher; a quebra dos paradigmas patriarcais pelos princípios de igualdade introduzidos por Jesus; o papel da mulher na formação do cristianismo primitivo; as doutrinas paulinas sobre a mulher; a formação do cânon do Novo Testamento; o óbice para o exercício de liderança feminina na Igreja católica; o símbolo da Eva Redimida.

➤ O quinto capítulo tratará das **construções mitológicas acerca de Maria Madalena**, mediante um relato sobre **os gnósticos** e as raízes do gnosticismo; as querelas ocorridas entre os gnósticos e a Igreja cristã dos primeiros séculos; as crenças gnósticas, os Evangelhos, suas práticas, visões de mundo e interpretações sobre a Crucificação e a Ressurreição de Jesus e sobre a representação de Maria Madalena na cena da ressurreição; análise comparativa entre o discurso gnóstico e o discurso bíblico nas questões análogas; **a masculinidade de Deus segundo o gnosticismo**; **os cátaros** e a Inquisição; **a *Legenda Áurea* e as representações iconográficas de Maria Madalena**, mediante análise do texto, verificação da influência de sua narrativa nas representações iconográficas renascentistas e adjacentes, análise e comparação entre os ícones renascentistas e as representações medievais da Santa; abordagem sobre a consolidação imagética do Mito da Prostituta e sua repercussão na atualidade.

➤ Por fim, as **Considerações Finais** que exporão as análises resultantes da pesquisa, e as **Referências Bibliográficas**.

Síntese do trabalho

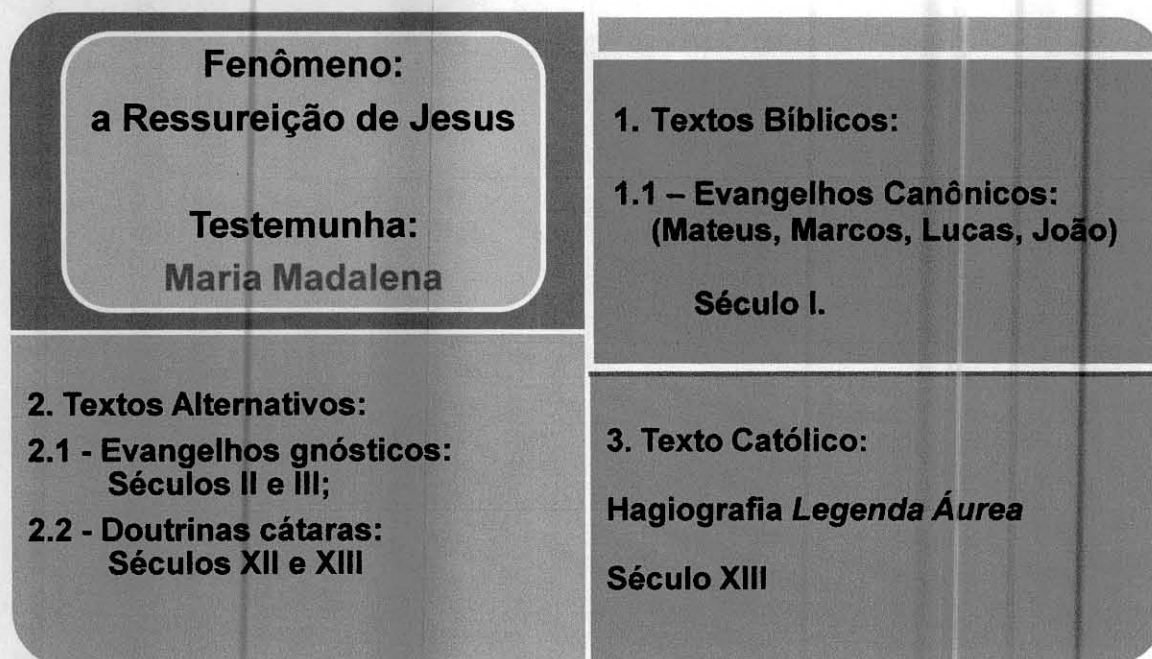


Diagrama 1 - Síntese do trabalho

CAPITULO 1

CAPITULO 1

OS CAMINHOS CIENTÍFICOS DA PESQUISA

Por se tratar de relevante testemunha da história da salvação no contexto cristão, desde os primórdios, Maria Madalena tem provocado acirrados debates entre os doutores do cristianismo e os seus oponentes, tendo sido uma das causas que motivou a repressão ao gnosticismo por parte da Igreja e, também, do extermínio dos gnósticos cátaros, pela Inquisição.

Mas, a tentativa da Igreja em calar os gnósticos e seus seguidores cátaros, mostrou-se infrutífera para conter a curiosidade de se descobrir os fatos que não estão registrados nas páginas dos Evangelhos canônicos, que são os textos fundantes sobre a personagem, e onde as poucas menções ao seu nome estão sempre associadas a algum acontecimento relacionado com Jesus.

As descobertas arqueológicas, em 1945, no Egito, de fragmentos de manuscritos gnósticos, reascenderam a questão sobre o gnosticismo e o que eles dizem a respeito de Maria Madalena, uma vez que seus conteúdos conflitam com os ensinamentos da Igreja, despertando pesquisadores em todo o mundo para um reexame da matéria, nos relatos históricos, e nos escritos canônicos e apócrifos.

O recente interesse pela averiguação dos textos sagrados tem lançado no mercado polêmicas obras literárias, de renomados escritores, que se debruçando na busca do conhecimento sobre a personagem, têm amalgamado o real e o simbólico, não a deixando restrita ao campo do sagrado, onde ela fez nome, mas trazendo-a, também, para o profano, a fim de que realize a função social de modelo comportamental, segundo a visão de mundo dos seus autores.

Assim, a investigação do conhecimento sobre Maria Madalena, ultrapassou as fronteiras da teologia, na construção de uma abordagem interdisciplinar das suas representações, nos aspectos antropológicos, sociológicos, psicológicos e das disciplinas afins, que buscam explicação para a fundamentação da multiplicidade de facetas que revestem a personagem, e que contribuem como modelo comportamental no contexto sociocultural da relação indivíduo-sociedade.

Observa-se, entretanto, que apesar de toda esta incessante busca contemporânea, é na investigação das obras textuais sobre Maria Madalena que

circulavam nos meios culturais renascentistas, como também na iconografia da Santa produzida naquele período compreendido historicamente entre os fins do século XII e meados do século XVII, que se encontrarão as explicações para as suas múltiplas representações imagéticas. O próprio desenvolvimento histórico daquela época é a chave para o nosso entendimento.

É sabido que as profundas mudanças vivenciadas pela cultura renascentista, na Filosofia, na Religião, na Ciência e na Arte, ganharam impulso a partir da criação da tipografia por Gutenberg (c.1398-1468).

A invenção do prelo móvel tornou possível a produção de livros em larga escala, a começar com a impressão da Bíblia em 1442, e outros livros cristãos, seguida dos clássicos da antiguidade. Platão, Aristóteles, Heródoto, Virgílio, Sêneca e outros autores greco-romanos da filosofia e da mitologia passaram a ser traduzidos e rapidamente difundidos.

Giovanni Boccaccio (1313-1375), em sua obra *a Genealogia dos deuses*, havia realizado um vasto trabalho enciclopédico sobre os mitos, com explicações ecléticas em que dava ao mesmo mito, interpretações literais, moral-simbólico e alegóricas. Patai afirma que a preocupação de Boccaccio “era mostrar as lições edificantes da moral cristã sob a capa dos mitos pagãos.” (PATAI, 1972, p. 23).

A releitura dos clássicos greco-romanos e da sua mitologia criou um novo capítulo na história da interpretação dos mitos, e conduziu à rejeição da até então dominante filosofia escolástica medieval, dando lugar à filosofia humanista cuja doutrina afirma “ser o homem [e não Deus] o criador dos valores morais, que se definem a partir das exigências concretas, psicológicas, históricas, econômicas e sociais que condicionam a vida humana” (DICIONÁRIO AURÉLIO).

A filosofia humanista abriu a porta para as novas e importantes reflexões filosóficas posteriores. A impressão da Bíblia estimulou a Reforma Protestante. A teoria do heliocentrismo gerou novos horizontes, que impulsionaram as pesquisas científicas. Todo conhecimento advindo àquele período, aliado ao desejo incontido da liberdade de pensamento, até então reprimido pelo clero, conscientizou o homem a fazer uso do seu direito inalienável de reflexão, conduzindo a uma sucessão de importantes descobertas científicas iniciadas por Galileu (1564-1642) e que possibilitaram o desenvolvimento da Ciência.

Todos esses importantes acontecimentos ocorreram durante o Renascimento. E toda essa explosão de conhecimento cultural foi absorvida pelos artistas da época e, subentende-se, retratada nas suas obras naquilo que concernia ao objeto da sua arte (BEER, 2007).

Uma aclamada obra literária no período renascentista, que levou conhecimento sobre Maria Madalena foi a *Legenda Áurea*, uma obra hagiográfica escrita entre 1253 e 1270, por Jacopo de Varazze (1226-1298), com a finalidade de combater os cátaros e justificar a discriminação à mulher e a aversão à sexualidade impostas pelo catolicismo, mas que também se tornou a obra literária mais utilizada nas representações artísticas dos santos católicos, servindo, assim, como fonte de inspiração para famosos pintores renascentistas, importantes formadores da opinião pública.

Observa-se que toda historiografia e imaginação sobre Maria Madalena está dividida em antagônicas interpretações, expressando cada uma delas, as doutrinas e visões de mundo exclusiva da fonte em que se fundamentam, seja ela, os Evangelhos canônicos, ou os Evangelhos gnósticos, ou mesmo a *Legenda Áurea*. Entretanto, as narrativas dos Evangelhos canônicos, constituem os textos fundantes sobre ela, por serem os mais antigos – datam do Século I –, sendo, portanto, os registros históricos oficiais sobre a personagem. Segundo os estudiosos, o Evangelho gnóstico de Maria, data do Século II (LELOUP, 2005).

Estas três obras – os Evangelhos canônicos, os Evangelhos gnósticos, e a *Legenda Áurea* –, têm sido fundamentais na formação das multifacetadas representações de Maria Madalena. Mas, com especialidade a *Legenda Áurea*, porque, para ela convergem as evidências de ter sido a maior fonte de consulta na produção artística de obras religiosas do período renascentista. As lendas narradas naquela hagiografia foram transformadas em ícones que consolidaram e perpetuaram as representações dos Santos e das Santas do catolicismo, através das pinturas e esculturas de famosos artistas.

Os estudos acadêmicos sobre as representações sociais – categoria a que pertencem às crenças representadas nos ícones –, demonstram que elas se manifestam através de símbolos que os homens expressam, da forma como pensam, ou percebem o objeto da representação. E decorrem de mensagens

mediadas pela linguagem, construídas socialmente, e ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem (FRANCO, 2004). A linguagem é a chave para a construção da representação, e constitui o homem, seu receptor, sujeito do conhecimento. É, portanto, a representação um ato humano de conhecimento, em que o sujeito cognoscente, incorpora a sua identidade (MORIN, 1996).

Sabemos que o Renascimento é considerado um dos períodos históricos em que ocorreu um grande número de consagradas produções artísticas. Entretanto, quando entendemos, academicamente, que o pintor ou escultor, no exercício da sua atividade criadora de representação, é sujeito cognoscente, podemos compreender, também, que grande parte do que está projetado no objeto do seu trabalho, isto é, na sua pintura, na sua escultura é produto da sua imaginação, reflete o entendimento do sujeito do conhecimento, ou seja, da sua própria consciência, qualquer que seja o tema em lavor.

À luz da Filosofia, é através da consciência que o ser humano é capacitado a conhecer, saber que conhece e saber o que sabe que conhece. É a consciência que faz a reflexão do conhecimento, realiza a análise e síntese, cria representação e significação para explicar, descrever e interpretar a realidade da vida consciente, sendo, portanto o sujeito do conhecimento (CHAUI, 2001). “O conhecimento não vem das coisas para a consciência, mas vem das idéias da consciência para as coisas”. (Idem, p. 235). Segundo Descartes: “Nada pode haver em mim, ou seja, em minha mente, de que eu não tenha consciência.” (apud MOSER, 2004). É, portanto, consensual no entendimento acadêmico que as representações sociais manifestam a reflexão do sujeito do conhecimento.

Numa análise sobre o pensamento de Moscovici – criador da teoria das Representações Sociais – acerca do processo social da produção do conhecimento em torno das representações sociais, Mazzotti afirma que:

“Ao formar sua representação de um objeto, o sujeito, de certa forma, o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo, de modo a adequá-lo ao seu sistema de valores, o qual, por sua vez, depende de sua história e do contexto social e ideológico no qual está inserido”. (apud FRANCO, 2004, p.171).

Assim, independe se a origem do conhecimento adquirido pelo artista estava no seu próprio imaginário, no seu pensamento, ou num acontecimento real, histórico, religioso, social. Ou ainda em outras obras de arte, e até mesmo em informações literárias, como acreditamos fosse o caso dos artistas renascentistas, nos quais as obras de arte proliferavam rapidamente representando os personagens aflorados dos livros filosóficos e mitológicos, que abundantemente circulavam naquele período sob as benesses da invenção do prelo, e ao sabor da novidade trazida pela descoberta humana daquele engenhoso e promissor invento.

Assevera Morin (1996) que o conhecimento não pode refletir diretamente o real, só pode traduzi-lo numa outra realidade, através de signos, símbolos, idéias, representações, teorias.

Por todos estes raciocínios, entendemos que as imagens de Maria Madalena produzidas durante o Renascimento, através das obras de arte, não traduzem a realidade histórica da personagem, mas são representações que consolidaram os símbolos e mitos a ela atribuídos nos primeiros séculos do cristianismo, e retratados segundo as interpretações e juízos de valores dos artistas renascentistas, sendo, portanto, relevantes para a nossa pesquisa, porque as imagens consolidadas nos ícones, por eles produzidos, refletem as representações simbólicas e mitológicas da personagem, e disseminam conhecimento para a atualidade sobre o imaginário que, a envolve e a projeta em diversos modelos de comportamento.

Detectamos esta propriedade que têm os mitos de representar diversidade de modelos, quando consultamos os mitógrafos. Para Eliade, por exemplo, o pensamento simbólico é consubstancial ao ser humano. As imagens, os símbolos e os mitos “respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.” (ELIADE, 2002, p. 8-9). Para Malinowski, a função do mito, “consiste em fortalecer a tradição e dotá-la de um valor e prestígio ainda maiores ao retroagi-la a uma realidade mais elevada, melhor e mais sobrenatural, de eventos iniciais.” (apud BARRIO, 2005. p. 170). Segundo Luccioni, o mito tem uma função restauradora, e que é por isto que eles são tão explorados pelos regimes políticos e pelas sociedades quando buscam se estabelecer, se legitimar (LUCCIONI, 1977). E, finalmente, Rubenstein afirma que a função do mito e do

símbolo “é dar profunda expressão aos nossos sentimentos nos momentos decisivos e nas crises da vida.” (apud PATAI, 1972, p. 157).

Em Monografia apresentada à UFPB, em 2006, para aquisição do título de Especialista em Ciências das Religiões, fizemos uma abordagem sobre Maria Madalena no que diz respeito à análise da diversidade de status – prostituta, esposa ou serva de Jesus – que lhe foram conferidos pelas teorias do imaginário, segundo as interpretações do clero, da cultura popular e da mídia, referindo-nos apenas ao período compreendido entre a fundação da Igreja e o final da Idade Média.

Nesta Dissertação, estamos analisando as *Representações de Maria Madalena na perspectiva bíblica e contemporânea*. Pretendemos com esta pesquisa compreender os modelos comportamentais da personagem e sua influência na sociedade hodierna, ou seja, compreender as crenças das vertentes formadoras de suas representações, no intuito de detectar os modelos de comportamento delas extraídos.

Fundamental para a decisão da nossa escolha referente ao objeto da pesquisa foi o nosso interesse acadêmico pelos estudos de gênero no âmbito Interdisciplinar das Ciências das Religiões. Em se tratando das representações de Maria Madalena, uma construção, sobretudo, do cristianismo, religião que – somadas todas as suas denominações, segundo a última pesquisa a que tivemos acesso (MARTINEZ, 2009) –, ainda detém o maior número de adeptos no mundo, o foco de sua abordagem na realização desta pesquisa contribuirá para uma melhor compreensão da sociedade contemporânea.

Perfazendo um recorte, no relato bíblico, pretendemos com esta pesquisa, fazer uma análise comparativa com os evangelhos gnósticos e a hagiografia *Legenda Áurea*, para detectarmos as convergências e divergências entre eles e evidenciar as decorrentes representações imagéticas da personagem, com foco no período renascentista, e adjacente, pelas razões já expostas. Esclarecemos, todavia, que, embora o foco da nossa pesquisa esteja delimitado ao período renascentista, não é o nosso objetivo analisar o estilo das obras de arte abordadas. A nossa intenção é mostrar as imagens da personagem objeto da nossa investigação, produzidas durante o Renascimento, para compará-las com as produções artísticas sobre a mesma, de períodos imediatamente anteriores e

posteriores, a fim de evidenciar que a multiplicidade de suas representações ocorridas no Renascimento é fruto de diferentes e conflitantes interpretações cristãs e gnósticas, notórias, principalmente, nas mudanças de suas vestes. Esclarecemos, igualmente, não ser a nossa pretensão esgotar a complexidade envolvida na discussão do tema proposto, nem resgatar a biografia da Santa, visto que isto seria de todo impossível, pela própria escassez de informações históricas sobre ela.

Para aprofundar o nosso conhecimento no texto fundante, seguimos o modelo de pesquisa ensinado por Ehrman aos seus alunos: “Abram o Novo Testamento e procurem os relatos da ressurreição de Jesus, comparando-os detalhadamente” (EHRMAN, 2008, p.274).

Para suprir nossa impossibilidade de acesso aos manuscritos da língua original, tivemos o cuidado de consultar várias traduções da Bíblia – conforme relacionado nas Referências Bibliográficas –, incluindo a *Bíblia de Jerusalém* e a coleção *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, de autoria de Russel N. Champlin (1982), que traz o texto bilíngüe em grego e português, e contém o mais amplo comentário textual de todas as traduções existentes no Brasil. Todos os textos bíblicos em citação direta no presente trabalho foram reproduzidos desta coleção.

No procedimento de pesquisa da narrativa bíblica, fizemos uma análise comparativa dos Evangelhos canônicos, garimpando suas páginas numa perspectiva detetivesca, na tentativa de enxergar claramente, minuciosamente, se possível, os passos de Maria Madalena e suas companheiras, sobretudo no alvorecer do domingo da ressurreição de Jesus.

Nesta investigação desprezamos os dogmas e assumimos o nosso papel de sujeito cognoscente na interpretação do texto, revestido, porém, da neutralidade acadêmica necessária, e aplicando os critérios científicos de análise hermenêutica. Neste intento, montamos primeiro, um único relato a partir da univocidade nas narrativas paralelamente expostas. Em seguida, depois de examinarmos cuidadosamente a divergência irreconciliável e de outros indícios, colocamos as informações isoladas, observando a coerência interna do texto.

Para o registro dos resultados desta análise exegética, e com a finalidade de detectar a evolução histórica dos textos e esclarecer as divergências, criamos uma

harmonia dos Evangelhos canônicos, através da elaboração de quadros paralelos que exibem simultaneamente os relatos dos quatro autores e nos dão uma visão mais ampla do ocorrido, possibilitando uma melhor análise e interpretação, como será apreciado no terceiro Capítulo.

O conteúdo da nossa investigação atrela-se às interpretações dadas às narrativas bíblicas que se encontram nos recortes de Lucas 8:1-3 e João 20:1-18, definidos como foco da pesquisa. Neste estudo, abordaremos uma breve historiografia do cristianismo primitivo, do gnosticismo e dos cátaros, incluindo seus discursos, seus cânones, suas crenças, práticas, visões de mundo e seus posicionamentos sobre Maria Madalena, bem como a construção da imagem mítica da personagem, e dos significados dos mitos, símbolos e representações a ela associados. Analisaremos a formação da hagiografia de Maria Madalena elaborada por Varazze (2003) e detectaremos os símbolos e mitos consolidados através do seu relato. Faremos análise comparativa entre os Evangelhos canônicos, os gnósticos e a *Legenda Áurea* no que diz respeito aos relatos sobre a personagem.

Faremos ainda abordagens sobre o papel da mulher no judaísmo, no cristianismo primitivo e na Igreja Católica. Examinaremos as questões sobre o patriarcalismo judaico-cristão, e a masculinidade de Deus segundo a visão gnóstica. Ilustraremos algumas abordagens com quadros analíticos e figuras representativas dos ícones da personagem expressos em obras de arte.

Serão priorizados como texto básico de consulta, a Bíblia Sagrada (Velho e Novo Testamento), os Evangelhos gnósticos, e a hagiografia *Legenda Áurea*, bem como reconhecidos autores antigos e contemporâneos de importantes obras especializadas nas diversas áreas da pesquisa, que enfatizam a personagem ou são relevantes para o seu conhecimento, conforme relacionados na bibliografia. Entretanto, pela complexidade do tema e vastidão de obras atuais, que discursam sobre ele, muitas das quais indispensáveis pelas ricas informações que trazem para o conhecimento das diversas matérias abordadas – Maria Madalena, mitologia, manuscritos apócrifos, comentários bíblicos, hermenêutica, questões de gênero, iconografia, história do cristianismo, do gnosticismo e dos cátaros –, entre outros, fizemos uma seleção, pelo enfoque central do assunto abordado por cada teórico, sem que isto signifique que apenas estes serão consultados:

- ***História da Igreja Cristã***, do escritor Williston Walker, que versa sobre a história do Cristianismo;
- ***Imagens e sombras de santa Maria Madalena na literatura e arte portuguesas – a construção de uma personagem: simbolismos e metamorfoses***. Tese de autoria de Helena Barbas, defendida em novembro de 1998, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Trata-se de uma profunda pesquisa sobre os múltiplos temas que envolvem a personagem Maria Madalena;
- ***Maria Madalena: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida***. Da escritora Lilia Sebastiani, que traz uma narrativa da evolução histórica e mitológica da personagem;
- ***Maria Madalena: o feminino na luz e na sombra***. Da escritora Anna Patrícia Chagas Bogado, que trata sobre o mito do princípio feminino;
- ***O Evangelho de Maria: Miriam de Mágdala***. Do escritor Jean-Yves Leloup, que traz uma tradução e comentários sobre o Evangelho gnóstico de Maria Madalena, e faz uma abordagem sobre os mitos e os símbolos a ela atribuídos.
- ***Pedro, Paulo e Maria Madalena: A verdade e a lenda sobre os seguidores de Jesus***, do escritor Bart D. Ehrman, que faz uma análise histórico crítica sobre o relato bíblico, os Evangelhos gnósticos e a personagem.

CAPÍTULO 2

SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A PERSONAGEM BÍBLICA MARIA MADALENA

É na formação do cristianismo que tem origem a história de Maria Madalena. Dentre as perícopes bíblicas que a mencionam, duas se tornaram alvo das mais diversas e conflitantes interpretações exegéticas, que fragmentaram a memória da personagem em múltiplos símbolos e mitos criados mediante antagônicas interpretações às narrativas fundantes.

A primeira perícope bíblica utilizada como fundamento para interpretações contraditórias sobre Maria Madalena encontra-se no Evangelho de Lucas, e afirma que ela fora curada de sete demônios (figura 1), e que seguia Jesus em suas viagens e o servia com os seus bens, juntamente com outras mulheres que igualmente o acompanhavam e o serviam (Lc 8.1-3). Porém, o relato que antecede este registro, trata da história de uma mulher anônima, que tem sido interpretada como uma prostituta, uma vez que, segundo a narrativa de Lucas, era uma pecadora arrependida que ungira Jesus na casa de Simão, o Fariseu (figura 2).

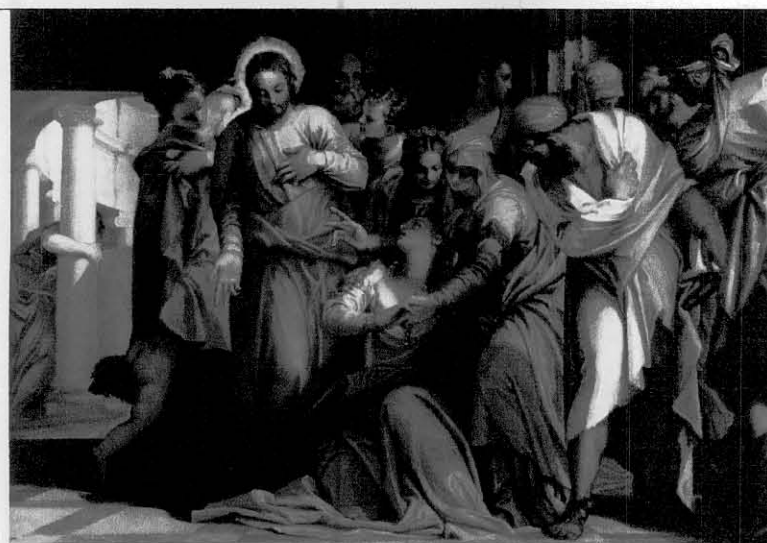


Figura 1 – *Conversão de Maria Madalena.*
Paolo VERONESE (1547).



Figura 2- *Maria Madalena na Casa de Simão, o Fariseu*
(1656) Philippe de CAMPAIGNE

A proximidade entre essas duas narrativas (Lc 7.36-50 e 8.1-3) gerou um impasse na história de Maria Madalena, obstruindo o consenso sobre a sua real

identificação. Tertuliano (150-222), como já mencionamos, foi o primeiro teólogo de que se tem conhecimento, a afirmar que a pecadora anônima, interpretada como tendo sido uma prostituta arrependida, era a própria Madalena. Entretanto, apesar do assunto ter sido objeto de discussão por parte de muitos estudiosos, como Irineu (c. 130-202 d.C.), Orígenes (185-254 d.C.), Jerônimo (340-420), Santo Agostinho (354- 430) e Crisóstomo (c. 349-407 d.C.), até o Século VI, não havia um consenso entre os doutores da Igreja sobre esse entendimento (CHAMPLIN, 1982).

O documento mais citado que estabeleceu a identidade entre Maria Madalena e a pecadora anônima, trata-se de um sermão pronunciado na Páscoa de 591, na Igreja de Latrão, em Roma, pelo Papa Gregório I (590-604 d.C.), no qual ele não apenas identificou como sendo uma só as duas mulheres citadas por Lucas, como também incluiu a mulher adúltera de Jo 8:1-11 (figura 3), e Maria de Betânia, irmã de Marta e de Lázaro (Jo 12:1-3), asseverando que todas elas se tratavam de uma mesma pessoa (STARBIRD, 2004). Essa declaração papal deu “autoridade e aceitação” à figura de Maria Madalena como a prostituta que se arrependeu e se converteu a Jesus (CHAMPLIN, 1982, vol. 2, p. 78), estimulando o imaginário de famosos pintores como Guercino (1591-1666), Tiziano (? – 1532), Carracci (1557-1602), e muitos outros que acrescentaram à iconografia da personagem a representação da prostituta através do ícone *Madalena Penitente* (figura 4):

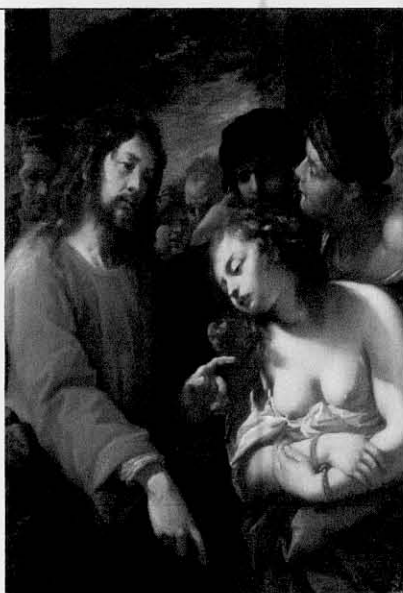


Figura 3 – *Cristo e a mulher flagrada em adultério*. Giuseppe NUVOLONE (1619-1703).



Figura 4 – *A Madalena Penitente*. Agostino CARRACCI (1557- 1602).

Desta maneira, apesar de atualmente ser reconhecido não haver “qualquer evidência de qualidade em apoio à identificação [de Maria Madalena] com a mulher pecadora do sétimo capítulo do Evangelho de Lucas, e nem com Maria de Betânia” (CHAMPLIN, 1982, vol. 2, p.460), a personagem passou a ser identificada no imaginário do cristianismo ocidental como a *pecadora penitente*, ou a *prostituta arrependida*, como é mais conhecida popularmente.

A segunda perícopes do Novo Testamento que tem gerado polêmica sobre a personagem, encontra-se no quarto Evangelho e se constitui no relato bíblico de maior relevância sobre ela, como também para os cristãos, porque se refere à declaração da Ressurreição de Jesus.

Segundo João, Maria Madalena foi a primeira pessoa a ver, falar, e tocar em Jesus Ressuscitado (Jo 20.11-18). O testemunho da personagem tornou-se alvo de toda discussão sobre o acontecimento, pela própria singularidade do fenômeno, como também pelo fato de ter sido especificamente uma mulher, sua primeira testemunha, numa época em que, por proibição remanescente da lei mosaica as mulheres eram impedidas de serem testemunhas em processos penais, exceto quando o fim era altruístico (BRAGA, 2002). Neste sentido pondera Bock:

Maria Madalena foi testemunha da solução do maior mistério de todos os tempos. Testemunhou a ressurreição de Jesus. Testemunhou a vida de Jesus. [...] Quando investigamos a vida de Maria Madalena, verificamos o quão seria historicamente contraditório que a Igreja inventasse que as mulheres foram as primeiras a verem Jesus. Culturalmente, no século I, elas não teriam nenhuma credibilidade como testemunhas. Em outras palavras, aquele evento único gerou o testemunho (BOCK, 2004, p. 176).

A perícopes tornou-se conhecida de todos os povos que tomaram conhecimento do querigma cristão (crucificação, morte e ressurreição de Jesus). Mas as opiniões se divergem quanto ao que representa a presença da mulher na cena da ressurreição.

A interpretação dada por alguns autores medievais, tais como Hipólito, bispo de Roma (170-235 d.C.), é que Maria Madalena representava a Igreja e estava associada à noiva descrita em Cantares de Salomão 1:5. Seria assim, arquétipo de Eva, mas num sentido oposto. Eva foi causadora da queda do homem. Maria

Madalena, que se encontrara com Jesus ressuscitado e fora testemunha de sua efetiva assunção como Divindade, como o Cristo, tornou-se a anunciadora que legitimou a mensagem de salvação aos descendentes de Eva e de Adão. Segundo Barbas (2006, p. web), Hipólito de Roma foi o primeiro a chamar 'apóstolas dos apóstolos' ao grupo das Santas mulheres que foram ao sepulcro, e que depois do testemunho de Maria Madalena, também viram a Jesus ressurreto (figura 5):



Figura 5 - **Ressurreição** – *Noli me tangere* (1304-06)
GIOTTO di Bondone (1266-1337).

Esse entendimento encontrou opositores no judaísmo rabínico, que tem interpretado a mulher de *Cantares* como sendo a própria Israel, por ser ela a nação citada na Bíblia que será o alvo do cumprimento de toda Escatologia.

Tendo o clero, pelo já mencionado motivo dos registros lucanos, identificado Maria Madalena como a *prostituta arrependida* ou a *pecadora penitente*, mas, sabendo, contudo, da maior importância do seu testemunho no que diz respeito à ressurreição, que a associa à tipologia da noiva de *Cantares*, atribuiu-se à personagem, no contexto do cristianismo, o símbolo teológico da *Eva Redimida*.

Essa dupla imagem da *Eva redimida* e da *Pecadora Penitente*, se fundiram e figuraram a memória de Maria Madalena, dando, a partir do Renascimento, diversidade à sua iconografia, em múltiplas representações de cenas supostamente vividas pela personagem.

Porém, nesta diversidade de representações, observa-se sensível mudança nas vestes da Santa, entre as obras de arte que foram pintadas às vésperas do Renascimento e as posteriores. As obras do primeiro período, a exibem sempre coberta desde a cabeça até os pés, por um longo manto, enquanto que a partir do Renascimento, Maria Madalena passou a ser retratada quase sempre, despida ou seminua, num provável resultado da influência da hagiografia que Varazze (2003) escreveu para combater os cátaros.

Desde então, apenas nos quadros intitulados *Noli me tangere*, que representam a cena do testemunho da Ressurreição (figura 6), e alguns que a representam como uma dama (figura 7), a personagem é retratada, invariavelmente bem vestida:

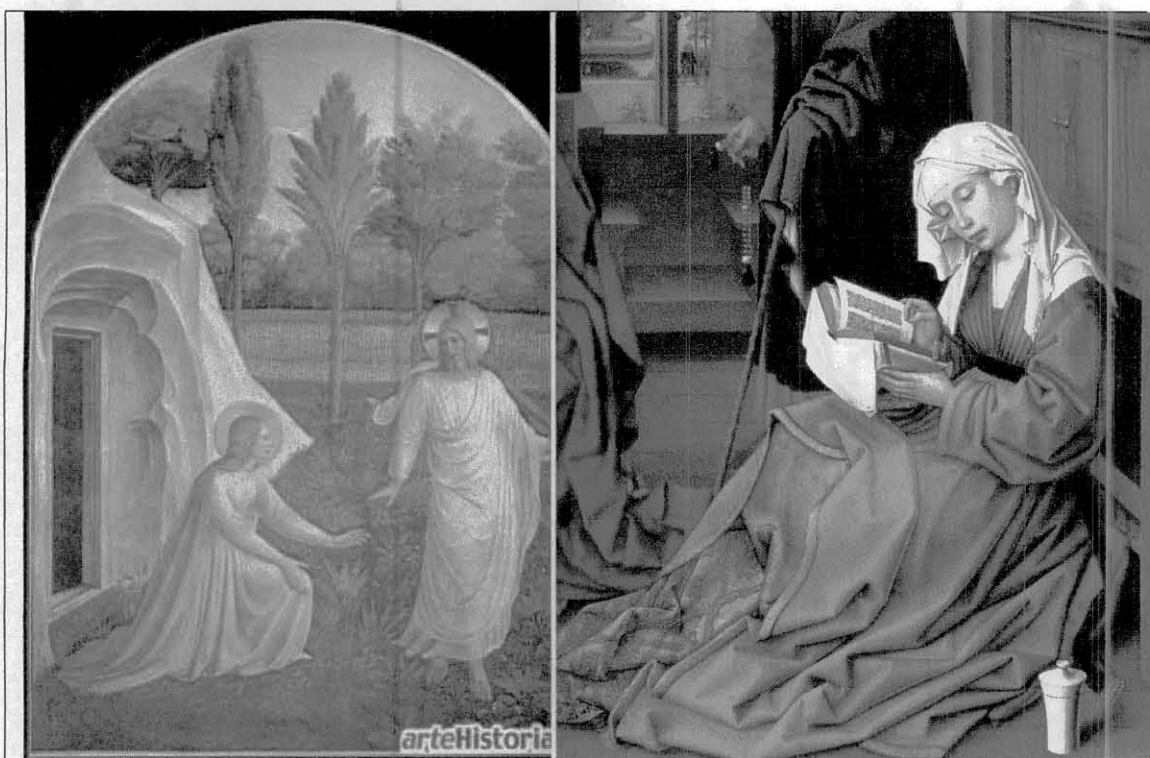


Figura 6 – **Ressurreição** – *Noli me tangere* - Fra ANGÉLICO (c. 1400-55)

Figura 7 - **Madalena lendo** (c. 1445)
Rogier van der WEYDEN (1400-1464)

Entretanto, na maioria das pinturas que representam o símbolo da *Eva Redimida*, e que são denominadas *Madalena penitente*, ou simplesmente *Madalena*, a personagem é exibida nua ou seminua, evidenciando, quase sempre, as características de *Prostituta*, como se vê nas figuras 8 e 9:

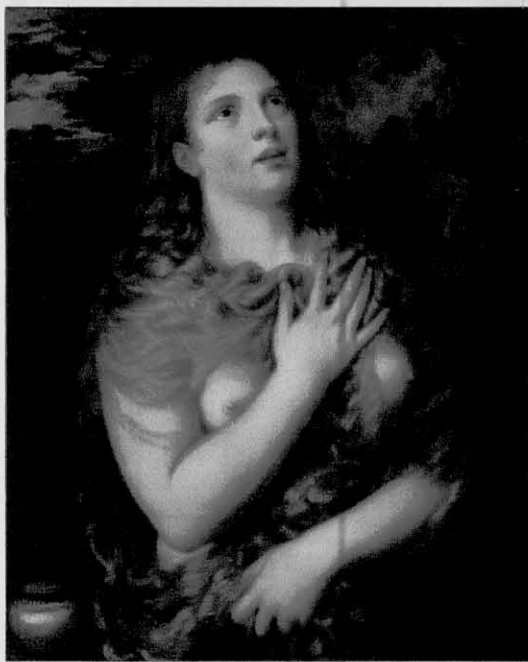


Figura 8 - **Santa Maria Madalena** (1532)
Vecellio TIZIANO (1490-1576)



Figura 9 - **Maria Madalena em Penitência**
(1576) EL GRECO (1541-1614)

Os gnósticos contestaram a interpretação cristã da ressurreição de Jesus, assegurando que Maria Madalena não o vira no seu corpo físico, mas numa visão aparente, porque se tratava da discípula mais amada por Ele. E justificavam a cena do seu encontro com Jesus, afirmando esotericamente que ela representava o retorno à busca do *princípio feminino*, era a representante do *princípio feminino*, que procurava o seu Mestre em busca da sua metade masculina. Ela era a discípula amada que retornava do pleroma, ou seja, do reino do espírito, para buscar o seu princípio masculino, a fim de unir-se a ele e voltar ao estágio primeiro de ser assexuado. Neste entendimento afirma Bogado (2005, p. 157):

Madalena e Jesus também representam o par Feminino-Masculino, e neste sentido Madalena também é importante para Jesus, para os seus discípulos, para o cristianismo, uma vez que ela resgata a humanidade de Jesus, e através da transformação que se dá, com eles e a partir deles, resgata a sexualidade para o cristianismo. É ela

quem introduz o perfume, o vaso-corpo e o corpo-vaso, os beijos nos pés do Mestre, as lágrimas, os cabelos... a sua história inicia-se de onde todos iniciamos: da nossa natureza corpórea, terrena, humana.

A proposição de que Maria Madalena teria sido esposa de Jesus, surgiu entre os gnósticos para fundamentar a negação da ressurreição, e a afirmativa de que o fenômeno não passou de uma farsa. Na Idade Média, entretanto, esta hipótese ganhou uma nova dimensão, através dos cátaros, os quais, não só defendiam o relacionamento conjugal entre Jesus e Maria Madalena, como também passaram a afirmar que dessa união nascera uma filha. O pressuposto foi representado por vários pintores, como Giampietrino (1495-1549) e La Tour (1593-1652) conforme se vê nas figuras 10 e 11, que representam Maria Madalena com evidência de gravidez:



Figura 10 – **Maria Madalena arrependida** [Grávida] GIAMPIETRINO (Gian Pietro Rizzi) (1495-1549)

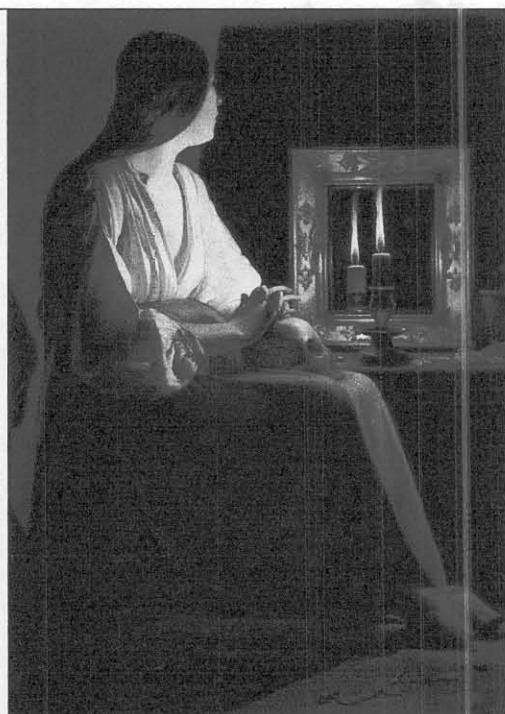


Figura 11 – **A Madalena arrependida** [Grávida] (1638-43) Georges de LA TOUR (1593-1652)

Esta vertente do pensamento gnóstico, pregada pelos cátaros, da insinuação do nascimento de uma filha, fruto do relacionamento erótico entre Jesus e Maria Madalena foi um dos motivos da grande perseguição promovida contra eles por parte do catolicismo. A partir desta história contada pelos seguidores do catarismo, e

em representação a esta interpretação alternativa elaborada pelos cátaros, sobre a presença de Maria Madalena no movimento de Jesus, especificamente na cena da ressurreição, começaram a ser pintadas imagens iconográficas da personagem como uma castelã (figuras 12 e 13), numa simbologia de esposa de Jesus.



Figura 12 – **Santa Maria Madalena** (1490)
Piero di COSIMO (1462-1521)



Figura 13 – **Senhora retratada como Maria Madalena** - Jan GOSSAERT (1478-1533)

Surgiram, igualmente, interpretações contrárias às *doutrinas do querigma* cristão – divindade de Jesus, crucificação, morte e ressurreição –, por parte do paganismo, cujos seguidores entendem que Maria Madalena representa a busca pela comunhão mística com o arquétipo da grande deusa doadora de vida na tentativa de fazer viver o seu amado morto.

Muito se discute sobre suposto paralelismo existente entre o cristianismo e as crenças de ressurreição dos deuses dos cultos de mistérios, e os ritos secretos de iniciação, que os seus seguidores praticavam, na esperança de entrar em comunhão mística com tais divindades, como lavagens cerimoniais, aspersão de sangue, refeições sacramentais, intoxicação alcoólica, dentre outras práticas. Afirma Dias (2006), que a busca de Maria Madalena pelo corpo de Jesus, e o seu encontro

com ele ressurreto, guarda profunda analogia com a busca de Ísis pelo corpo de Osíris e a ressurreição deste:

(...) Ora, esta centralidade de uma figura feminina na morte e ressurreição do Deus feito Homem não é minimamente nova no espaço e nas culturas da região. Talvez a situação mais conhecida seja a da deusa Ísis, esposa de Osíris (...). O primeiro ponto de contacto com o mundo de Maria Madalena reside no facto de, também Osíris, ser morto após um banquete (...). Tal como Madalena, Ísis não desiste após a morte do seu amado. Ísis enceta uma longa e penosa jornada em busca do seu esposo, então retalhado pelo seu irmão (...). Toda a relação entre Ísis e a morte de Osíris é profundamente apelativa quando olhamos para a forma como Maria Madalena foi a primeira personagem a ir ao encontro do seu defunto companheiro e, mais que isso, foi ela que o descobriu, afinal, com vida (DIAS, 2006, p. web).

Conforme argumenta Gundry (1981), tais crenças se revestiam de um carácter simbólico. Não se acreditava na ressurreição do corpo no mesmo sentido em que foi pregada pelo cristianismo:

Prometendo purificação e a imortalidade do indivíduo, freqüentemente esses cultos giravam em torno de mitos sobre uma deusa cujo amante ou filho fora arrebatado dela, usualmente através da morte, para ser subsequente restaurado. (...) As próprias idéias de morte por crucificação e de ressurreição física pareciam abomináveis aos povos antigos, os quais sabiam que a crucificação estava reservada aos criminosos e que concebiam o corpo como uma prisão da alma e como sede do mal. (GUNDY, 1981, p. 40-41).

Portanto, a partir do Renascimento as produções imagéticas sobre Maria Madalena se multiplicaram em diferentes representações, que se dividiam entre a visão do cristianismo primitivo na interpretação do catolicismo, a visão gnóstica, ou a visão do catolicismo romano renascentista, exibindo cada obra elaborada, o pensamento do segmento que o artista executor desejava expor.

O pintor italiano Andrea Sachi (1599-1661), em sua obra intitulada *as três Madalenas* (figura 14), gravou o registro do seu conhecimento sobre essa ambigüidade. O quadro retrata três mulheres, estando uma delas caracterizada de religiosa, outra de castelã, e outra de prostituta, numa simbologia das basilares

reproduções textuais sobre Maria Madalena – os Evangelhos canônicos, os Evangelhos gnósticos e a *Legenda Áurea* –, representando a religiosa, a interpretação do catolicismo aos Evangelhos canônicos; a castelã, a interpretação gnóstica; e a prostituta, a interpretação do clero medieval, ratificada nas páginas da *Legenda Áurea*. Observa-se, na pintura em comento, que a gravura da prostituta se encontra na posição central e mais elevada que as outras, num significativo de ser a imagem firmada como principal representação da personagem.

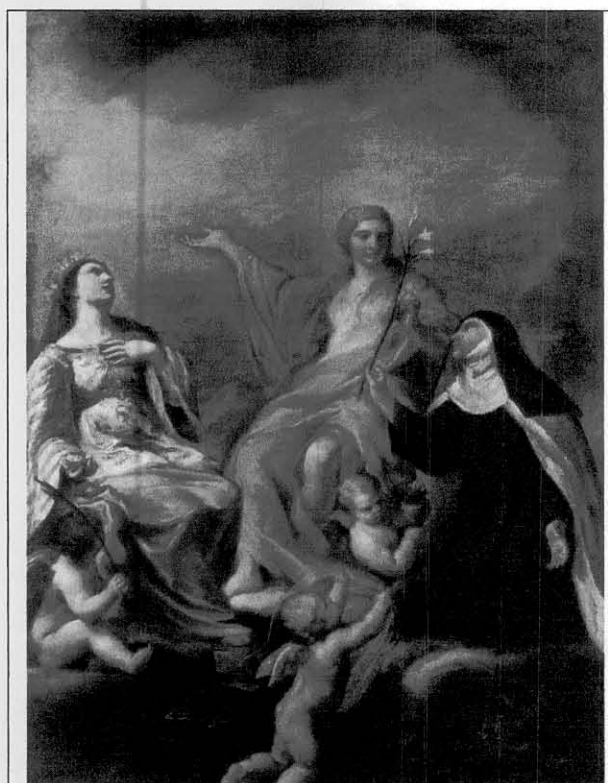


Figura 14 – *As três Madalenas* (1634)
SACCHI, Andrea (1599-1661)

O amálgama de tantas interpretações gerou, na atualidade, uma nova vertente de pensamento que coloca dúvida na autoria do Evangelho de João, afirmando-se que Maria Madalena teria sido a autora daquele texto sagrado, e que isto foi ocultado por questões de gênero, uma vez que a Igreja católica, que é detentora da guarda dos principais documentos que registram a história do cristianismo, não admite a liderança de mulheres.

A busca do conhecimento sobre Maria Madalena, no que diz respeito ao testemunho da ressurreição, se inclina, atualmente, a investigar as causas que lhe deram origem, no âmbito da política e da cultura social.

Ao examinarmos o efeito prático, paradoxal, no movimento cristão, podemos ver como a doutrina da ressurreição do corpo também serve a uma função política essencial: legitima a autoridade de certos homens que reivindicam o exercício exclusivo da liderança sobre as Igrejas como sucessores do apóstolo Pedro. Desde o século II, a doutrina serviu para validar a sucessão apostólica dos bispos; base, até hoje, da autoridade papal. (PAGELS, 2006, p.5).

O estudioso alemão Hans von Campenhausen (apud Pagels, *idem*, p.7) diz que, como “Pedro fora o primeiro para quem Jesus aparecera (...) tornara-se o primeiro líder da comunidade cristã. (...). Marcos e João nomeiam ambos Maria Madalena, e não Pedro, como a primeira testemunha da ressurreição”. Ainda de acordo com Pagels (*idem*, p.14),

Os gnósticos reconhecem que sua teoria, como a dos ortodoxos, tem implicações políticas. Sugere que quem quer que veja o Senhor por meio de uma aparição íntima pode reivindicar que sua autoridade se iguale ou ultrapassa a dos 12 – e seus sucessores.

Todo este relato superficial do que se tem falado sobre a personagem, teve a finalidade de mostrar numa síntese a complexidade que envolve o tema, sendo que neste estudo iremos abordar os objetivos que nos propusemos a investigar, na busca do conhecimento sobre a problemática da pesquisa, a partir de uma análise literária do recorte bíblico relacionado com a personagem, e que será discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE LITERÁRIA DOS RELATOS BÍBLICOS SOBRE MARIA MADALENA

Maria Madalena é, acima de tudo, uma personagem bíblica, envolvida no contexto da história da salvação pregada pelo cristianismo e anunciada nos Evangelhos Canônicos. O seu nome só é mencionado pelos quatro evangelistas em relatos sobre Jesus, especificamente, em sete circunstâncias por ela vividas na qualidade de discípula.

O Evangelho de Lucas registra os seus primeiros passos como seguidora de Jesus, ao declarar que os apóstolos o acompanhavam de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, e que ela havia sido liberta de sete demônios, e juntamente com outras mulheres, seguiam e serviam Jesus com os seus bens (Lc 8:1-3):

Logo depois disso, andava Jesus de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e iam com ele os doze, bem como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios. Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Susana, e muitas outras que os serviam com os seus bens. (Lc 8:1-3).

O papel discreto e silencioso de Maria Madalena nos Evangelhos, e as palavras-chave dita ao seu respeito, que servia ao Senhor com os seus bens, conduzem ao entendimento de que ela era uma dedicada serva que seguia o seu Mestre para servi-lo.

Afora o referido registro em Lucas, o nome Maria Madalena, como tal, só é mencionado pelos quatro evangelistas como uma das testemunhas da crucificação e ressurreição de Jesus, acrescentando os evangelhos sinóticos que ela também teria testemunhado o sepultamento, após isto, juntamente com outras companheiras, comprou as especiarias para ungir o corpo de Jesus no alvorecer do domingo, tendo-se tornado, neste afã, a primeira pessoa a vê-lo ressuscitado.

É, pois, a partir destes relatos da libertação do jugo maligno e do testemunho da crucificação, sepultamento e ressurreição de Jesus que se desenvolveu em torno do nome de Maria Madalena, o símbolo da *Eva redimida* e o mito da *Prostituta* por

parte dos cristãos, bem como o mito da representante do princípio feminino narrado nos Evangelhos gnósticos.

Assim, em apenas, sete momentos (GARDNER, 2006), dentre todos os registros neotestamentários sobre Jesus, o nome Maria Madalena é citado, conforme enumerado no quadro 1:

ORDEM CRONO-LÓGICA	OCORRÊNCIA	CITAÇÃO EÍBLICA
01	Jesus, na sua segunda viagem pela Galiléia, no início do seu ministério é acompanhado pelos doze discípulos e por algumas mulheres que os serviam com os seus bens, dentre elas, Maria Madalena, Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Susana, e muitas outras.	Lc 8:1-3.
02	Nas primeiras horas da crucificação de Jesus, estava junto à cruz, sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena	Jo 19:25.
03	No momento em que Jesus expirou, estavam olhando de longe, as mulheres que o seguiram desde a Galiléia para servi-lo, como Maria Madalena, Maria de Cleofas, e Salomé, a irmã da mãe de Jesus, além de muitas outras mulheres que também o seguiram.	Mt 27:55-56; Mc 15:40-41; Lc 23:49.
04	No momento do sepultamento realizado por José de Arimatéia e Nicodemos, Maria Madalena e Maria de Cleofas, estavam diante do sepulcro para observar onde depositaram o corpo.	Mt 27:61; Mc 15:47; Lc 23:55.
05	As mulheres velaram o sepulcro sábado à tardinha e, terminado o sábado judaico (isto é, depois das 6 horas), Maria Madalena, Maria de Cleofas, e Salomé, foram comprar aromas para irem ungi-lo.	Mc 16:1; Lc 23:56.
06	No primeiro dia da semana, Maria Madalena, Maria de Cleofas, Salomé, e Joana, foram ao sepulcro muito cedo, e viram que a pedra estava removida e que o corpo não se encontrava mais no túmulo. Encontraram um Anjo que lhes falou da ressurreição e enviou-as para anunciarem aos discípulos. Elas foram e contaram o que viram, mas eles não creram e foram pessoalmente ao sepulcro para verificar o ocorrido, e após constatarem que o corpo desapareceu, sem compreenderem o que havia acontecido, voltam para casa.	Mt 28:1-8; Mc 16:2-8; Lc 24:1-12; Jo 20:1;
07	As mulheres voltam ao sepulcro. Maria Madalena permanece em pé do lado de fora, e Jesus, ressurreto, aparece primeiramente a ela, e em seguida às outras mulheres.	Jo 20:11-18; Mt 28:9-10; Mc 16:9.

Quadro 1 – Síntese das citações bíblicas sobre Maria Madalena

A fim de detectarmos as convergências e divergências existentes nos Evangelhos canônicos, com relação às informações sobre a personagem objeto da nossa investigação, façamos agora uma análise sistemática destas narrativas, não só do ponto de vista sinóptico, mas num confronto paralelo entre os quatro evangelistas, no que diz respeito à presença das mulheres na história querigmática do Cristo – Crucificação, Morte, e Ressurreição –, e que constitui o núcleo da mensagem do Cristianismo. Segundo Eliade, “só existe uma maneira de abordar a

religião: atentar para os fatos religiosos. Antes de fazer a *história* de alguma coisa, é muito importante compreender bem essa coisa, em si mesma e por si mesma” (ELIADE, 2002, p. 25).

Neste empenho não nos deteremos em profundidades teológicas, porque não é este o nosso objetivo, mas faremos uma análise literária de caráter sócio antropológico, de metodologia histórico-crítica, mas também compreensiva e interpretativa, dos textos, no intuito de apresentarmos proposta de solução para as aparentes divergências.

Isto se faz necessário, pois estes relatos têm sido alvo de muitas discussões acadêmicas pelas diferenças nas narrativas, influenciando as representações de Maria Madalena, como pretendemos demonstrar no decorrer deste estudo.

3.1 – Maria Madalena testemunha a crucificação e o sepultamento de Jesus

Encontramos no Evangelho de João, que num dado momento da crucificação de Jesus, já próximo à sua morte, sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena se aproximam da cruz. Os Evangelhos sinópticos, também, informam sobre elas, quando descrevem o momento da morte do Cristo. Nesta ocasião, a mãe de Jesus já havia se retirado, conforme fica subentendido em Jo 19.27, e as outras estavam olhando-o de longe.

Os nomes dados por Mateus, Marcos e João – com algumas variantes ligadas a parentesco, como analisaremos mais adiante –, revelam tratar-se das mesmas mulheres. Mateus e Marcos, além dos nomes, também, mencionam que elas haviam seguido Jesus desde a Galiléia. Lucas não cita os nomes, mas fala sobre a presença das mulheres e concorda com Mateus e Marcos, quanto à procedência delas.

Em se tratando de Lucas, quando ele fala das mulheres que seguiram Jesus desde a Galiléia, podemos supor, por inferência ao texto de Lucas 8.2-3, que, na menor das hipóteses, ele esteja se referindo a Maria Madalena. Porém, a forma plural do seu relato, pressupõe a presença de mais de uma mulher, e que estas seriam as mesmas mencionadas pelos outros evangelistas, uma vez que ele não contesta.

Portanto, os quatro relatos convergem para o mesmo entendimento: Maria Madalena e as outras mulheres, que acompanharam Jesus desde a Galiléia assistiram a sua crucificação e morte:

MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
[27:55] Também estavam ali, olhando de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galiléia para o servir;	[15:40] Também ali estavam algumas mulheres olhando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o Menor e de José, e Salomé;	[23:49] Entretanto, todos os conhecidos de Jesus, e as mulheres que o haviam seguido desde a Galiléia, estavam de longe vendo estas coisas.	[19:25] Estavam em pé, junto à cruz de Jesus, sua mãe, e a irmã de sua mãe, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.
[27:56] Entre as quais se achavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.	[15:41] as quais o seguiam e o serviam quando ele estava na Galiléia; e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém.		
* todos os grifos presentes no quadro são da autora.			

Quadro 2 - Mulheres da Galiléia que seguiram Jesus assistem sua crucificação e morte

Os passos seguintes das mulheres são mencionados na cena do sepultamento. Nenhum dos Apóstolos presenciou o episódio, apenas as mulheres, que seguiram Jesus desde a Galiléia, e os autores do sepultamento – José de Arimatéia e Nicodemos –. Subentende-se que o medo dominava os discípulos, naquela ocasião, pela probabilidade de, também, serem condenados, o que é dedutível pela negação de Pedro durante a prisão de Jesus na casa do Sumo Sacerdote (Lc 22.54-62), e pelo fato dos seus conhecidos ficarem distantes na cena da crucificação (Lc 23.49). O único que não demonstrou medo foi o Apóstolo João, visto que entrou com Jesus na sala do sumo sacerdote, introduziu Pedro no recinto (Jo 18.15-16), aproximou-se da cruz e recebeu instruções de Jesus, assumindo publicamente a responsabilidade de cuidar da sua mãe.

É neste último discurso de Jesus, dirigido a João, que encontramos a explicação para a ausência do evangelista no local do sepultamento. A perícopes diz que “desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19.27). Isto conduz

ao pressuposto de que ele teria se retirado do local da execução para levar Maria, a mãe de Jesus para casa, depois que este a entregou aos seus cuidados. Neste raciocínio, encontramos as pressuposições que explicam o fato de João não registrar a presença das mulheres durante o enterro. Ele simplesmente silencia o ocorrido. Sua narrativa limita-se apenas às ações dos autores do sepultamento (Jo 19.38-42). – Mais adiante, faremos uma abordagem sobre as possíveis razões que o levaram a omitir-se de falar sobre a presença das mulheres neste contexto –. Compreende-se no confronto entre as narrativas de Mateus e Marcos que as mulheres a marcarem presença no sepultamento foram duas: Maria Madalena e Maria, mãe de José e de Tiago. Lucas continua sem citar nomes, apenas, registra que no local se encontravam mulheres vindas com Jesus da Galiléia. Não diz quantas, nem quais.

Mas, seguindo o mesmo raciocínio exposto na análise anterior, entendemos que, no caso em comento, ele estava ratificando os relatos de Marcos e Mateus, portanto, estava referindo-se a Maria Madalena e Maria, mãe de José. Entretanto, na análise comparativa deste contexto, nos relatos dos Evangelhos sinópticos, detectamos uma divergência entre Marcos e o registro lucano, no que diz respeito à compra das especiarias.

O primeiro dá a entender que ela foi realizada após o término do sábado, enquanto Lucas informa que foi antes de começar o sábado. Marcos acrescenta o nome de Salomé na perícope da compra das especiarias, conduzindo, assim, a duas possibilidades de explicação que justifiquem a presença da terceira mulher: ou a compra realmente se realizou no término do sábado, ou seja, no dia seguinte ao sepultamento – o que conflita com o texto lucano –, ou então, após saírem do sepultamento, elas se juntaram a Salomé e foram realizá-la – o que entra em conflito com o que diz o próprio Marcos –. As várias tentativas de explicação por parte dos eruditos não têm solucionado a questão, se a compra foi realizada antes ou depois do sábado.

Porém, a existência do conflito não guarda a menor importância para o querigma cristão, porque não altera em nada a essência da sua mensagem. Além disto, depõe em favor da credibilidade do Evangelho, pelo indício da preservação do texto, uma vez que a divergência nas duas narrativas encontra-se nos manuscritos

primitivos e também nas traduções. E depõe ainda a favor da fidelidade histórica do texto bíblico, pelas convergências detectadas.

Para Champlin (1982, p. 629), tais divergências constituem prova de autenticidade dos fatos narrados, e “elimina de vez a idéia que os cristãos conluiaram para fabricar uma história tendente a convencer um mundo incrédulo e duvidoso”. As convergências detectadas nestes relatos são: A primeira, que Maria Madalena e Maria, mãe de José estavam presentes no sepultamento; a segunda, é que houve compra de especiarias para unção, ou seja, Maria Madalena pretendia ungir o corpo de Jesus:

MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
[27:61] Mas achavam-se ali Maria Madalena e a outra Maria , sentadas defronte do sepulcro.	[15:47] E Maria Madalena e Maria, mãe de José , observavam onde fora posto. [16:1] Ora, passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé , compraram aromas para irem ungi-lo.	[23:55] E as mulheres que tinham vindo, com ele da Galiléia , seguindo a José, viram o sepulcro, e como o corpo foi ali depositado. [:56] Então voltaram e prepararam especiarias e ungüentos. E no sábado repousaram, conforme o mandamento.	

* Todos os grifos presentes no quadro são da autora.

Quadro 3 - Maria Madalena assiste ao sepultamento e compra especiarias para ungir o corpo

Em prosseguimento, no domingo de madrugada, segundo os Evangelhos sinópticos, as mesmas mulheres – Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e Salomé – e também Joana, cujo nome aparece no relato de Lucas, vão ao sepulcro para realizar o seu intento de ungir o corpo de Jesus. Neste contexto, Lucas finalmente se pronuncia quanto à identidade de, pelo menos, três das mulheres que foram ao sepulcro – Maria Madalena, Joana, e Maria, mãe de Tiago –, e afirma que outras também estavam presentes.

O Evangelho de João narra este fato, mencionando apenas, Maria Madalena, não menciona as outras mulheres, mas também não nega a presença delas no acontecimento. João certamente, conhecia as narrativas dos Evangelhos sinópticos, uma vez que foram escritos bem antes que o seu, e suas cópias

circulavam nas congregações cristãs. Talvez, por isso, tenha a sua narração centralizado o acontecimento na pessoa de Maria Madalena.

Entretanto, veremos no seu relato isolado, um indicativo de que Maria Madalena não estava só. E, ainda que João só mencione uma mulher e os demais mencionem também outras, a convergência no texto está nas afirmativas dos evangelistas de que mulheres foram ao sepulcro, e a unanimidade entre eles, é de que isto ocorreu no primeiro dia da semana, e de que Maria Madalena, indiscutivelmente, se fazia presente:

MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
[28:1] No fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.	[16:2] E, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro muito cedo, ao levantar do sol.	[24:1] Mas já no primeiro dia da semana, bem de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado. [:10] E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago; também as outras que estavam com elas relataram estas coisas aos apóstolos.	[20:1] No primeiro dia da semana Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, (...)
* todos os grifos presentes no quadro são da autora.			

Quadro 4 - No Domingo de manhã, Maria Madalena e outras mulheres vão ao sepulcro

3.2 – Maria Madalena, a primeira testemunha da ressurreição de Jesus

A partir daqui, abordaremos a narrativa que constitui a essência de toda a mensagem do Cristianismo: a Ressurreição de Jesus. Os críticos acusam estes textos de discrepantes. Estes constituem o ponto crucial dos Evangelhos, em que concentram as maiores discussões da crítica. Fizemos uma análise mais cuidadosa ainda para detectar tais discrepâncias. Apesar de João fazer uma narrativa isolada, valemo-nos das analogias para tentar compreender a narrativa como um todo. Entendemos pelo relato de Marcos que, quando as mulheres se aproximaram do sepulcro se preocuparam com quem iria remover a pedra. Elas sabiam que não tinham forças para fazê-lo, mas constataram surpresas que a pedra estava

removida. Os quatro Evangelistas testemunham isto. A pedra fora sobrenaturalmente, removida.

Numa abordagem da discussão, ainda, sobre as mulheres testemunhas da Ressurreição, o texto em João fala, apenas, em Maria Madalena, mas, o versículo seguinte (Jo 20.2) afirma que Maria Madalena, após verificar que a pedra do sepulcro fora removida e o corpo não estava lá, correu para contar a Pedro e ao *outro discípulo* – que entendemos se tratar do próprio João, pelas muitas razões que exporemos adiante –. E ao contar-lhes que o corpo desaparecera, ela usa a expressão “não sabemos onde o puseram” (Idem), deixando subentender que ela não estava sozinha, que outras mulheres a acompanhavam, como registram os sinópticos.

Mateus, que se serviu de Marcos como fonte para escrever o seu Evangelho, dispensou o detalhe da preocupação das mulheres contado em Marcos e já inicia seu relato, falando da ocorrência sobrenatural. Foi o único que falou que a pedra foi removida por um terremoto provocado por um Anjo. Mas, a convergência deste texto por unanimidade nos quatro Evangelhos, está na afirmação de que as mulheres constataram que a pedra do sepulcro estava removida:

MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
[28:2] E eis que houvera um grande terremoto; pois um anjo do Senhor descera do céu e, chegando-se, removera a pedra e estava sentado sobre ela.	[16:3] E diziam uma às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro? [4] Mas, levantando os olhos, notaram que a pedra, que era muito grande, já estava revolvida;	[24:2] E acharam a pedra revolvida do sepulcro.	[20:1] (...) E viu que a pedra fora removida do sepulcro. [2] Correu, pois, e foi ter com Simão Pedro, e o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram.
* todos os grifos presentes no quadro são da autora.			

Quadro 5 - Maria Madalena e outras mulheres constatarem que a pedra do sepulcro foi removida

Os quatro relatos falam da presença de seres sobrenaturais, ou seja, de Anjos, mas divergem quanto ao número. Mateus fala especificamente do Anjo que removeu a pedra, cujo poder estava representado no seu próprio aspecto por ele

descrito, como um relâmpago, e trajava vestes brancas como a neve. E o seu poder era tanto que os guardas ficaram como mortos diante do que viram. Marcos fala de um moço vestido de alvo manto. Entretanto, Lucas e João fazem referência a dois Anjos, isso tem sido ponto de grandes discussões entre os críticos. Mas não altera o fato da presença de Anjos no sepulcro onde Jesus fora sepultado. A convergência do texto está em que os quatro evangelistas afirmam a presença de seres sobrenaturais na cena da ressurreição:

MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
[28:3] o seu aspecto era como um relâmpago, e as suas vestes brancas como a neve. [4] E de medo dele tremaram os guardas, e ficaram como mortos.	[16:5] e entrando no sepulcro, viram um moço sentado à direita, vestido de alvo manto ; e ficaram atemorizadas.	[24:4] E, estando elas perplexas a esse respeito, eis que lhes apareceram dois varões em vestes resplandecentes ;	[20.11] Maria, porém, estava em pé, diante do sepulcro, a chorar. Enquanto chorava, abaixou-se a olhar para dentro do sepulcro, [.12] E viu dois anjos vestidos de branco sentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.
* todos os grifos presentes no quadro são da autora.			

Quadro 6 – Maria Madalena e as outras mulheres vêem anjos sentados na pedra do sepulcro

Os Anjos presentes no sepulcro anunciaram às mulheres, a Ressurreição de Jesus. E levaram-nas a constatar que o corpo havia desaparecido, que o túmulo estava vazio. Na narrativa do quarto Evangelho, João afirma que Maria Madalena viu dois Anjos assentados onde jazera o corpo de Jesus. E diz, também, que eles falaram com ela, e que ela voltou-se e viu Jesus, mas não sabia que era Jesus.

A partir daí a narrativa não mais menciona os Anjos, mas passa a contar do diálogo ocorrido entre Jesus e a personagem.

Subentendemos pela construção do texto que um dos seres sobrenaturais que os discípulos chamaram de Anjo, era o próprio Jesus, e que o mesmo se aplica a um dos Anjos mencionados em Lucas.

Encontramos ocorrências análogas em outras passagens bíblicas, como por exemplo, quando Deus resolveu dar um filho a Abraão e a Sara, então ele visitou o

Patriarca com mais dois Anjos, estando os três em aparência humana. Só que um deles representava uma teofania do próprio Deus, enquanto os outros dois eram Anjos.

Esta distinção fica perceptível no capítulo seguinte em que narrada a destruição de Sodoma e Gomorra, e para onde se dirigiram os seres que visitaram Abraão.

Só que, em Sodoma e Gomorra eles se apresentaram em número de dois e não de três, confirmando-se aí, que um deles era uma teofania de Deus, e não se fez presente em Sodoma e Gomorra enviando, apenas, os seus Anjos para cumprirem o seu desígnio de destruir aquelas cidades (Gn 18.-33; 19.1-29).

Há relatos na Bíblia em seres sobrenaturais, também, são confundidos com homens (Js 5.13-15; Jz 6.11-22), e outras situações em que Anjos ficam invisíveis e visíveis, quando querem (Nm 22.21-35).

Portanto, a conciliação nas narrativas dos quatro Evangelhos com relação ao número de Anjos vistos, pode ter este significado: Um seria o Anjo, e o outro seria o próprio Jesus ressuscitado. Até porque o cerne do episódio era a constatação da Ressurreição de Jesus. E os Evangelhos anunciam que as outras mulheres o viram. Mas o encontro de Jesus com Madalena, só encontramos no quarto Evangelho.

O relato solitário em João tinha a finalidade de colocar em evidência o acontecimento. Mas ele não nega que outras mulheres estivessem presentes, apenas, não menciona no seu relatório. E não havia necessidade de fazê-lo porque os outros evangelistas já o haviam feitos.

Nenhum dos evangelistas sinóticos percebera a importância do peso de informar para a humanidade o diálogo ocorrido entre o que estava morto e reviveu, e a mortal que havia testemunhado-lhe a morte e ali estava a testemunhar da inédita vitória sobre a morte pela ressurreição.

A convergência dos textos por unanimidade nos quatro Evangelhos, e de vital importância para a mensagem cristã, está na afirmação de que as mulheres constataram que o corpo havia desaparecido. O túmulo estava vazio.

O diálogo narrado por João, ocorrido entre Jesus e Maria Madalena explicou a ausência do corpo no sepulcro gerou o testemunho da Ressurreição:

MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
[28:5] Mas o anjo disse às mulheres: Não temais vós; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. [6] Não está aqui, porque ressurgiu , como ele disse. Vinde, vede o lugar onde jazia;	[16:6] Ele, porém lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o nazareno, que foi crucificado; ele ressurgiu ; não está aqui; eis o lugar onde o puseram.	[24:3] Entrando, porém, não acharam o corpo do Senhor Jesus. [5] e ficando elas atemorizadas e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais entre os mortos aquele que vive? [6] Ele não está aqui, mas ressurgiu .	[20.13] E perguntaram-lhe eles: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. [14] Ao dizer isso, voltou-se para trás, e viu a Jesus ali em pé, mas não sabia que era Jesus. [15] Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. [16] Disse-lhe Jesus : Maria! Ela, virando-se, disse-lhe em hebraico: Raboni! – que quer dizer, Mestre.

Quadro 7 – Os Anjos anunciam a ressurreição. Jesus fala primeiramente com Maria Madalena

Em matéria divulgada pela ChristianAnswers.Net, é afirmado que os críticos do Novo Testamento costumam dizer que os Evangelhos são diferentes em detalhes, do ponto de vista de cada evangelista, e que usam estes argumentos para alegarem que deve ter ocorrido alguma invenção na confecção dos mesmos.

Defende a matéria que essa interpretação não é requerida em relatos paralelos sobre uma mesma ocorrência. “Repórteres de qualquer evento (secular ou religioso), seguindo todos os padrões de acurácia e integridade, irão editar suas histórias diferentemente com base no que é relevante para os seus leitores” (CHRISTIANANSWERS, 2008, p. web). A matéria considera arbitrárias e artificiais as intransigências dos críticos ao requerem que todos os Evangelhos devam ser exatamente iguais, e transcreve o texto do Dr. Sayers, que declara:

As pessoas ficariam surpresas ao descobrir como muitas aparentes contradições [no registro evangélico da ressurreição] acabam se mostrando não contraditórias no final, mas meramente

suplementares. Essas divergências parecem enormes quando vistas pela primeira vez ... Mas permanece o fato de que todos [os registros da ressurreição], sem exceção, podem se encaixar em uma única narrativa ordenada e coerente, sem a menor contradição ou dificuldade e sem supressões, invenções ou manipulações. A única dificuldade real é o esforço de imaginar o comportamento natural de um bando de pessoas espantadas correndo ao amanhecer entre Jerusalém e o jardim (apud CHRISTIANANSWERS, 2008, p. web).

Por fim, as mulheres perplexas, saem do local e partem para divulgar a notícia para os discípulos relatando o que viram.

MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
[28:7] e ide depressa, e dizei aos seus discípulos que ressurgiu dos mortos; e eis que vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. Eis que vo-lo tenho dito. [.8] E, partindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos. [.9] E eis que Jesus lhes sai ao encontro, dizendo: Salve. E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram. [.10] Então lhes disse Jesus: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia; ali me verão.	[16:7] Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis, como ele vos disse. [.8] E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de medo e assombro; e não disseram nada a ninguém, porque temiam. [.9] Ora, havendo Jesus ressurgido cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios. [.10] Foi ela anunciá-lo aos que haviam andado com ele, os quais estavam tristes e chorando.	[24:6] ... Lembrai-vos de como vos falou, estando ainda na Galiléia, [.7] dizendo: Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressurgirá. [.8] Lembraram-se, então, das suas palavras;	[20.17] Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. [.18] E foi Maria Madalena anunciar aos discípulos: Vi ao Senhor! – e que ele lhe dissera estas coisas.

Quadro 8 – As mulheres são enviadas a anunciar aos apóstolos que Jesus ressuscitou

Conforme pondera Bock o fato de João ter mencionado o testemunho solitário de Maria Madalena, deve-se à singularidade e excepcionalidade do

acontecimento. Era importante que o depoimento isolado de uma testemunha claramente identificada fosse citado:

Maria Madalena foi testemunha da solução do maior mistério de todos os tempos. Testemunhou a ressurreição de Jesus. Nas muitas formas em que os quatro Evangelhos apresentam a história de Jesus e nos muitos enfoques diferentes, existe um ponto-chave em comum: Jesus revela e está no centro do que Deus fez e faz pela humanidade. No centro desta história está a morte de Jesus e finalmente sua ressurreição. A ressurreição, que descreve o ressurgimento da vida depois da morte, é o verdadeiro código que devemos entender (BOCK, 2004, p. 175-176).

O anúncio da Ressurreição de Jesus, feito por Maria Madalena, de início gerou desconfiança, até mesmo entre os discípulos, como está escrito em Marcos 16.11 e Lucas 24.11. Mas Jesus lhes apareceu, de maneira que nenhuma dúvida restou entre eles. As autoridades envolvidas na crucificação, também, cuidaram de divulgar o boato de que o corpo havia sido roubado pelos discípulos (Mateus 27:62-66 e 28:1-15). Isto porém foi de nenhum proveito, uma vez que o testemunho não ficou restrito às mulheres. Depois de Maria Madalena, as testemunhas da ressurreição se multiplicaram a cada dia, conforme os registros do Novo Testamento, que relacionamos no quadro 9:

SEQUÊNCIA DAS APARIÇÕES	QUANDO OCORREU	LOCAL	PESSOAS QUE O VIRAM	CITAÇÕES BÍBLICAS
01	Manhã do dia 1º da ressurreição	No Horto em Jerusalém.	Maria Madalena	Mc 16.9; Jo 20.11-18.
02	Idem	Idem	Maria, mãe de Tiago, e Joana	Mt 28:1; 8-10.
03	Idem à tarde	A caminho de Emaús	Cleofas e outro discípulo que juntos, iam para o campo	Mc 16:12; Lc 24:13-33.
04	Idem	Jerusalém	Pedro	Lc 24 34.35; 1 Co 15.5.
05	Idem, no final do dia	No cenáculo em Jerusalém	Os doze Apóstolos, e os dois discípulos de Emaús.	Lc 24.33-45; Jo 20.19-24.
06	No oitavo dia da ressurreição	Idem	Os discípulos e Tomé, o qual não assistira a 1ª aparição e não acreditara quando os discípulos lhe contaram	Jo 20.24-29.
07	Após a volta dos Discípulos para a Galiléia	Um monte na Galiléia	Os discípulos. Jesus lhes apareceu para dar-lhes instruções sobre a Igreja	Mt 28.16-20.
08	Idem	Mar de	Sete discípulos que estavam	Jo 21.24-29.

		Tiberíades, na Galiléia	pescando, inclusive Pedro, Tiago e João	
09	-	-	Segundo Paulo, foi visto uma vez por mais de quinhentos irmãos	1 Co 15.6.
10	-	-	Tiago, seu irmão, o qual tornou-se o líder da Igreja em Jerusalém	1 Co 15.7
11	No dia da Ascensão (40 dias após a ressurreição)	Betânia	Os Apóstolos. Jesus os conduziu até Betânia, e ali, diante de todos, foi elevado ao céu.	Lc 24.50; At 1.9.
12	Depois da Ascensão	A caminho de Damasco	Saulo de Tarso, ou Apóstolo Paulo	At 9.3-8; 1 Co 15.8.

Quadro 9 – Todas as aparições de Jesus às mulheres e aos apóstolos após a ressurreição

Entretanto, apesar do testemunho de Maria Madalena e das muitas aparições de Jesus, o anúncio do fenômeno nunca deixou de ser polêmico porque é uma questão metafísica, não se explica pela razão, e apresenta como certa e segura a solução para por fim ao maior problema existencial da humanidade: a própria morte.

Os registros do Novo Testamento apresentam depoimentos denotando que todas as aparições de Jesus foram reais e não, apenas, algo espiritual ou místico, sendo afirmado que o seu corpo era de carne e osso (Lc 24:39); que ele pôde comer e beber com os discípulos (Lc 24.41-43; Jo 21.9-15; At 10.40,41); que os discípulos podiam tocar-lhe (Mt 28.9; Jo 20.27); e que nos seus pés e nas suas mãos estavam os sinais dos cravos, e no seu lado estava a marca da perfuração da lança (Lc 24.39,40; Jo 20.24-29).

3.3 – Identificando as outras mulheres vindas da Galiléia para melhor compreender o papel de Maria Madalena junto a Jesus

Outro fator de discussão acadêmica sobre o papel de Maria Madalena junto a Jesus, encontra-se no relato de Jo 19.25 que menciona a presença junto à cruz, da mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena. Este episódio é narrado, apenas, no Evangelho de João e a discussão, sobre ele, gira em torno da identificação das mulheres presentes naquele ato e tem sido usado para

teorizar um suposto casamento entre Jesus e Maria Madalena e assim fortalecer o argumento gnóstico de que Maria Madalena representava o *princípio feminino*.

O versículo citado, por si só, tem trazido certa dificuldade de interpretação, devido à própria construção da frase, que deixa dúvida se a irmã de Maria, a mãe de Jesus, seria Maria de Cleofas, ou se seria outra pessoa cujo nome não está mencionado no texto. Ou seja, além da mãe de Jesus, quantas mulheres estavam aos pés da cruz? Duas ou três? O estudo sistemático do texto revela o vínculo familiar entre João evangelista e Jesus e o papel de Maria Madalena no seu relacionamento com o crucificado.

Apesar de alguns eruditos entenderem que a irmã da mãe de Jesus e Maria de Cleofas, mencionadas por João, seria a mesma pessoa, Mateus e Marcos citam três mulheres, e não há razão para não se crer que as três se juntaram à mãe de Jesus e tenham se aproximado da cruz juntamente com João. E como apenas os nomes de duas mulheres, as duas Marias, aparecem no texto joanino, enquanto que o nome de Salomé não é ali citado, pode-se deduzir, por este raciocínio, que Salomé, a mãe dos filhos de Zebedeu é a irmã da mãe de Jesus.

E se Salomé é a irmã da mãe de Jesus, então os seus filhos, os filhos de Zebedeu, que são os apóstolos Tiago e João (Mt 10.2), são primos de Jesus. E foi exatamente por causa do vínculo familiar, que Jesus, na qualidade de primogênito, e como tal, cabeça da família pela ausência do pai, entregou ao seu primo João a responsabilidade de cuidar de Maria, sua mãe, após a sua morte, uma vez que os seus irmãos ainda não criam nele (Jo 7.5), muito embora, após a sua ressurreição passaram a crer e se integraram na obra de evangelização (At 1.14).

Pela mesma razão do parentesco, Salomé, e seus filhos Tiago e João acharam-se no direito de pedir a Jesus que os dois se sentassem um à direita e outro à esquerda do seu trono, no reino (Mt 20.20-28; Mc 10.35-45). Tal pedido deixou os demais apóstolos indignados contra Tiago e João, e Jesus respondeu-lhes, entre outras coisas, que dentre eles, o que quisesse ser o primeiro, seria servo de todos (Mc 10.41-44). Esta discussão foi lembrada na celebração da última Páscoa, conforme relato em Lucas 22:27, e foi captada por Leonardo da Vinci e muito bem reproduzida na sua famosa tela a Última Ceia:

E houve também entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior. E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve. Pois qual é maior: quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve (Lc 22:24-27).

Ainda falando sobre Maria de Cleofas, na busca da identificação de seus filhos Tiago o Menor e de José, verificou-se que entre os apóstolos existem dois Tiago, sendo um deles, o irmão de João e filho de Zebedeu, e o outro, o filho de Alfeu (Mt 10:2,3). Como no paralelo feito entre Mateus e Marcos, o filho da outra Maria é Tiago o menor, e não o filho de Zebedeu, pode-se deduzir que ele seria o filho de Alfeu. Resulta daí que Maria, mãe de Tiago o menor, e de José, é a esposa de Alfeu, que no Evangelho segundo João, recebe o nome de Maria de Cleofas. Alguns eruditos imaginam que os nomes Alfeu e Cleofas, são apelativos do mesmo nome, ou seja, são a mesma pessoa; enquanto outros imaginam que Cleofas seria o sogro de Alfeu, isto é, o pai de Maria, mãe de Tiago o menor e de José.

De qualquer forma, pode-se afirmar que a Maria de Cleofas citada em Jo 19:25, é a outra Maria, a mãe de Tiago, o menor, e de José, esposa de Alfeu, também chamado Cleofas, ou então, esposa de Alfeu e filha de Cleofas. Embora não se atente para isto, a forma como Maria de Cleofas é mencionada nos Evangelhos indica que se tratava de uma personagem muito importante no meio cristão. Em Jo 19:25, o seu nome é mencionado antes do nome de Maria Madalena. Mateus afirma que Jesus também lhe apareceu e à Salomé, depois que apareceu a Maria Madalena. E Lucas afirma que Cleofas (o seu parente), juntamente, com outro companheiro vieram e falaram com Jesus na tarde daquele dia, quando se dirigiam a Emaús. (Lc 24:18).

3.4 – Quem era o discípulo amado do IV Evangelho? João ou Maria Madalena?

Muitas dessas polêmicas iniciam-se justamente na comparação entre o quarto Evangelho e os demais sinóticos. Sustenta Arias (2006:50), “que o quarto

Evangelho, o de João, foi considerado como um texto muito influenciado pela doutrina gnóstica e, inspirado pela própria Madalena”.

Walker (1980), já negava, terminantemente tal pensamento ao afirmar que a resposta típica da Igreja católica fundamenta-se na argumentação de Irineu de Lião, que escreveu contra o gnosticismo por volta de 185. Ele afirmava que “os apóstolos não haviam pregado até terem adquirido ‘conhecimento perfeito’ do Evangelho” (idem, p.87). O que eles registravam posteriormente nos Evangelhos; afirma, ainda, que “*Mateus e João* foram escritos pelos próprios apóstolos. *Marcos* reproduzia a mensagem de Pedro; *Lucas*, a de Paulo” (idem, p.87). Esses relatos, não possuem elementos de gnosticismo. Em resposta ao argumento gnóstico de que seriam herdeiros da instrução oral, contra argumentava que “se tivesse havido tal doutrinação privada, os apóstolos a teriam confiado àqueles que, dentre todos os outros, eles haviam escolhido como sucessores seus no governo das Igrejas” (ibidem, p.87). Conclui dizendo a esse respeito estimulando a todos:

“Ide, portanto, a Roma – diria Irineu – ou a Esmirna, ou a Éfeso, e procurai saber o que lá é ensinado, e vereis que nada há que se assemelhe ao gnosticismo”. Todas as Igrejas devem concordar com a de Roma, pois nesta a tradição apostólica foi fielmente preservada, tal como as outras Igrejas apostólicas (WALKER, 1980, p.87).

Aprofundando mais ainda o seu imaginário, Arias através de vários argumentos, manifesta a hipótese de que o *discípulo amado* citado no IV Evangelho, não seria João, mas sim, Maria Madalena, pois, as minúcias registradas só poderiam ser narradas por alguém que houvesse vivenciado a cena e não apenas tivesse ouvido de terceiros. E questiona-se: “Quem poderia ser senão a própria Madalena?” Nos Chama atenção o fato do evangelista chegar inclusive a situar o momento exato do acontecimento, como sendo ao alvorecer e que “ainda estava escuro. Quem pôde contar a João um detalhe tão mínimo?” (ARIAS, 2008, p. 50). E conclui:

O “IV Evangelho” sempre esteve rodeado de um halo de mistério e polêmica. Foi dito que podia ser devido à mão de um personagem anônimo, talvez o célebre “discípulo amado” de Jesus, um personagem sempre sem nome nos Evangelhos, sempre misterioso. Tão misterioso que hoje se suspeita que poderia tratar-se da mesmíssima Maria Madalena (ARIAS, 2006, p.98).

Os argumentos de Arias se despojam de qualquer apoio nas narrativas do Novo Testamento. A hipótese de Maria Madalena ser João implicaria a inexistência do Apóstolo, o que está totalmente fora de cogitação, uma vez que o nome dele e o seu trabalho para Jesus é amplamente declarado nos Evangelhos Sinópticos, no livro de Atos e nas Epístolas Paulinas.

Serão apresentadas a seguir, afirmativas e questões que demonstram o argumento da impossibilidade de João e Madalena serem uma única pessoa:

1) O fato de o nome de João não constar do IV Evangelho, não significa sua inexistência, mas tão somente sua humildade pelo desejo incontido de mostrar a Glória do Seu Mestre Jesus, à semelhança do sentimento que envolveu João Batista, conforme citado naquele mesmo Evangelho: “É necessário que ele cresça e que eu diminua.” (Jo 3:30). Não é só o nome de João que está omitido no IV Evangelho, mas também o nome dos seus parentes mais chegados, ou seja, do seu irmão Tiago, de sua mãe, Salomé, e da própria Maria, sua tia e mãe de Jesus, numa demonstração de que ele só objetivava a glória do Mestre.

2) Na cena da crucificação, quando Jesus entregava sua mãe aos cuidados do *discípulo amado*, a própria expressão de gênero que ele usou, indica que o *discípulo amado* era um homem, e não uma mulher, como se vê em João 19. 26: “Ora Jesús, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava, estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho”.

3) Em Jo 20:1-2, como já vimos, está escrito que tendo ido Maria Madalena ao sepulcro de madrugada, e verificando lá que a pedra havia sido removida, “correu, pois, e foi a Simão Pedro, e ao outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde puseram.” Embora o registro joanino sobre aquele momento se restrinja às palavras de Maria Madalena, é elementar, porém, que os discípulos a tenham interrogado para compreender exatamente o que havia acontecido, e que ela lhes tenha respondido prestando um relatório dos seus próprios passos desde a saída de sua casa até a constatação do sepulcro vazio. Esta, a provável razão por que o autor do IV Evangelho detalha o ocorrido, ele ouviu da própria Maria Madalena;

4) Neste episódio, e em alguns outros citados no IV Evangelho, o personagem anônimo é identificado como *outro discípulo* (Jo.18:15-16; 19:27;

20:3,4,8,10; 21:2), ou então, o *discípulo que Jesus amava* (Jo.13:23; 19:26; 20:2; 21:7), só é mencionado nos relatos da última ceia e posteriores, e todos são bem detalhados. No capítulo 20 de João, que narra a ressurreição, está escrito que Maria Madalena foi avisar a Pedro e ao outro discípulo – que nós entendemos tratar-se de João –, que estes foram ao sepulcro, constataram o túmulo vazio e voltaram para casa perplexos. O texto diz literalmente “Tornaram pois os discípulos para casa”. E o versículo seguinte diz: “E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro” (Jo 20.10-11). Donde se pode, mais uma vez, concluir que o discípulo anônimo não pode ser Maria Madalena, já que ele voltou para casa e ela permaneceu no sepulcro.

5) Num destes relatos, o da prisão e apresentação de Jesus ao antigo sumo sacerdote Anás, o autor menciona o *outro discípulo*, e afirma que o mesmo era conhecido do sumo sacerdote, seguiu Jesus, entrou com ele na sala daquela autoridade máxima e, introduziu ali, também, Pedro. E tudo isto está mencionado, apenas, no IV Evangelho, e de maneira tão detalhada que sua autoria só pode ser atribuída a quem vivenciou a cena (Jo 18:13-15). Poderia ter sido uma mulher? Teria uma mulher, naquela época, numa sociedade sob a égide patriarcal do Judaísmo ter livre acesso à sala do sumo sacerdote? E num momento de tão perturbada audiência? Obviamente não! Então, quem era aquele discípulo, e de onde o conhecimento com o sumo sacerdote? Associando o fato de que João era primo de Jesus, e que a mãe de Jesus era parente de Isabel, que por sua vez pertencia à família sacerdotal é presumível que o apóstolo João, a exemplo de João Batista, fosse também um parente conhecido do sumo sacerdote, e por isto tivera acesso à sala de audiência e, conseqüentemente, pôde narrar detalhadamente o ocorrido no Evangelho de sua autoria;

6) Por analogia ao raciocínio do argumento anterior, agora, em sentido contrário, a presença das mulheres durante o sepultamento é mencionada, apenas, nos Evangelhos sinóticos (Mt 27.61; Mc 15.47; Lc 23.55). João as omite, entretanto Maria Madalena estava presente e assistiu tudo. Pergunta-se: fossem João e Maria Madalena uma mesma pessoa, por que ele não descreveu a sua presença numa cena que foi de tão grande importância para ela, uma vez que queria saber exatamente onde o corpo seria sepultado porque pretendia ungi-lo, depois que cumprisse o preceito da guarda do sábado? Propomos três argumentos que vêm ao

encontro da solução deste problema: O primeiro, é que João não estava presente na cena, pelo motivo já explicado, de que havia se retirado para levar a mãe de Jesus para casa (Jo 19.27). O segundo, é que por não ter vivenciado a cena e, também, por não poder deixar de registrá-la em razão da ressurreição, sua narrativa se resume às ocorrências legais e oficiais, como o cumprimento dos ritos judaicos para o sepultamento (Jo 19.38-42), e a autorização de Pilatos para entrega do corpo. É provável que ele tenha escutado de Nicodemos e José de Arimatéia, e até que tenha tido acesso ao documento oficial da liberação do corpo. A seleção feita por João para os fatos registrados sobre o sepultamento corrobora o seu zelo pela autenticidade da narrativa – O que ele não viu ou não pôde comprovar, não falou! –. E o terceiro argumento é: sendo verdadeira a hipótese da ausência de João, na cena do sepultamento, implica a impossibilidade dele ser Maria Madalena, porque ela estava presente. E, ainda, sendo verdadeira a hipótese da decisão de somente registrar os fatos oficiais ou legais, implica a mesma incoerência, uma vez que é impossível imaginar uma mulher naquela época e naquela sociedade, se preocupar com as formalidades legais do Estado.

7) No último capítulo do IV Evangelho está escrito que alguns discípulos, inclusive Tiago e João, ali denominados *filhos de Zebedeu*, estavam pescando no mar de Tiberíades, sem nada colher, quando Jesus apresentou-se na praia e operou o milagre da grande pesca, sendo então reconhecido pelo *discípulo amado* que estava naquele barco, o qual avisou a Pedro que era Jesus que estava na praia. E o relato bíblico afirma que “Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se ao mar” (Jo 21:1-8). Este relato é suficiente para entender que o discípulo amado não era Maria Madalena, mas sim, João, o filho de Zebedeu, autor do IV Evangelho. Estaria Maria Madalena pescando com os discípulos? Ficaria Pedro nu na presença de Maria Madalena?

8) No relato da ressurreição, no IV Evangelho, está escrito que Maria Madalena correu, “e foi a Simão Pedro, e ao outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do Sepulcro e não sabemos onde puseram.” (Jo 20:2). Ora, este versículo, por si só esclarece que Maria Madalena e o discípulo amado eram duas pessoas diferentes.

A maior evidência da autoria joanina para o IV Evangelho está no primeiro capítulo, quando ao autor afirma: “E o verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (Jo 1:14). Nesta declaração o autor traz à lembrança o momento da transfiguração de Jesus, que foi contemplada exclusivamente por Pedro, Tiago e João, quando Jesus ficou resplandecente como o Sol, e apareceu-lhes Elias e Moisés, e eles ouviram “uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho; a ele ouvi.” E foi a riqueza desta visão, que deu a João a segurança de afirmar naquele mesmo capítulo: “A Lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.” (Jo 1:17). Pedro, também, faz menção àquela visão quando afirma:

Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas; mas nós mesmos vimos a sua majestade. Porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido. E ouvimos esta voz dirigida do céu, estando nós com ele no monte santo. (2 Pe 1:16-18).

Até o momento foram analisadas as citações bíblicas que dizem respeito, nominalmente, à Maria Madalena. A partir daqui, serão avaliadas as citações de mulheres que ungiram Jesus e que posteriormente foram identificadas, confundidas ou fundidas com Maria Madalena, da forma semelhante como Arias confundiu-a com João.

3.5 – Outras personagens bíblicas confundidas com Maria Madalena

Todos os Evangelhos falam de uma mulher ungindo Jesus, mas nenhum menciona Maria Madalena. Num confronto entre os relatos, com perguntas objetivas, identificando os detalhes apresentados por cada um deles, verificar-se-á que a mulher citada por Lucas não é a mesma mencionada por Mateus, Marcos e João, conforme quadro e análise a seguir:

QUESTÕES FORMULADAS	MATEUS (MT 26.2-19)	MARCOS (MC 14.1-9)	LUCAS (LC 7.36-50)	JOÃO (JO 12.1-8)
Quando ocorreu?	Próximo à crucificação de Jesus (dois dias antes da páscoa)	Próximo à crucificação de Jesus (dois dias antes da páscoa)	No início das atividades públicas de Jesus (Quando João Batista estava preso)	Próximo à crucificação de Jesus (seis dias antes da páscoa)
Em que cidade ou região ocorreu?	Betânia da Judéia	Betânia da Judéia	Galiléia	Betânia da Judéia
Onde se encontrava Jesus?	Na casa de Simão (o leproso)	Na casa de Simão (o leproso)	Na casa de Simão (o fariseu)	Na casa de Marta
Quem foi a autora da unção?	Uma mulher não identificada	Uma mulher não identificada	Uma pecadora não identificada	Maria de Betânia (irmã de Marta e Lázaro)
Como foi ungido?	Derramou unguento sobre a cabeça de Jesus.	Derramou unguento sobre a cabeça de Jesus.	Regava os pés de Jesus com as suas lágrimas, enxugava com os seus cabelos, beijava-os e ungia com unguento.	Ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos.
Qual a finalidade da unção?	Ungir o corpo de Jesus para a sepultura.	Ungir o corpo de Jesus para a sepultura.	Adquirir o perdão dos pecados.	Ungir o corpo de Jesus para a sepultura.
Quem protestou?	Os discípulos.	Alguns dos presentes.	O dono da casa	Judas Iscariotes.
Que recompensa Jesus deu à mulher?	Prometeu que o seu feito seria registrado nos evangelhos para memória do seu nome.	Prometeu que o seu feito seria registrado nos evangelhos para memória do seu nome.	Perdoou os seus pecados.	Não existe relato
Que aconteceu em seguida?	Judas Iscariotes vendeu Jesus aos principais dos sacerdotes, por trinta moedas.	Judas Iscariotes saiu para vender Jesus aos principais dos sacerdotes.	Maria Madalena e outras mulheres passaram a acompanhar Jesus, de cidade em cidade	Os principais dos sacerdotes tomaram deliberação para matar Jesus e a Lázaro.

Quadro 10 - Demonstrativo dos relatos contidos nos evangelhos canônicos sobre ocorrências das mulheres que ungiram Jesus

Analisando as questões e informações paralelas contidas neste quadro, constata-se, que:

1) O período do acontecimento em Lucas ocorreu no início do Ministério de Jesus, estando João Batista ainda vivo. Nos demais Evangelhos, o acontecimento se deu no fim do ministério de Jesus, bem próximo de sua morte.

2) O local do acontecimento em Lucas foi a Galiléia. Nos demais Evangelhos, Betânia da Judéia.

3) A casa onde Jesus se encontrava, em Lucas foi a de Simão, o fariseu. Em Mateus e Marcos, a de Simão, o leproso. E em João, a casa de Marta.

4) A autora da unção, em Lucas foi uma pecadora não identificada. Em Mateus e Marcos, uma mulher, também não identificada. Em João, Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro.

5) A forma como ela ungiu: segundo Lucas, "Regava os pés de Jesus com as suas lágrimas, enxugava com os seus cabelos, beijava-os e ungia com ungüento". Segundo Mateus e Marcos: "derramou ungüento sobre a cabeça de Jesus". E segundo João: "ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos".

6) A finalidade da unção, segundo Lucas, foi adquirir o perdão dos pecados. Em Mateus, Marcos e João, era ungir o corpo de Jesus para a sepultura.

7) Alguém protestou. Segundo Lucas, o autor do protesto foi o dono da casa. Segundo Mateus e Marcos, alguns dentre os discípulos. E em João, o discípulo Judas Iscariotes.

8) A recompensa concedida por Jesus à mulher: segundo Lucas, conceder-lhe o perdão dos pecados. Segundo Mateus e Marcos, que o feito seria registrado nos evangelhos para memória dela. (João silencia).

9) A continuidade do relato, em Lucas, é que Maria Madalena e outras mulheres passaram a acompanhar Jesus, de cidade em cidade. Em Mateus e Marcos, que Judas Iscariotes saiu para vender Jesus aos principais sacerdotes. E em João, que os principais sacerdotes deliberaram matar Jesus e a Lázaro.

Deste confronto, observa-se que Mateus, Marcos e João estão se referindo ao mesmo evento, à mesma pessoa, sendo que, o relato de João supre as indefinições dos dois primeiros, o que é perfeitamente compreensível, uma vez que ele foi escrito depois. Mas o evento narrado por Lucas não tem paralelo.

A mulher mencionada por Lucas não tem sua identidade revelada, mas é declarada uma pecadora. O nome Maria Madalena surge após o relato sobre a pecadora, mas não estabelece um vínculo entre elas. Entretanto, com relação aos

demais evangelistas, não há dúvida de que falavam da mesma pessoa, cujo nome João revela: Maria de Betânia.

Há um aparente conflito entre os relatos de João, Mateus e Marcos, quando afirma o primeiro que Maria de Betânia ungiu os pés, enquanto os outros dois afirmam que ela derramou unguento sobre a cabeça de Jesus. Claro que cada um narrou o que tinha guardado na memória! Entretanto, a soma dos relatos mostra que a unção foi dada nas extremidades do corpo, porque a finalidade era prepará-lo para o iminente sepultamento.

Deduz-se que Maria de Betânia ungiu Jesus na cabeça e nos pés, preparando para a sepultura, porque já corriam fortes rumores de que o Sinédrio queria matar Jesus e Lázaro, o irmão de Maria e de Marta, em virtude do grande milagre da ressurreição de Lázaro, após quatro dias de enterrado, como está registrado em João, 12:10-11: “E os principais dos sacerdotes tomaram deliberação para matar também a Lázaro. Porque muitos dos judeus, por causa dele, iam e criam em Jesus”. Tais rumores, com muita probabilidade, chegaram ao conhecimento de Lázaro e suas irmãs.

É neste mesmo raciocínio, interligando os fatos, entre si, que João, ao narrar a ressurreição de Lázaro, ocorrida antes da unção de Jesus por Maria de Betânia, insere no texto a identificação de Maria, como sendo aquela que ungiu Jesus, embora soubesse que cronologicamente a unção veio depois e como consequência da grande proporção que a fama de Jesus havia alcançado após aquela ocorrência.

Maria de Betânia ungiu Jesus antes de sua morte, porque presumia que não poderia fazê-lo depois, em virtude da perseguição, o que provavelmente levou-a juntamente com sua família a planejar uma fuga para livrar a Lázaro da morte. Isto explica porque nenhum deles (Lázaro, Maria de Betânia e Marta) é mencionado no relato da crucificação e posteriores.

Além de não ter o seu nome mencionado posteriormente, outra forte evidência de que Maria de Betânia não estava junto à cruz, é que Marta também não estava lá. E como as duas sempre são mencionadas juntas, entende-se que se Marta não estava, Maria, sua irmã, também não estava.

E se a unção ministrada por Maria de Betânia, antes da morte de Jesus, destinava-se exatamente ao seu sepultamento, por que ela haveria de se preocupar

em fazê-lo depois, como se preocupou Maria Madalena? Considerando ainda o fato de que os nomes Madalena e Betânia eram topônimos, e se referiam a lugares diferentes, pode-se afirmar certamente: Maria de Betânia e Maria Madalena não são a mesma pessoa.

Além dessas narrativas, encontra-se ainda em Jo 8:1-11 o caso de uma mulher flagrada em adultério, a qual foi levada à presença de Jesus para julgamento, pois a Lei mandava que fosse apedrejada. E a sentença pronunciada por Jesus foi: "aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela." (Jo 8:7). Esta personagem também é identificada por muitos críticos e comentaristas bíblicos, como sendo Maria Madalena.

Mas esse amálgama de identificações preconceituosas encontra amparo numa cultura essencialmente androcêntrica como pretendemos demonstrar a seguir.

CAPITULO 4

OS ANTECEDENTES HISTÓRICO-FILOSÓFICOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A FORMAÇÃO DO SÍMBOLO DA EVA REDIMIDA

A presença de Maria Madalena e de outras mulheres no movimento de Jesus é incontestável do ponto de vista dos Evangelhos canônicos. Elas são mencionadas desde o começo do seu ministério na Galiléia (Mc 15.40; Lc 8.2), sendo apresentadas como o seguindo e o servindo, significando isto, do ponto de vista da linguagem bíblica, que elas eram discípulas, em toda a extensão que este termo requer – seguiam, serviam e anunciavam aos outros o que viam e ouviam da parte de Jesus – (Mc 10.42-45; 15.49; Lc 22.25-27, Jo 4.39). E isto não só ocorria com Maria Madalena, mas com as muitas mulheres que são mencionadas tanto nos Evangelhos como nas epístolas paulinas.

Com Jesus elas vivem a experiência de serem curadas, de se tornarem seres humanos saudáveis e participantes, começam a vivenciar uma experiência de plenitude de vida até então reprimida pelo patriarcalismo filosófico e judaico (TEPEDINO, 2008).

Mas, só poderemos compreender o prazer de Maria Madalena e das outras mulheres em dedicar a sua vida e os seus bens a serviço de Jesus, se entendermos o que representava para a mulher judia o peso da repressão androcêntrica, sedimentada nos preceitos e na tradição do judaísmo, e compararmos com os feitos de Jesus visando à quebra destes modelos:

4.1 – Os modelos patriarcais de repressão à mulher

No tempo de Jesus, as mulheres judias viviam em uma situação de grande privação. Gozavam do direito à sucessão, mas os herdeiros masculinos tinham a precedência. Os bens herdados pela mulher passavam a ser de usufruto do marido. “Elas não tinham nenhum direito à propriedade nem podiam divorciar-se; os maridos, sim, podiam fazê-lo até por motivos banais, como o da esposa deixar queimar a refeição, por exemplo,” (BRAGA, 2002, p. 98). Mas este era o modelo que

prevalecia nas culturas da antiguidade, quando as mulheres eram subordinadas ao pai e depois ao marido.

Demóstenes sintetizou bem este pensamento androcêntrico, nas seguintes palavras: “Conservemos as amantes para a busca do prazer; as concubinas para os cuidados cotidianos de nossa pessoa; as esposas para carregar os filhos legítimos e serem as fiéis guardiãs da casa” (apud BRAGA, 2002, p. 98). O concubinato da época dizia respeito às relações amorosas com escravas ou com estrangeiras, as quais, pela própria condição social estavam excluídas de contrair matrimônio (BRAGA, 2002). – E se estavam proibidas de casar, mas mantinham relações sexuais com um homem casado, estavam inevitavelmente se colocando na posição ou de prostituta ou de adúltera.

E em qualquer das hipóteses, segundo a Lei mosaica, as adúlteras e as prostitutas deveriam morrer por apedrejamento (Lv 20.2, 10). Havia proibições legais impostas à mulher judia durante o período menstrual, que eram muito discriminatórias.

A mulher menstruada era considerada impura e separada do convívio social. Não podia tocar em qualquer pessoa – ou mesmo coisa – sob pena de torná-la impura; tinha que manter separação de corpos com o marido; não podia participar das assembléias religiosas; e tinha que prestar sacrifícios rituais ao término de cada ciclo, que variava em valor, dependendo da razão e duração do fluxo – se decorrente do ciclo mensal, doença, ou de parto, sendo que neste caso, quando o filho nascido fosse do sexo feminino, dobrava-se o período das proibições – (Lv 12.1-8; 15.18-33).

Segundo Braga, em razão de suas regras periódicas, assimiladas à impureza, a mulher hebraica não podia proclamar a Torá, nem ser testemunha (BRAGA, 2002). Conforme Champlin, não era permitido à mulher alguma frequentar escolas de ensinamento da lei, porque os rabinos afirmavam: “É preferível queimar a lei do que ensiná-la a uma mulher!” (CHAMPLIN, 1982, vol. 4, p.230).

De acordo com Adam Clarke, os rabinos ensinavam que “uma mulher não deve saber outra coisa senão como usar os seus utensílios caseiros” (apud CHAMPLIN, idem, p.231).

4.2 A quebra dos paradigmas patriarcais pelos princípios de igualdade introduzidos por Jesus

Uma leitura mais atenta do Novo Testamento mostra o menosprezo de Jesus pelos preceitos androcêntricos do judaísmo, e o quanto ele ensinou para quebrar os paradigmas das repressões impostas contra a mulher:

➤ O paradigma das desigualdades no matrimônio foi quebrado mediante a introdução no casamento, pelo cristianismo, de vários princípios extraídos dos ensinamentos de Jesus e encontrados nas epístolas do Novo Testamento, incluindo: “a liberdade de escolha dos cônjuges, seu consentimento pessoal, a monogamia, a indissolubilidade e o casamento como o único local de exercício da sexualidade lícita” (BRAGA, 2002, p.99). Com relação à forma unilateralmente machista do divórcio, Jesus veio em defesa da mulher, reivindicando a sua proscrição:

Então chegaram ao pé dele os fariseus, tentando-o, e dizendo-lhe: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez, e disse: Portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim, não são mais dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem. Disseram-lhe eles: Então por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la? Disse-lhes ele: Moisés por causa da dureza dos vossos corações vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim. Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa da prostituição, e casar com outra, comete adultério; (Mt 19.3-9).

➤ O paradigma da exclusão matrimonial das mulheres escravas e estrangeiras, e da morte por apedrejamento às adúlteras e às prostitutas foram quebrados pelos ensinamentos de Jesus que trouxeram sensíveis mudanças igualitárias, tanto em prol da dignidade da mulher, como também dos escravos e dos estrangeiros – chamados na Bíblia de gentios –. Um exemplo disto está no relato joanino sobre o encontro entre Jesus e a mulher samaritana, a qual, por ser de Samaria, era por Israel considerada estrangeira, e ainda, pelo diálogo ocorrido entre ela e Jesus, deduz-se que se tratava de uma prostituta. Entretanto, Jesus conversou com ela, anunciou-lhe que era o Messias e ainda permitiu que ela proclamasse isto

a outros samaritanos, os quais vieram também ouvi-lo, por causa das palavras da mulher (Jo 4.3-42). O Novo Testamento defende fortemente o princípio da igualdade, da isonomia entre as pessoas. Paulo escrevendo aos Coríntios mostra este princípio quando afirma: “Pois todos nós fomos batizados em um só Espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres” (1 Co 12.13). Inda falando sobre os preceitos patriarcais contra as adúlteras e as prostitutas, lemos em Oséias, no Antigo Testamento, uma profecia que registra a indignação do Deus de Israel para com os homens da nação, no seu tratamento discriminatório para com as mulheres: “Eu não castigarei vossas filhas, que se prostituem, nem vossas noras, quando adulteram; porque eles mesmos com as prostitutas se desviam, e com as meretrizes sacrificam” (Os 4.14). Jesus tornou realidade esse vaticínio, ao impedir a execução de uma mulher que fora flagrada em adultério, e que foi trazida à sua presença para que ele a julgasse. João relata que ele inclinou-se a escrever na terra, e ao ser novamente interrogado sobre o que fazer com a mulher adúltera, disse: “Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela” (Jo 8.7). E João disse que todos se retiraram, ficando somente a mulher e Jesus e que este lhe ensinou: “Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8.11). Com esta atitude Jesus estava revogando uma lei que vinha de um tempo até mesmo anterior a Moisés (BRAGA, 2002).

➤ Os paradigmas das proibições à mulher durante o período menstrual foram quebrados por Jesus de várias maneiras: A proibição feminina de anunciar a Torá, e de ser testemunha, foi quebrada quando Jesus acolheu mulheres no seu próprio grupo de discípulos – Maria Madalena, Joana, Suzana e muitas outras –, para o seguirem, servirem e proclamarem as mensagens por ele anunciadas –, o que, subentende-se, incluía também as referências messiânicas da Torá –. Além disto, elegeu Maria Madalena para ser a primeira e mais importante testemunha da sua ressurreição, aparecendo também em seguida às outras mulheres. Relevante para o entendimento do quanto era repressiva, a lei judaica contra a mulher durante o período menstrual, e como as mensagens de Jesus também objetivavam quebrar este paradigma, encontramos nos Evangelhos sinópticos, a narrativa sobre uma mulher que sofria de hemorragia durante doze anos, e que, sabendo das curas que Jesus estava operando, decidiu se aproximar dele e tocar-lhe, na esperança de ser

curada, mesmo sabendo que pela Lei ela era considerada imunda por causa da sua enfermidade e não podia tocar em ninguém, não podia nem sequer estar no meio do povo. Mas, o desejo de ser curada foi maior que o rigor da lei, e, ela rompeu a multidão que acompanhava Jesus e tocou na orla das suas vestes, recebendo no mesmo momento – segundo aqueles relatos – a cura tão desejada. Entretanto, apenas neste episódio, é dito que Jesus fez que a mulher contasse diante de todos, qual era a sua enfermidade, numa provável demonstração do seu propósito e da sua autoridade em quebrar as leis de repressão à mulher, e criar um novo paradigma de libertação feminina (Mt 9.20-22, Mc 5.25-34; Lc 8.43-48). Ele não só se deixou tocar pela mulher considerada impura, como também, não cumpriu as determinações legais para a sua própria purificação, por ter sido tocado por ela. A Lei mandava que se um homem tocasse, mesmo que involuntariamente, numa mulher menstruada ele teria que ficar separado e, cumprido o período da separação, se submeter a um ritual purificador (Lv 15.13,14,24). “Jesus revoga na prática esse costume atrasado e discriminatório ao não se submeter a nenhum ritual ao ser tocado por aquela mulher” (BRAGA, 2002, p. 98).

Assim, com Jesus as mulheres experimentaram em suas vidas esse poder libertador e por isto não só o seguiram, mas, algumas dedicaram a ele também os seus bens, e suas vidas, como o fizeram Maria Madalena e suas companheiras (Lc 8.8), de maneira que o acompanharam desde o seu ministério na Galiléia, até o final em Jerusalém (Mt 27.55-56; Mc 15.41; Lc 23.55; Jo 19.25). Elas permaneceram fiéis a Jesus, mesmo na hora em que ele estava entregue à morte por exigência e sob os olhares atentos das autoridades judaicas. Elas não temeram, não fugiram, se fizeram testemunhas oculares de sua morte e sepultamento. Foram as primeiras a irem ao túmulo, mesmo correndo perigo de vida.

Onde encontraram tanta coragem se viviam sob um regime de total repressão à mulher e se não tinham mais esperanças porque sabiam que ele havia morrido? Encontramos explicação para estas questões, no entendimento de que Maria Madalena e as outras mulheres que seguiram Jesus absorveram e se apropriaram da ética por ele ensinada, que não faz acepção de pessoas, não estabelece diferença de gênero, nem de origem, nem de condição social, como disse Paulo: “... não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho

nem fêmea; porque todos sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28; Ef 6.9). Entenderam assim, que eram livres para decidir por si mesmas, e agir segundo suas decisões, segundo o seu próprio etos, com a coragem de assumir as implicações dos seus atos, quer fossem de recompensa ou de punição.

Segundo Ricoeur (2006, p. 206), “a função principal do discurso religioso (...) é estabelecer, graças ao Evangelho, uma vida vivida para os outros, e (...) antecipar, ética e politicamente, uma humanidade libertada”.

Ensina Foucault (2006), que a prática adotada na própria atividade do sujeito transforma em etos, o discurso moral, filosófico e religioso, que ele considera como verdadeiro. E este etos é uma escolha pessoal que implica necessariamente em liberdade para formar e reforçar a coragem, na “resistência aos acontecimentos exteriores, na capacidade de suportá-los sem sofrer, sem sucumbir, sem se deixar vencer por eles; resistência aos acontecimentos exteriores, aos infortúnios, a todos os rigores do mundo.” (FOUCAULT, 2006, p. 517).

Ensina Chaui que a ética possui uma dimensão valorativa e normativa que se exercita nas paixões, nos desejos, nas ações e nos princípios. Na qualidade de sujeitos éticos, tanto interiorizamos os valores e normas existentes por definição e imposição da cultura e da sociedade, como também, somos capazes de criar novos valores e normas. E continua:

Minha liberdade [...], é o poder fundamental que tenho de ser o sujeito de todas as minhas experiências. Por atos de liberdade, interpretamos nossa situação – valores, normas, princípios – e dessa interpretação nasce em nós a aceitação ou a recusa, a interiorização ou a transgressão, a continuação ou a criação (CHAI, 2001, p. 367).

Assim, do aprendizado com Jesus, as mulheres começaram a construir novas regras de comportamento na busca do reconhecimento do seu papel igualitário no contexto social. Os atos de Maria Madalena, narrados nos Evangelhos, traduzem posicionamentos subjetivos de valores que caracterizam a consciência da liberdade, no decidir, agir e assumir as sanções subseqüentes. Foucault argumenta que a subjetividade diz respeito à vida, à maneira pela qual vemos o mundo através da nossa própria experiência, quando nos descobrimos, nos revelamos a nós mesmos, e nos transformamos, caminhando “em direção a uma meta ou uma

salvação, ao encontro de nossa própria perfeição” (FOUCAULT, 2006, p. 590). Para ele, o moderno conceito de subjetividade apóia-se arqueologicamente na idéia cristã de interioridade (apud PRADO Fº, 2007). A colocação da subjetividade como objeto para um discurso científico socialmente autorizado a enunciar verdades a respeito de instâncias psicológicas, passa para os domínios da psicologia ganhando um tratamento histórico, social e político no final do século XX. desde 1940, as realidades psíquicas, a cognição, a mente, a consciência, mas também, as percepções, as interpretações, e certa dimensão intrapsíquica, das emoções, do desejo, do inconsciente, do comportamento, da personalidade, da individualidade, constituem o "reino da subjetividade", passando a serem pensados cientificamente como alternativa a uma problematização da identidade (PRADO Fº, 2007, p. 2-6).

4.3 O papel da mulher na formação do cristianismo primitivo

A declaração de Pedro que constitui a pedra basilar do reconhecimento pelo catolicismo, de sua liderança no cristianismo – “E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo” (Mt 16.16) –, encontra ressonância em declaração idêntica feita por Marta quando da morte de Lázaro, seu irmão: “Disse-lhe ela [Marta]: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo” (Jo 11.27).

Na oração conhecida teologicamente como *oração sacerdotal*, Jesus roga pela unidade da Igreja e declara que está enviando seus discípulos ao mundo para proclamarem a sua palavra (Jo 17.18-20). E quando ressuscita, o primeiro discípulo que ele envia é Maria Madalena, que é mandada aos Apóstolos para anunciar a ressurreição (Jo 20. 17-18). – Esta comissão de Jesus para Maria Madalena é dada na ocasião em que acontece o testemunho da ressurreição, e que famosos pintores transportam para suas telas sob o título *Noli me tangere* –.

Admite Braga, que “o reconhecimento da igualdade das mulheres por Jesus abriu caminho para que elas assumissem uma posição de liderança na Igreja primitiva. As Epístolas de Paulo e os Atos dos Apóstolos são prova disso”. Na formação da Igreja primitiva, as mulheres continuaram presentes e atuantes nas comunidades como diaconisas, líderes, profetisas. Paulo as apresenta como

lutadoras pela divulgação do Evangelho: Evódia e Sintique (Fl 4, 2-3); Febe, Trifena, Trifosa e Perside (Rm 16.1-2, 12), todas trabalharam arduamente na formação do cristianismo, cedendo suas casas para servirem de templo, hospedando os discípulos, proclamando a palavra. A Igreja em Filipe foi criada por uma comerciante chamada Lídia, após sua conversão por Paulo (At 16.14-40). Os casais missionários Áquila e Priscila, Andrônico e Júnio, eram cristãos antes de Paulo e figuras conhecidas entre os apóstolos. Priscila é citada em primeiro lugar, o que indica proeminência e liderança (At 18.18, 26; Rm 16.3). Júnio foi presa com seu marido e com Paulo e é chamada por este de apóstola – foi a única mulher a receber este título no Novo Testamento (Rm 16.7).

Mas, apesar de Paulo fazer menção a muitas mulheres que o ajudaram na evangelização dos gentios, contudo há em seus escritos alguns discursos doutrinários sobre as mulheres, que tem provocado polêmicas no meio cristão, como veremos a seguir.

4.4 – As doutrinas paulinas sobre a mulher

Tem sido motivo de discussão entre os eruditos, o fato de Paulo não mencionar o nome de Maria Madalena e das outras mulheres, mas iniciar com o nome de Pedro, o seu relato sobre as testemunhas da ressurreição de Jesus (1 Co 15.5), omitindo aquelas.

Pelo raciocínio que demonstraremos a seguir, provavelmente, havia em Paulo idéias androcêntricas herdadas do judaísmo, incluindo o preceito legal que proibia as mulheres de serem testemunhas.

Conforme Watson (1996), Paulo tinha dupla cidadania judaica e romana. Era fariseu, e como tal, profundo conhecedor do cânon hebraico. Também conhecia a literatura pagã e os cultos mitológicos que eram praticados na sua cidade natal, Tarso, capital e principal cidade da Cilícia, localizada na atual Turquia (NOVETTI, 2008). Tendo sido o primeiro missionário a ser enviado às nações estrangeiras (At 13.1-4), a ele coube a missão de explicar filosoficamente, aos gentios, o fenômeno da ressurreição e o significado da salvação proclamada por Jesus, em todos os seus aspectos – metafísico, antropológico e sociológico –, como também ensinar as

regras morais e sociais que deveriam ser adotadas por aqueles que se convertessem ao cristianismo, as quais, viriam a compor posteriormente – juntamente com as epístolas de Pedro e de João –, os fundamentos doutrinários a serem seguidos pelos cristãos.

Justifica-se a necessidade da construção de um corpo de textos doutrinários para o cristianismo, tendo em vista que para ele convergiam pessoas oriundas das mais diferentes culturas, algumas das quais alicerçadas em costumes contrários à moral cristã em formação – como se vê em 1 Co 5.1: “Geralmente se ouve que há entre vós fornicção, e fornicção tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai” –, e outras trazendo discussões filosóficas que combatiam os ensinamentos de Paulo, conforme deixa entender na sua epístola aos colossenses: “Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilezas, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Cl 2.8). Provavelmente, foram razões como estas, que motivaram Paulo a elaborar os primeiros textos do Novo Testamento.

Entretanto, observa-se nos seus escritos que Paulo teve o cuidado de identificar nas doutrinas que ensinava como modelo de comportamento a ser seguido pelos cristãos, o que era mandamento que ele recebera por revelação de Deus, o que era pensamento pessoal dele, e o que era imposição da lei.

A forma de linguagem que ele aplicava para mostrar que a doutrina que estava sendo ensinada era procedente de revelação divina é encontrada, por exemplo, no modo como ele começa a instrução sobre a ceia que os cristãos devem celebrar em memória da morte de Cristo: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei” (1 Co 11.23); ou nos seus ensinamentos sobre o cerne da mensagem cristã: “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras” (1 Co 15.3).

A forma de linguagem por ele usada para demonstrar que a doutrina que estava sendo ensinada representava o seu entendimento pessoal, a sua própria opinião, portanto, oriundos da sua cultura são encontrados em frases onde existem expressões como: “digo eu”, “ordeno”, “dou o meu parecer”, “segundo o meu parecer”, e até mesmo “digo eu, não o Senhor”, como se vê em 1 Co 7.1-17, 25, que

registra as doutrinas de Paulo com respeito ao casamento, conforme evidenciamos no quadro a seguir:

LIVRO	PERÍCOPE	DOUTRINAS PAULINAS SOBRE O CASAMENTO
1 Coríntios	7.1-5	Ora, quanto às coisas, que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher ; Mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher. Não vos defraudeis um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes à oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanaz vos não tente pela vossa incontinência.
Idem	7.6-7	Digo , porém, isto como que por permissão e não por mandamento . Porque quereria que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus o seu próprio dom; um duma maneira e outro doutra.
Idem	7.8-9	Digo , porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se.
Idem	7.10-11	Todavia, aos casados, mando, não eu mas o Senhor , que a mulher se não aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido, e que o marido não deixe a mulher.
Idem	7.12-14	Mas aos outros digo eu, não o Senhor : Se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe. E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe. Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido; doutra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos.
Idem	7.15-17	Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz. Porque, donde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? ou, donde sabes, ó marido, se salvarás tua mulher? E assim cada um ande como Deus lhe repartiu, cada um como o Senhor o chamou. É o que ordeno em todas as Igrejas .
Idem	7.25	Ora, quanto às virgens, não tenho mandamento do Senhor; dou, porém, o meu parecer , como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel.
* todos os grifos presentes no quadro são da autora.		

Quadro 11 - Doutrinas Paulinas sobre o casamento

Além destas formas de linguagem que Paulo aplicou para distinguir entre ensinamentos revelados e ensinamentos resultantes do seu conhecimento cultural, encontramos em apenas uma perícopes paulina, uma construção diferenciada, onde fica claro que a doutrina que estava sendo ensinada, não se tratava de revelação divina dada para os cristãos, nem do pensamento pessoal de Paulo, mas procedia

de um preceito da lei. Vejamos: “As mulheres estejam caladas nas Igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei” (1 Co 14.34).

Esta perícope tem sido uma chave usada pelo clero eclesiástico para impedir o desempenho de atividades de liderança por parte de mulheres no âmbito do cristianismo. Entende Champlin (1982), que com esta declaração, Paulo estava simplesmente transferindo para a Igreja cristã, algumas idéias que trouxe do judaísmo, no que diz respeito à mulher.

Mas, antes de prosseguirmos esta discussão, precisamos abrir um parêntese para um importante esclarecimento que, entendemos, ajudará a elucidar a matéria:

Desde o início do seu trabalho de evangelização aos gentios, Paulo sofreu reprimendas por parte de alguns judeus que exigiam que todos que se convertessem ao cristianismo deveriam cumprir a lei mosaica. Paulo decidiu levar o problema para discussão em Jerusalém, onde foi realizado o primeiro concílio do cristianismo, estando presentes todos os líderes cristãos – apóstolos e anciãos, entre os quais, Paulo, Pedro, Barnabé, e Tiago, irmão de Jesus –, tendo sido decidido por unanimidade, que os gentios não deveriam cumprir a lei, mas abster-se dos ídolos, da prostituição e dos animais sacrificados aos ídolos (At 15.1-31). E coube ao próprio Paulo levar a carta assinada pelos Apóstolos contendo a decisão do concílio, para as Igrejas que estavam sendo formadas nas nações gentílicas.

Quando este concílio foi realizado, Paulo ainda não tinha visitado a cidade de Coríntios, localizada na Grécia meridional, a 64 km ao sudoeste de Atenas (Watson, 1993). Então perguntamos: se já estava decidido pelo Concílio que os gentios não deveriam cumprir a lei, porque as imposições da lei judaica, relativas às mulheres deveriam ser cumpridas pelas mulheres gentias de Coríntios? Não seria isto uma evidência de que Paulo ainda se deixava influenciar pela cultura androcêntrica do judaísmo?

A partir desta evidência, procedemos a uma análise mais detalhada nas perícopes doutrinárias de Paulo sobre os comportamentos que deveriam ser adotados pelas mulheres, e verificamos que elas guardam analogia com as doutrinas patriarcais do judaísmo, bem manifestas em expressões tais como: “a

mulher não fale na Igreja”, “não ensine”, “esteja sujeita ao marido”, “reverencie o marido”, como se pode constatar nas próprias perícopes expostas no seguinte quadro:

LIVRO	PERÍCOPE	DOCTRINAS PAULINAS SOBRE AS MULHERES
1 Coríntios	14.34-35	As mulheres estejam caladas nas Igrejas ; porque lhes não é permitido falar ; mas estejam sujeitas , como também ordena a lei . E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na Igreja.
1 Timóteo	2.9 – 15	Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito , porém, que a mulher ensine , nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade e na santificação.
Colossenses	3.18	Vós mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos , como convém no Senhor. Vós maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas.
Efésios	5.22-24	Vós, mulheres sujeitai-vos a vossos maridos , como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos .
Efésios	5.33	Assim também vós cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido .
Tito	2.3-5	As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam serias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem; Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, A serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeita a seus maridos , afim de que a palavra de Deus não seja blasfemada.

* todos os grifos presentes no quadro são da autora.

Quadro 12 - Doutrinas paulinas sobre as mulheres

A partir do pressuposto de ser verdadeiro este juízo, de que Paulo trouxera para o cristianismo, os conceitos androcêntricos do judaísmo, é possível compreender que dificilmente aquele apóstolo iria mencionar Maria Madalena como testemunha da ressurreição de Jesus. Mesmo sabendo que foi Maria Madalena quem anunciou aos apóstolos o fenômeno da ressurreição, a cultura androcêntrica que trazia dentro de si, resultante dos muitos anos a serviço do judaísmo o impediam de declarar uma mulher como testemunha do fenômeno que constituiu a razão de toda esperança de Paulo, conforme podemos entender nesta perícopa: “Se

esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem” (1 Co 15.19,20).

É provável que tenha sido o silêncio paulino sobre o testemunho de Maria Madalena, que levou João a registrar no quarto Evangelho, décadas depois de Paulo, todo o detalhamento de como se deu o encontro entre Maria Madalena e Jesus após a ressurreição.

4.5 A formação do cânon do Novo Testamento

A crença na ressurreição de Jesus, da qual Maria Madalena se constituiu a primeira testemunha, foi dogma sempre aceito pela Igreja cristã. Entretanto, a história registra que desde o princípio do cristianismo, surgiram movimentos contrários a este entendimento, que apresentaram diferentes interpretações para o fenômeno, no que diz respeito às naturezas divina e humana de Jesus, e as manifestações sobrenaturais que marcaram a sua existência. Conforme Eliade, “A partir do século II, a teologia cristã teve de defender a historicidade de Jesus simultaneamente contra os docetistas e os gnósticos, bem como contra os filósofos pagãos” (ELIADE, 2006, p.141). Em 137, Marcion, de Sinope, na Ásia Menor, fundador de uma escola gnóstica rival da Igreja, negou a encarnação de Jesus, declarou sua rejeição ao Deus do Velho Testamento, recusou os escritos do Novo Testamento, e aceitou somente a versão por ele modificada do Evangelho de Lucas, bem como os escritos de Paulo, a quem identificou como o único e verdadeiro apóstolo de Cristo (MARTINEZ, 2007, p. 1). “Marcião foi o primeiro cristão (...) a ter produzido um ‘cânon’ real das Escrituras – ou seja, uma seleção de livros que, segundo ele, constituíam a lista do texto sagrado da fé” (EHRMAN, 2006, p. 44).

Além destes, e até o III século, outros grupos gnósticos se levantaram, mas sempre apresentando polêmicas sobre a natureza humana e divina de Jesus: os Docetistas no século II e os Maniqueus no século III negaram a realidade do seu corpo humano (FERREIRA, 2003, p.110). Entende Walker que “essas opiniões primitivas provinham mais da tentativa de explicar a aparente contradição entre o Jesus da história e o Cristo da fé” (WALKER, 1980, p. 80). E explica: “Tão grande

era o contraste entre a vida terrena de humilhação e a preexistência e pós-existência em glória, que a solução mais simples para o problema cristológico poderia ter sido a negação total da realidade da vida terrena do Cristo” (WALKER, Idem). Tais controvérsias “fizeram pressão para que fossem identificados não apenas as crenças teológicas centrais dos cristãos, mas também seus documentos fundamentais” (BOCK, 2004, p. 124), conduzindo assim à formação do cânon do Novo Testamento, e gerando sólidas bases para a divulgação da doutrina herdada da Igreja primitiva:

Segundo o fragmento Muratoriano, por volta do ano 200, o cristianismo ocidental dispunha de um cânon do Novo Testamento, que compreendia: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, I e II Coríntios, Efésios, Filipenses, Colossenses, Gálatas, I e II Tessalonicenses, Romanos, Filemon, Tito, I e II Timóteo, Judas, I e II João, Apocalipse e o assim chamado Apocalipse de Pedro. No Oriente, o desenvolvimento do Cânon não foi tão rápido. Alguns livros, como *Hebreus* e *Apocalipse*, foram centro de discussão. (WALKER, 1980, p. 89).

Portanto, no ano 200, a Igreja localizada no ocidente, já dispunha de uma coleção autorizada de livros do Novo Testamento, em linhas gerais igual à nossa, à qual podia recorrer. A formação do cânon consistiu num processo de seleção entre os muitos documentos que compunham um grande conjunto de literatura cristã. Afirma Walker que esta primeira seleção não foi realizada por um concílio, mas sim pela força da opinião cristã. O critério para a escolha consistiu no pressuposto de que os livros reconhecidos fossem considerados escritos por um apóstolo, ou por um discípulo imediato de um apóstolo, representando, assim, ensino apostólico (Idem, p. 89).

Em sua obra *Quebrando o Código Da Vinci*, no capítulo que versa sobre a *escolha dos quatro Evangelhos: raízes apostólicas como base para a verdade, o uso difundido e a ameaça de falso ensinamento*, ensina Bock que em todas as citações dos documentos dos séculos II e III, já prevalecia a posição privilegiada dos quatro Evangelhos escolhidos. A existência de visões contraditórias da fé foi muito importante porque motivou a formação do cânon. Os trabalhos dos teólogos do século II, como Irineu, e do século III, como Tertuliano, mostram claramente que a

existência de grupos liderados por Marcion (140 d.C.), Montanus (170) e Valentinus (c.a. 100-175 d.C.), pressionaram “para que fossem identificados não apenas as crenças teológicas centrais dos cristãos, mas também seus documentos fundamentais”. As listas dos livros recebidos pela Igreja datam deste período, e trazem escrito o reconhecimento de quais livros eram aceitos pela Igreja e quais eram lidos em serviços religiosos. Até o advento da imprensa, estes livros eram lidos em serviços religiosos. Dentre estas listas se encontra, o denominado Cânone Muratoriano, que é uma obra latina descoberta pelo historiador Ludovico Antonio Muratori no ano de 1740: “A lista possui 85 linhas e contém fraturas no início, as lacunas típicas encontradas em textos antigos” (autor, ano e página). O manuscrito encontrado, cópia do documento original, parece datar do VIII século. O documento faz referência à criação do *Pastor de Hermes*, e ao fato de que Pio I havia se tornado bispo (157 d.C.), numa provável indicação de que a lista original foi elaborada no final do século II. (BOCK, 2004, p. 124-125).

Através da realização de Concílios ecumênicos, todos os movimentos rivais foram considerados heréticos, e fortemente rechaçados pela Igreja, com a excomunhão dos seus líderes. Da luta contra as heresias combatidas no século II, formou-se a Igreja Católica, com seus dogmas e sua forte organização episcopal. Diferia em muito da Igreja apostólica, mas conseguiu preservar o cristianismo histórico e atravessar a tremenda crise. No entendimento de Walker, “difícil é supor que uma organização menos rígida do que a que se desenvolveu no século II pudesse ter obtido tal sucesso” (WALKER, 1980, p. 89). Segundo o Dicionário Encarta (2001),

Por volta do século III, o gnosticismo começou a ocultar-se diante da oposição e perseguição cristãs. Além disto, conforme a teologia e o dogma iam se desenvolvendo, os ensinamentos gnósticos começaram a parecer estranhos e muitos seguidores converteram-se às crenças ortodoxas (ENCARTA, 2001).

Além do gnosticismo e outras correntes que foram rechaçadas e classificadas de heréticas, a Igreja também enfrentou um problema mais grave que era o da sua relação com o Estado, principalmente porque os cristãos se recusavam a adorar o Imperador, prestar serviço militar e desempenhar funções públicas. As

ferozes perseguições promovidas pelo Império foram muitas, e intermitentes. Mas, a cada uma delas a Igreja saía mais fortalecida e rigidamente organizada.

No final do III século o Império estava ameaçado de ruir pelas invasões bárbaras e lutas intestinas. Os adoradores dos deuses pagãos atribuíam aos cristãos os conflitos que sobrevieram a Roma, por entenderem que os deuses deixaram de proteger os romanos por estarem insatisfeitos ao verem que uma parte da população – os cristãos – não os adoravam. Em 303 d.C., três grandes editos de perseguição promulgados por Diocleciano, ordenavam a destruição das Igrejas, o confisco dos livros sagrados e o aprisionamento do clero, que era forçado a oferecer sacrifícios mediante torturas. Em 304, um novo edito estendia a todos os cristãos a obrigação de oferecer sacrifícios aos deuses. Cresceu o número de mártires, como também de apóstatas. Entretanto, em 311, após o afastamento voluntário de Diocleciano, Galério, Constantino e Licínio promulgaram um edito de tolerância para com os cristãos impondo a condição de que não houvessem práticas abusivas contrárias à disciplina.

Em seguida, Roma se viu diante de quatro concorrentes ao trono imperial, sendo Constantino um deles, o qual, desejando reunificar o Império aliou-se aos cristãos, mandando pintar o símbolo de Cristo no seu elmo e nos escudos de todos os soldados. E assim foi à guerra e venceu. A partir de então, a Igreja passou a gozar dos privilégios oferecidos pelo Estado. Depois de muitas tentativas violentas e inúteis de destruir os cristãos, em 313, reconhecendo o Império Romano que o cristianismo constituía uma poderosa organização lhe concede a igualdade de direito outorgada a todas as outras religiões, e, no final do IV século o transforma na religião oficial do Estado. E logo em seguida, o Império se divide em duas partes: Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente.

Em 451, realizou-se em Bitínia, na Ásia Menor, o Concílio de Calcedônia, que tentou dar um ponto final a todas as controvérsias heréticas, elaborando o credo onde é declarada oficialmente a crença cristã na dualidade humana e divina de Jesus (WALKER, 1980, p. 200).

Em 476 d.C. o Império Romano do Ocidente sucumbiu sob os Germanos. Durante toda a Idade Média, a partir da conversão dos bárbaros ao catolicismo, e desde 476, quando deixou de existir autoridade imperial no ocidente, a Igreja

Católica tornou-se a Instituição mais importante de toda a Europa, e considerada a legítima representante de Deus na Terra. Unificou a religião européia sob a sua denominação, tornando-se a guardiã dos valores espirituais e morais da cristandade, bem como, mediadora e disciplinadora das normas de vida. Para divulgar o cristianismo, fundou escolas e administrou-as. E para dar consistência lógica à doutrina cristã na luta contra as heresias, os padres da Igreja tentaram conciliar a revelação bíblica com a Filosofia. Assim, do século II ao século VIII, o pensamento filosófico esteve sob a influência judaico-cristã da Filosofia Patrística (conhecimento transmitido pelos padres). E do século IX ao XVI, fundaram-se as Universidades e o ensino passou à influência da Filosofia Escolástica. Dessa forma, por mais de um milênio a Igreja católica manteve no ocidente a hegemonia e monopólio do conhecimento, da cultura, da ordem moral, da política e da economia.

Entretanto, ao final do século XI, surgiu na França, sob o nome de catarismo, do grego *katharos*, que significa puro, um novo movimento formado por um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado em extremo ascetismo, e que foi considerado herético pela Igreja. Para combatê-lo a Igreja promoveu a Cruzada Albigense que os aniquilou completamente. Este novo movimento herético fez surgir no catolicismo instrumentos oficiais de combate às heresias, como a Inquisição e o livro hagiográfico *A Legenda Áurea*, que é um dos textos abordados em nossa pesquisa.

Em artigo publicado na Internet, intitulado *A Canonicidade do Novo Testamento*, Pickering (2006 p. web), divulga uma lista dos argumentos históricos mais relevantes que asseguram a confiabilidade dos Livros do Novo Testamento. Consta a lista de 18 itens e inicia-se enunciando que os autores humanos do texto bíblico tinham consciência de que estavam escrevendo a Bíblia ou um texto de grande autoridade. Assim como seus contemporâneos também o sabiam. Os líderes do cristianismo desde os séculos I e II, como dos seguintes, “utilizaram e citaram material neotestamentário lado a lado com material do A.T. como sendo Palavra de Deus”. Sendo assim, tomaram para si a tarefa de zelar por esse conhecimento e de vigiar seu processo de transmissão. Chega a afirmar textualmente que “dispomos de declarações cabais dessa preocupação a partir do próprio N.T. (Apoc. 22:18-19)”. A existência de cópias se fazia necessário porque “era costume nas congregações

cristãs, quer na cidade quer no campo, ler tanto o N.T. como o A.T. cada domingo. Como o processo da cópia manuscrita pode gerar equívocos involuntários, no início, a tarefa da conferência seria possível, comparando-se a cópia com o Autógrafo. Estes, ao que tudo indica, se encontravam em números que variavam entre, não menos que 18 e talvez até 24 dos 27 Autógrafos (2/3 a 8/9) que se encontravam na Grécia e Ásia Menor, conhecida como região Egéia. Região esta, onde a Igreja mais prosperou, e "se tornou o eixo da Igreja até o 4º século (pelo menos)". Vale recordar que o saque à Jerusalém se deu em 70 d.C. Significando que os originais que provavelmente lá existissem teriam sido levados para a Antioquia, ou locais mais distantes. Lembra-nos ainda o autor que "foi também nessa área que a língua Grega foi mais usada, e durante mais tempo". Pois era língua oficial do império bizantino. E, que a Ásia Menor foi caracterizada também "por uma mentalidade conservadora quanto ao Texto Sagrado; na Antioquia surgiu uma escola de interpretação literalista (por formação um literalista é obrigado a se preocupar com a exata redação do texto, pois sua interpretação se prende a ela)".

Resulta daí que até o ano 300 havia um fluxo de cópias cada vez maior, consideradas de boa qualidade, e fidedignas pois provinham da região Egéia para serem distribuídas para o mundo cristão. Foi então que Diocleciano iniciou sua campanha em 303 objetivando

"...destruir os MSS do N.T. Sendo que a perseguição mais ferrenha se deu exatamente na região Egéia, teria sido uma oportunidade perfeita para os tipos de texto existentes no Egito e na Itália conquistarem espaço maior no fluxo da transmissão do Texto, fossem considerados aceitáveis ou viáveis. Mas não aconteceu; os grandes pergaminhos $\aleph$, B e D não têm "filhos" — ninguém quis copiar semelhante texto".

Essa campanha, acabou ter um efeito purificador na transmissão. Sendo os MSS menos preciosos e menos respeitados os primeiros a serem entregues à destruição, restariam os exemplares mais cotados e respeitados. Estes seriam conservados e protegidos para suprir a Igreja de cópias confiáveis: "O movimento Donatista girou em torno da punição merecida pelas pessoas que entregaram seus MSS (entre outras coisas)". A exemplo de outras passagens históricas, muitos

foram os que não quiseram entregar, e outros tantos o fizeram mas sofreram discriminação.

Conclui dizendo que o fluxo de transmissão de texto que dominou o à partir do século IV foi o tipo Bizantino. Até os nossos dias, as Igrejas Ortodoxas do Oriente utilizam esse tipo de texto. Somente em meados do século IX é que aconteceu um "movimento" (parece que foi mais ou menos espontâneo) no sentido de mudar o estilo de grafia de letras maiúsculas (unciais) para cursivas (minúsculas)". E que,

"Dos MSS gregos existentes hoje (do N.T.), uns 95% trazem o texto "Bizantino" e os outros 5% são um tanto heterogêneos (o erudito Frederic Wisse fez uma comparação minuciosa de 1.386 MSS gregos nos capítulos 1, 10 e 20 de Lucas e chegou à conclusão de que apenas oito deles representavam o tipo de texto egípcio, geralmente chamado "Alexandrino" em nossos dias—oito contra 1.375!!!)".

Em 1453, após 1000 anos de sobrevivência do Império Romano do Oriente, sua capital Constantinopla é tomada pelos turcos otomanos, terminando assim o antigo Império. Urgia a necessidade de se descobrir um novo caminho para as Índias, e neste empenho chegou-se às Américas. A história da humanidade começou a tomar novo rumo, que se refletiu também na história da religião dominante, a partir das mudanças surgidas no período do Renascimento.

Este foi um breve relato de como se formou o cânon do Novo Testamento e como foi instituída a Igreja Católica. A partir de agora iremos investigar como foi obstruído o exercício de liderança feminina na Igreja, e como se desenvolveu o mito da Eva redimida no âmbito do catolicismo, como representação de Maria Madalena.

4.6 - O óbice para o exercício de liderança feminina na Igreja católica

Na fase de sua formação, o cristianismo não podia ocupar o espaço público porque era uma religião perseguida, proibida pelo Estado. As suas reuniões aconteciam em lugares reservados, nos interiores das casas ou em catacumbas. Segundo Biserra, o espaço privado "pertencia às mulheres, logo, elas foram

fundamentais para o novo grupo. Como patronas, fundadoras de comunidades, diaconisas, presbíteras, apóstolas, profetizas” (BISERRA, 2008, p. web).

Em sua Dissertação, afirma o autor, que no cubiculum de Velatía, nas catacumbas de Santa Priscila, em Roma, foram encontrados indícios da importância do trabalho das mulheres no crescimento da Igreja primitiva, através de uma pintura que data do III século, de uma mulher com véu rezando com as mãos levantadas e usando uma estola sacerdotal, e que está identificada como “Theodora Episcopa”, forma feminina da palavra latina *episcopus* – bispo (BISERRA, 2008, p. web). O autor faz ainda referência a outros afrescos de mulheres presidindo reuniões cristãs, e afirma que a mãe do Imperador Constantino foi um exemplo da importância do trabalho das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, uma vez que foi através dela que o seu filho veio a se “converter” (Idem).

Em 323 d.C. Constantino se torna o único Imperador de Roma, e a Igreja adquire a liberdade de culto, iniciando o seu processo de estatização, sob as benesses do Imperador. Mas, à medida que a Igreja foi se estatizando, tornando-se pública, o discurso oficial com relação às mulheres foi se tornando cada vez mais excludente e misógino. De acordo com Braga, “o patriarcalismo do mundo greco-romano constituiu, no entanto, um óbice para a afirmação da liderança feminina na Igreja cristã primitiva. Nos dois mil anos seguintes, o ideal de Jesus de incluir as mulheres foi postergado”. (BRAGA, 2007, p. web). Segundo Shuster,

Com a assistência do império romano, a liderança da Igreja tornou-se uma hierarquia, a qual se afastou de suas origens familiares, caindo na mentalidade romana de uma classe governante que estava acima do povo na rua. (...) A Igreja adotou a prática romana de permitir que somente os homens mantivessem a autoridade institucional (SHUSTER, 2008, p. web).

Esta concepção discriminatória da mulher, assegurada pelo cristianismo, permitiu a manutenção dos homens no poder, porque “fornecia uma segurança baseada na distância ao clero celibatário, legitimou a submissão feminina e sufocou qualquer tentativa de subversão da ordem estabelecida pelos homens” (CARVALHO, 2008, p. web). A partir daí, doutrinas paulinas de repressão à mulher no que diz respeito ao trabalho eclesiástico começaram a ser observadas.

Neste contexto, os clérigos passaram a tomar medidas para obrigar as mulheres, que haviam sido tão importantes no estabelecimento do cristianismo, a voltarem ao seu espaço doméstico (BISERRA, 2008). E uma das vias encontradas para efetivar o seu afastamento do espaço clerical, foi se espelhar nas restrições da Lei para as mulheres durante o ciclo menstrual, ainda que de forma mais sutil e mais moderada.

Segundo Ranke~Heinemann (1996), a doutrina católica da proibição da mulher de participar da comunhão estando menstruada, teve início em Alexandria no III século. O Patriarca Dionísio de Alexandria (248 e 265), afirmou que a mulher devota, pia, que estivesse menstruada, nunca pensaria se aproximar do altar nem participar da comunhão. Em alguns casos a comunhão era proibida para mulheres menstruadas, em outros era permitida.

O Papa Gregório Magno (590-604), não impedia as mulheres de irem à Igreja ou de receberem a comunhão, mas elogiava as que se abstinham da Eucaristia nesse período. A exigência era maior para as mulheres de parto, porque tinham que se purificar antes de ter acesso ao templo, ou seja, tinham que se postar ou se ajoelhar do lado de fora da porta da Igreja, e só depois da purificação solene com água-benta e com a oração do padre poderia ser introduzida no templo. Há o registro de que no povoado de Deckenpfronn, em Floresta Negra, as mulheres menstruadas eram mesmo proibidas de entrar na Igreja, ficando do lado de fora do templo, postadas como criminosas, junto ao pelourinho. E ainda, que as diaconisas ordenadas pela Igreja eram expulsas do seu lugar na liturgia e que não têm mais acesso ao altar. (RANKE~HEINEMANN, 1996).

Escrevendo sobre a desigualdade reservada ao sexo feminino, afirma Ribeiro que ela remonta muito além dos primeiros cristãos, “que o próprio contexto sociocultural terá influenciado, e continuará decerto a influenciar, boa parte do discurso oficial da Igreja, e das interpretações do mesmo, no que diz respeito ao feminino” (RIBEIRO, 2008, p. web)

O androcentrismo introduzido no cristianismo pela doutrina paulina encontrou fortalecimento nas filosofias platônica, aristotélica, estóica, pitagórica e gnóstica, onde a desconfiança sobre a carne estava intrinsecamente ligada à figura feminina e ao prazer sexual, sendo o gnosticismo considerado por

Ranke~Heinemann, o mais perigoso para o cristianismo, porque viam o corpo humano como um “cadáver com sentidos, o túmulo que carregamos conosco. O mundo não vem das mãos de um Deus bom, mas de demônios. A alma (...) é capturada pelos poderes demoníacos e banida para este mundo de trevas” (RANKE~HEINEMANN, 1996, p. 27). Este entendimento gnóstico de que o corpo e a alma eram endemonizados consistia num protesto veemente contra a idéia de que a vida é boa, e não tinha correspondente em nenhuma outra filosofia, era exclusivo do gnosticismo. Mas conseguiu influenciar o neoplatonismo na sua exigência de uma vida de abstinência para os seus seguidores, alcançando por esse ramo filosófico o cristianismo agostiniano no início do Século V (Idem).

O ideal da castidade pela supressão do ato sexual foi implantado pela Igreja Católica através do livro apócrifo de Tobias, inserido na tradução latina da Bíblia, denominada Vulgata, elaborada no Século IV por Jerônimo, onde foi inserida uma oração em que o personagem Tobias pede permissão a Deus para ter relações sexuais com sua esposa, justificando seu pedido no fato de desejar ter filhos, ou seja, desejava fazer sexo apenas para fins de procriação, não para ter prazer (Idem).

Em conformidade com Shuster, a abstinência sexual praticada pelos romanos antes de uma batalha ou de eventos esportivos foi igualmente adotada pelos padres antes das celebrações litúrgicas. E, numa atitude contra a mulher, a sexualidade e a instituição da família, o Papa Damásio (366-383) proibiu os padres casados de se relacionar sexualmente com suas esposas. O Papa Sirício (384-399) abandonou a própria esposa e os filhos, e decretou que nenhum dos padres poderia continuar casado; Santo Agostinho, em 401, escreveu que nada teria mais poder de neutralizar as forças de um homem, do que a carícia de uma mulher (SHUSTER, 2008, p. web). Estava assim reconhecida e sedimentada a misoginia católica.

Entretanto, a palavra de maior peso para consagrar o celibato no clero romano em discriminação à mulher, veio do Papa Gregório Magno (590 a 604), através da sua sentença máxima: “O prazer nunca se dá sem pecado” (RANKE~HEINEMANN, 1996, p. 194).

Foi este mesmo Papa que estigmatizou Maria Madalena como prostituta, ao confundi-la com várias mulheres, inclusive a mulher pecadora mencionada no sétimo

capítulo do Evangelho de Lucas, e que serviu de pressuposto, no âmbito do catolicismo, para o desenvolvimento do símbolo da Eva redimida como representação de Maria Madalena conforme relataremos a seguir:

4.7 - O símbolo da Eva redimida

Das muitas mulheres mencionadas no Novo Testamento, Maria Madalena é a única, que se imagina, teria sido totalmente independente, dona de si mesma. As citações nas Escrituras sobre outras mulheres, sempre as associam a algum homem, seja o pai, o marido ou mesmo um filho. Maria Madalena, não! Segundo Sebastiani, o não pertencer a nenhum homem constituiu o elemento básico para se estabelecer o enigma em torno do seu nome. O completo silêncio bíblico a respeito de sua vida particular, associado às revelações de que Jesus expulsou dela sete demônios, e que ela o viu ressuscitado, vinculou para sempre os seus nomes e fez surgir para o culto e a memória da personagem, múltiplas representações míticas, imagéticas, simbólicas e arquetípicas.

...um dos elementos básicos do enigma de Madalena consiste precisamente no fato de não pertencer a nenhum homem; não pode ser posta em relação com nenhum homem a não ser com Jesus. Daí vieram intuições e especulações sem fim, antigas e modernas, teológicas e romanescas, [...]. A singularidade, em todo caso, deve ser revelada, até porque, no curso dos séculos, o mito da pecadora se apoiou em outro sobre esta ausência de laços familiares garantidos. (SEBASTIANI, 1995, p. 39).

O primeiro nome da personagem vem sempre seguido do seu segundo nome para diferenciá-la das demais mulheres citadas nos Evangelhos canônicos e que também se chamavam Maria, como a mãe de Jesus, a mãe de Tiago, e Maria de Betânia, entre outras. O seu segundo nome, Madalena, ou Magdalini em grego, tratava-se de um topônimo, significando que ela era natural de Magdala, ou Mejdol. Segundo descobertas arqueológicas, e narrações que se encontram nos escritos de Flavius Josefus e outros, o local é descrito como tendo sido uma rica cidade comercial, que tinha a pesca como sua principal fonte de renda, e que mantinha

contactos comerciais com o mundo helênico. Estava situada no lado noroeste do lago da Galiléia. (VALTER, 2006, p.web).

Esta lacuna na identificação de Maria Madalena tornou a personagem alvo de especulações sobre o seu papel junto ao sepulcro na cena da ressurreição, assim como foi alvo de discussões clericais a definição teológica sobre o papel da Virgem Maria no contexto da história da salvação:

➤ Em 150 d.C., Tertuliano de Cartago (150-222), através do tratado *De Pudicitia*, identificou Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora do capítulo sétimo de Lucas como uma mesma pessoa (CHAMPLIN, 1982). Dele procede a afirmativa de que Maria, a mãe de Jesus, era perpetuamente virgem (WALKER, 1980).

➤ Em 185 d.C., Irineu de Lion distingue em seus escritos as três mulheres – Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora de Lucas (CHAMPLIN, 1982);

➤ Hipólito de Roma (170-235 d.C.) compara Maria Madalena à noiva de Cantares e a intitula Apóstola dos Apóstolos. Escrevendo sobre o livro de Cantares, ressalta o amor espiritual da personagem por Cristo, “comparando a busca da Amada pelo Amado no poema de Salomão com a busca de Madalena por Jesus no sepulcro e no Jardim.” (ARAÚJO, 2007).

➤ No início do III século, Orígenes de Alexandria (185-254) discutiu a possibilidade das três personagens – Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora de Lucas 7 – serem a mesma mulher, mas rejeitou essa identificação (STEFANO, 2008).

➤ Em 431 é realizado o Concílio de Éfeso, na Ásia Menor, para combater o nestorianismo, sendo Maria, a mãe de Jesus, declarada mãe de Deus – Teotokos. Desde então a Virgem Maria é elevada à categoria de primeira entre os seres criados e a principal entre todos os santos, passando em seguida a “ocupar o lugar de seu Filho como mediadora entre Deus e o homem.” (WALKER, 1980, p.223).

A declaração clerical da Virgem Maria como mãe de Deus, associada à argumentação de Paulo a Timóteo, de que primeiro foi formado Adão, e depois Eva, e que ela é que foi enganada, não Adão, ela é que caiu em transgressão, não o homem, e que a salvação para a mulher estaria em ter filhos e permanecer em modéstia, caridade e santificação (1 Tm 3.13-15), levou as autoridades eclesiásticas

a construírem uma visão da mulher, em que apresentavam Eva como a culpada pelo pecado original, a tentadora; a Virgem Maria como a mulher que deu ao mundo o Salvador e redentor dos pecados, e Maria Madalena, como a pecadora resgatada, símbolo da Eva redimida.

Como já mencionamos, o símbolo da Eva redimida conferido à Maria Madalena surgiu como resultado da fusão de sua identificação como Prostituta e da sua tipologia com a noiva descrita em Cantares. Na qualidade de prostituta, Maria Madalena representou todas as mulheres, herdeiras da culpa de Eva pelo pecado original. Na representação da Noiva descrita em Cantares, Maria Madalena simbolizou a união entre o Deus de Israel e os seres humanos, através do perdão dos pecados.

Essa dupla imagem de prostituta e noiva, que resultou no símbolo da Eva redimida, inspirou famosos pintores a partir do Renascimento, gerando uma multiplicidade de representações da personagem, algumas reproduzindo a cena da ressurreição através das telas denominadas *Nolo me tangere*, em que ela representa a tipologia da Noiva de Cantares e é retratada coberta por longas vestes, outras, em pinturas como a *pecadora penitente*, onde ela aparece geralmente vestida, mas ostentando sensualidade, e algumas outras, igualmente denominadas a pecadora arrependida, Madalena penitente, ou simplesmente Madalena, retratam a personagem nua ou seminua, pondo em evidência as características de Prostituta, apesar do completo silêncio que faz a Bíblia sobre a vida particular da personagem, sendo, portanto, criações do imaginário.

No próximo capítulo abordaremos sobre as doutrinas gnósticas, o catarismo, a *Legenda Áurea* e as obras dos pintores que imortalizaram nas telas as representações de Maria Madalena.

CAPÍTULO 5

AS CONSTRUÇÕES MITOLÓGICAS ACERCA DE MARIA MADALENA

5.1 Os gnósticos

Trata-se o gnosticismo de uma corrente religiosa e filosófica que busca o conhecimento (*gnose*) da vida interior do homem, dos arrebatamentos místicos da alma e da luta entre o bem e o mal, no interior do homem e da sociedade. Afirmando-se cristãos, desde o princípio se revelaram fortes opositores do cristianismo e do judaísmo, por julgarem as suas doutrinas como meios de opressões exteriores. Com raízes encontradas nos cultos de mistérios egípcios, helênicos e orientais, a sua visão de mundo defendia que sempre existiu a matéria, ao lado do espírito, o mal ao lado do bem. Neste aspecto, e contrariando o dogma judaico-cristão do pecado original, entendiam que o mal sempre existiu, quer como uma força passiva, quer como uma força em luta contra o bem. Assim, a sua busca de conhecimento estava ligada essencialmente à tentativa de explicar este conflito entre o bem e o mal, e, de onde e como o mal veio ao mundo (BEER, 2007, p. 136). Desta maneira, podemos compreender que a busca pela *gnose* significa a busca de conhecimento através de revelação mística e extática, sobre Deus, o universo e a finalidade da vida humana. “Buscavam a sabedoria como meio de alcançar Deus. Para eles, Deus não se dá a conhecer aos pobres e sofredores” (FARIA, 2004, p. 14). Pregavam a inutilidade e inferioridade de tudo o que existe no mundo, e “a abstinência do casamento, da carne e do vinho” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 27). O sexo era aceito apenas para procriação. As mulheres eram discriminadas nas entrelinhas das proibições ao casamento e aos prazeres (Idem).

O Evangelho de Tomé expõe com clareza o caráter misógino das doutrinas gnósticas, ao transcrever um suposto diálogo ocorrido entre Jesus e os discípulos, no qual Pedro solicita que Maria Madalena seja excluída do grupo de discípulos “porque as mulheres não são dignas da vida”. Como resposta, Jesus teria declarado que iria “guiá-la para fazer dela um homem” para torná-la “um espírito vivo”, semelhante aos homens (TOMÉ 114, apud ROBINSON, 2006, p.125).

A organização de toda espiritualidade dos gnósticos, toda prática, todo exercício da vida gnóstica, “tudo o que podia ser ascese em torno do conhecimento (da *gnose*) era voltada para a busca do conhecimento do sagrado, e tinha o objetivo único de reconhecer a si mesmo como elemento divino” (FOUCAULT, 2006, p.510). Nisto provavelmente estão à explicação dos gnósticos se considerarem *os perfeitos*. Provavelmente por esta razão nada se sabe a respeito deles, nem mesmo através dos textos que deixaram enterrados em Nag Hammadi.

Os gnósticos não tiveram sua origem no cristianismo. Quando o cristianismo surgiu, eles já existiam e já tinham sua própria visão de mundo a que se mantiveram sempre fiéis. Dentre os teólogos gnósticos que se converteram ao cristianismo, alguns negaram os pilares da pregação cristã que se fundamenta na ressurreição de Jesus, como Marcião, Valentim e Basilides.

De caráter sincrético, o gnosticismo tinha raízes nos cultos de mistérios egípcios, helênicos e orientais. Suas teses eram fundamentadas nas mais diversas seitas e religiões. Afirmando-se cristãos, desde o princípio se revelaram fortes opositores do cristianismo e do judaísmo, por não aceitarem os pilares de suas doutrinas, como o Deus do Antigo Testamento ser o único Deus, e o fenômeno da Ressurreição de Jesus ter sido real, assim como por julgarem a organização eclesiástica um meio de opressões exteriores. Paulo contestou o gnosticismo em sua primeira epístola a Timóteo, onde fala sobre a improcedência do seu desprezo pela existência: “Ó Timóteo evita as conversas frívolas de coisas vãs e as contradições da falsa ciência (*gnosis*) proibindo o casamento, e a abstinência de manjares que Deus criou para os fiéis, (...) por que toda criatura de Deus é boa” (1 Tm 4:1-5). As principais doutrinas gnósticas sobre Jesus e Maria Madalena, estão registradas nos Evangelhos gnósticos, em que estão formuladas as hipóteses que contrariam as narrativas bíblicas nos seguintes aspectos:

- Negação do fenômeno da ressurreição de Jesus;
- Afirmção de que Maria Madalena era sua esposa e teria negociado a convivência dos guardas do sepulcro a respeito do desaparecimento do corpo;

- Entendimento de que Jesus aparecera a Maria Madalena, não no seu corpo material, mas numa visão espiritual, porque ela se tratava da discípula mais amada por Ele.
- Interpretação mitológica de que Maria Madalena era a representante do princípio feminino que procurava no Mestre a sua metade masculina, porque segundo o Evangelho de Tomé, para a mulher entrar no Reino dos Céus tem que se tornar homem (TOMÉ 114, apud FARIA, 2004, p.121), porque só os homens têm *a mente iluminada pela luz do conhecimento perfeito*.

Dentre os muitos discursos gnósticos rotulados de hereges, estava a oposição à declaração joanina de que Maria Madalena foi a primeira pessoa a testemunhar a ressurreição de Jesus. Ainda que uma crescente multidão tenha acreditado na pregação dos Apóstolos, e contribuído para a formação e avanço da Igreja, no Oriente e no Ocidente, entretanto, os testemunhos dos discípulos não foram aceitos pelos céticos, de maneira que hipóteses alternativas foram levantadas para negar a ressurreição, afirmando algumas delas, em síntese, que tudo não passou de uma farsa, que Maria Madalena, teria sido esposa de Jesus, e que neste *status* teria negociado a convivência dos guardas. Afirma Baigent (2006, p. 31), que “a idéia de uma crucificação arranjada não é nova; até o Corão fala disso”. Explicando melhor, a crucificação teria sido uma farsa porque Jesus Cristo não teria morrido na cruz, e, portanto, não teria ressuscitado.

Conforme notícia divulgada no portal da Globo, a lenda do caso de amor entre Jesus e Maria Madalena surgiu em textos, provavelmente “compostos no ano 200 da nossa era, ou até mais tarde, e compartilham uma mesma teologia, a do gnosticismo” (LOPES, 2008, p. web). Explica este autor, que todos os textos que fazem referência a uma ligação amorosa entre Jesus e Maria Madalena, são mais recentes, no mínimo 100 anos da época em que Jesus viveu, e foram “escritos por pessoas que queriam justamente desafiar as visões mais ortodoxas do cristianismo, as quais começavam a se firmar.” (Idem).

As hipóteses que negavam a ressurreição e apontavam a união conjugal entre Jesus e Maria Madalena como o fundamento da suposta negociação de apoio da guarda do sepulcro, se baseavam em escritos do

paganismo, ou nas doutrinas dos evangelhos gnósticos, os quais foram severamente refutados e proibidos pela Igreja primitiva, mas cujas cópias coptas datadas do Século IV, como já foi mencionado, foram deixadas escondidas em cavernas em Nag Hammadi, no Egito, tendo sido encontradas em 1945.

Segundo Frei Jacir, os textos gnósticos originais foram queimados por ordem do bispo Atanásio de Alexandria, em 367 d.C., por se tratar de literatura que foi considerada herética pelo Concílio de Nicéia, que fora realizado em 325 d.C. Mas, essa ordem não foi cumprida pelos monges de Nag Hammadi, "os quais esconderam preciosidades apócrifas gnósticas ao pé do rochedo alto e íngreme chamado Djebel-el-Târif." (FARIA, 2004, p. 25).

O importante achado, composto de "trinta papiros encadernados em couro" (PAGELS, 2006, p. xiii), contém textos gnósticos com os seguintes títulos: "Evangelho de Tomás, Evangelho de Filipe, Evangelho de Maria, Atos de João, Testemunho da Verdade, Pistis Sofia, Sabedoria de Jesus Cristo, e muitos outros" (BOCK, 2004, p.78). Encontra-se no Evangelho de Filipe (63.32-64.5), o seguinte texto que é interpretado pelos críticos como uma evidência de que Maria Madalena era casada com Jesus:

"(...) a companheira do [Salvador é] Maria Madalena. [Mas Cristo a amava] mais que a [todos] os discípulos, e costumava beijá-la [com frequência] na [boca]. O restante dos [discípulos ficava ofendido] (...) Eles lhe disseram: "Por que você a ama mais que a todos nós?" O Salvador respondeu: "Por que eu não amo vocês como a [amo]?"(apud PAGELS, 2006, p. xvi).

Embora reconheça ser esta passagem a principal responsável pela sugestão de que Jesus e Maria Madalena tenham sido casados, tal hipótese é refutada por Bock (2004, p. 35-37), tendo em vista que o manuscrito não explicita esta afirmativa, além de conter palavras coptas que foram tomadas por empréstimo do grego, e estar corrompido, podendo a tradução que lhe foi dada não corresponder com o que estava escrito originalmente. Afirma o autor que o texto foi elaborado no final do século III, já passados cerca de 200 anos da época de Jesus. Descreve Maria como sendo "companheira" de Jesus. Entretanto, o texto se apresenta fragmentado em 63:33-36 e diz: "E a

companheira de [...] Maria Madalena. [...amou] a ela mais que a [todos] os discípulos e [costumava] beijá-la [sempre] na [...]" (apud Bock, 2004, p.35). Continuando, Bock afirma que as palavras entre colchetes indicam as lacunas existentes no texto, e que as palavras sugeridas são interpretações incertas, porque não é possível a leitura em razão dos estragos no manuscrito. A leitura é sugerida em função do tamanho da lacuna e do contexto. Especialistas deduzem qual palavra específica se encaixa nas lacunas pelo número de letras ausentes e traduzem o resultado. Sendo, portanto, uma tradução duvidosa (BOCK, 2004).

Analisando o referido texto compreendemos que a chave para o esclarecimento da questão encontra-se na própria pergunta dos discípulos ao Salvador, e na resposta formulada por este: – Eles lhe disseram: “Por que você a ama mais que a todos nós?” O Salvador respondeu: “Por que eu não amo vocês como a [amo]?”.

Se os discípulos soubessem que ela era amante ou esposa do Salvador, qual seria o sentido desta pergunta? Como questionar alguém que ama a sua esposa mais que a qualquer outra pessoa? Isto não seria o óbvio? Não seria o normal? Se eles assim perguntaram é porque o Salvador não tinha esposa ou amante. Em sua volta estava apenas um grupo de discípulos formado por homens e mulheres. A própria resposta do Salvador leva a este entendimento: “Por que eu não amo vocês como a [amo]?”.

Além deste argumento baseado no texto gnóstico, os autores que sustentam a hipótese de um casamento entre Jesus e Maria Madalena procuram fortalecer o seu entendimento assegurando que nos Evangelhos canônicos Maria Madalena é citada em primeiro lugar nas seis perícopes que fazem referência ao seu nome quando mencionado ao lado de outras companheiras, como afirma Gardner: “Em seis delas, Maria Madalena é o primeiro nome” (GARDNER, 2006, p. 19). Mas, uma análise compreensiva na narrativa de João, torna ineficaz este discurso:

Conforme citado anteriormente, em Jo 19.35, está escrito que aos pés da cruz, se encontrava a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe [Salomé], Maria de Cleofas e Maria Madalena. Esta é a ordem em que são mencionadas as mulheres presentes

naquele instante da crucificação: primeiramente a família (mãe e tia), depois as discípulas (Maria de Cleofas e Maria Madalena). Observa-se que o nome Maria Madalena vem por último, depois até, que o nome de Maria de Cleofas.

Se Maria Madalena fosse esposa de Jesus, ainda que em oculto, não deveria o seu nome ser mencionado ao lado da menção à mãe de Jesus? Não seria o óbvio, os nomes das duas mulheres mais íntimas – mãe e esposa –, figurarem solidariamente, lado a lado, naquele instante final do amado? Não deveria o nome Maria Madalena, caso fosse esposa, ser anterior à citação da irmã da mãe de Jesus?

Além disto, ainda que se ultimando, naquele instante Jesus estava tratando de um assunto familiar: confiava a guarda de sua mãe ao primo e discípulo amado. A partir dali, o domicílio de sua mãe, passaria a ser o domicílio de sua irmã, Salomé, a mãe do discípulo amado.

Se Maria Madalena fosse esposa de Jesus, porque ele confiaria a guarda de sua mãe ao discípulo amado? Não deveriam as duas mulheres mais importantes de sua vida, prosseguirem juntas? Possivelmente ele seria guiado pelo exemplo de suas ancestrais Noemi e Rute, protagonistas da belíssima história de duas viúvas que entre si eram sogra e nora, e que permaneceram juntas apesar de todas as dificuldades, mas foram por fim recompensadas pelas bênçãos de um novo casamento para Rute, de onde surgiu a linhagem sagrada de Davi (Rt 1.14-22; 4.10-22).

Se Maria Madalena fosse esposa de Jesus provavelmente que ele não separaria as duas, antes descansaria na confiança de que elas se ajudariam mutuamente. O seu nome seria mencionado ao lado do nome de Maria, a mãe. Ou, no mínimo, antecederia o nome da outra discípula Maria de Cleofas. Mas não! O que se percebe é que na presença da família, Maria Madalena não se inclui no rol da parentela.

Mas não se pode dizer o mesmo quando o assunto em evidência recai sobre o serviço ao Mestre: Maria, a mãe de Jesus, não é mencionada no seu sepultamento e ressurreição. Em Jo 19:27, percebe-se que o discípulo, tão logo recebeu a incumbência de cuidar da mãe de Jesus, levou-a para sua casa, antes mesmo de Jesus expirar. E não podia ser diferente. Certamente que a sua mãe estava tomada

de um cansaço extremo, agravado pela dor profunda de assistir impotente a cruenta agonia do seu amado filho. Precisava urgentemente se recolher com a sua dor.

Seria diferente o sentimento de uma esposa diante do trágico quadro? Mas não é o que demonstra Maria Madalena. Antes, tornou-se incansável, à semelhança de uma dedicada serva. Juntamente com Maria de Cleofas, foi a última a se retirar. Só o fez depois de assistir o seu sepultamento e comprar as especiarias e o ungüento para a unção do corpo do seu Mestre. E passado o sábado, na madrugada do primeiro dia, já estava a caminho do sepulcro para cumprir sua missão: Ungir o corpo do seu Senhor. Os artistas captaram seu gesto e a retratam sempre com um vaso nas mãos, transportando o azeite para unção, que é trabalho de serva!

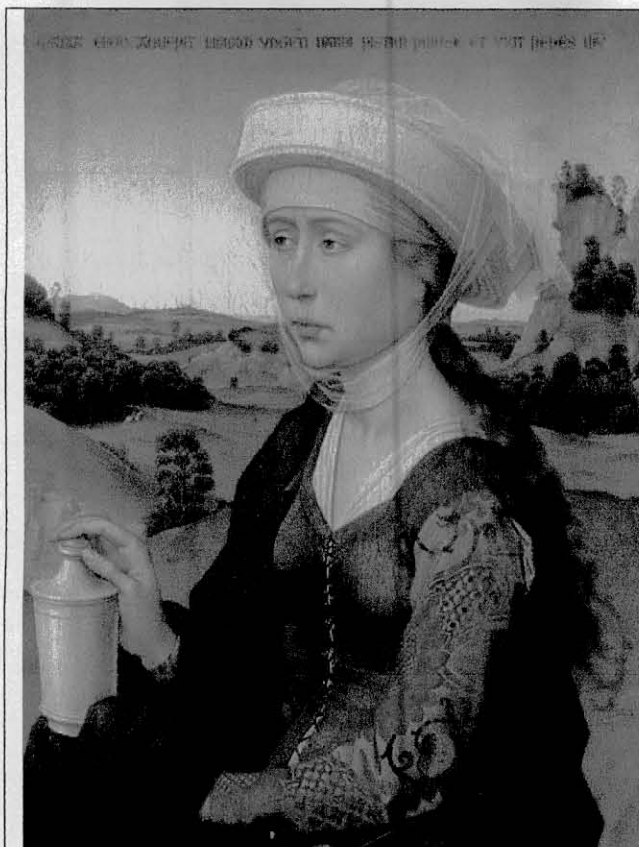


Figura 15 – **Madalena** (c. 1450)
Rogier van der WEYDEN (1400-1464)



Figura 16 – **Santa Maria Madalena**
Quentin MASSYS (1465/66-1530)

Vimos em Malinowski (apud BARRIO, 2005), que a narrativa mítica retroage aos eventos iniciais, mais elevados, mais sobrenaturais, porque tem a função, o propósito de fortalecer ou restaurar a tradição, torná-la forte. Neste entendimento, podemos intuir que ao associarem Maria Madalena ao mito do princípio feminino, os

gnósticos foram movidos pelo desejo de “fortalecer” ou “restaurar” a tradição mitológica ocidental. Sim, porque se eles não acreditavam na revelação bíblica da ressurreição, e, ao mesmo tempo, se deparavam com a realidade de uma nova religião – o Cristianismo –, que, mesmo sendo perseguida, principalmente pelo Estado, estava solapando as crenças mitológicas ocidentais,urgia então a necessidade de negarem-se as narrativas cristãs. E claro, com argumentos buscados no mito que representasse o cerne da visão de mundo do gnosticismo, para que desse uma interpretação alternativa sobre os principais personagens envolvidos na cena da ressurreição, principalmente Maria Madalena que foi a primeira testemunha a declarar a constatação do fenômeno, segundo o Evangelho joanino.

Considera Ehrman, que Maria Madalena mudou o curso da história da humanidade, porque encontrou o túmulo de Jesus vazio. E afirma que “alguns cristãos reconheceram a importância da personagem e inventaram histórias sobre ela”, de que Jesus lhe teria aparecido após a sua morte e revelado conhecimentos secretos. Esclarece, todavia, que tais revelações ocorrem nos “Evangelhos fora do Novo Testamento”, ou seja, nos Evangelhos gnósticos. E assegura que tais revelações “incorporam as crenças, as preocupações e os pontos de vista dos narradores que originalmente as imaginaram. (...) não são aquilo que Jesus realmente disse a ela, mas o que os narradores queriam que ele tivesse dito.” (EHRMAN, 2008, p. 336).

Analisando as expressões contidas nos diálogos registrados nos Evangelhos gnósticos e atribuídos à revelação de Jesus a Maria Madalena, ou a outros discípulos, percebe-se a construção de uma linguagem dirigida no sentido de fortalecer a visão de mundo do gnosticismo. Expressões como *destruir a mulher*, ou, *destruir as obras da mulher*, ou ainda, *transformar a mulher em homem* etc., são eivadas de discriminação contra a mulher, denotam misoginia, preconceito.

Verificam-se nos Evangelhos gnósticos declarações que sugerem que Pedro não suportava Maria Madalena e que ela era a líder do cristianismo. Este último aspecto é bastante claro nos textos de origem gnóstica. Mas, não tem o menor indício de apoio bíblico. Uma análise comparativa entre o Evangelho gnóstico de Maria e o Evangelho canônico de João mostra uma total discrepância

neste entendimento. Enquanto o primeiro afirma que o Mestre revelou a Maria, segredos desconhecidos dos Apóstolos, o segundo afirma o contrário como se vê no discurso de Jesus da última Ceia, registrado em João 15:15: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas charnei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer”. E também na resposta de Jesus dirigida ao Sumo-Sacerdote, quando este lhe interrogava a respeito dos seus discípulos e da sua doutrina, como consta em João 18:20-21: “Eu tenho falado abertamente ao mundo; eu sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se congregam, e nada falei em oculto. Por que perguntas a mim? pergunta aos que me ouviram o que é que lhes falei; eis que eles sabem o que eu disse”. Observe-se que estes versículos encontram-se no Evangelho de João, e como já mencionamos, exatamente o Evangelho que alguns pretendem atribuir à autoria de Maria Madalena. No entendimento de Bock,

“Nag Hamadi tem muito a nos ensinar sobre o Cristianismo primitivo, mas seu valor reside no que seus textos nos informam sobre o século I, mais do que nos conteúdos que trazem. (...). Um olhar sobre os evangelhos perdidos e o ensinamento gnóstico não faz deles uma luz para o século XXI” (BOCK, 2007, P. 254).

5.2 A masculinidade de Deus segundo o gnosticismo

Encontra-se no Evangelho de Tomé, a doutrina de que para a mulher entrar no Reino dos Céus tem que se tornar homem porque só os homens têm “a mente iluminada pela luz do conhecimento perfeito” (TOMÉ 114, apud FARIA, 2004, p.121).

Falando sobre a visão que eles tinham acerca de Deus e da ressurreição de Jesus, afirma Arias (2006, p.62):

Para os gnósticos, [...], Deus não era só masculino, mas também feminino, não só pai, mas também mãe. [...]. Ao mesmo tempo, os gnósticos utilizam o simbolismo sexual para descrever Deus, [...]; alguns deles chegaram a considerar que a única forma de “experiência” da divindade é através do orgasmo sexual.

No entendimento de Leloup (2005, p. 14),

Se Yeshua, considerado como o Messias, como o Cristo (...), não assume a sexualidade, esta não é salva. Ele não é mais Salvador no sentido pleno do termo, e é uma lógica mais de morte que de vida a que se instalará no cristianismo – particularmente no cristianismo romano-ocidental:

O Cristo não assumiu sua sexualidade,

Portanto a sexualidade não “salva”,

Portanto a sexualidade é má, portanto assumir sua sexualidade pode ser degradante

E pode então nos tornar “culpados”.

Afirma Pagels (2006, p.19) que “a insinuação de um relacionamento erótico entre Maria Madalena e [Jesus] pode indicar uma reivindicação de comunhão mística; em toda a história, os místicos de muitas tradições escolheram metáforas sexuais para descrever suas experiências”. Mas este pensamento não foi comungado pela Igreja primitiva. Segundo Chauí, os cristãos esperavam a volta iminente de Jesus e por isto passaram a dispensar as relações sexuais, por entenderem não haver mais necessidade de se perpetuar a espécie humana, por acreditarem que o seu retorno significaria a reconquista da imortalidade (CHAUÍ, 1991). Provavelmente que este entendimento se espelhava nas atitudes do próprio Jesus, como ele mesmo falou para Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá; e todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá” (Jo 11.26-26).

Acreditam os gnósticos, que o Criador é uma divindade andrógina, cujo princípio feminino, chamado de grande-mãe, requer adoração independente da que é devotada ao Ente a que chamamos Deus, uma vez que entendem ser esta nomenclatura apenas uma representação do seu lado masculino. Esta crença foi igualmente seguida pelos cátaros. A declaração gnóstica de que “Deus é a mãe universal, (...) de modo claro revela uma forte inspiração dos cátaros” (PICKNETT, 2000, p. 96).

5.3 Os cátaros

Os cátaros ou albigenses foram seguidores de um Cristianismo heterodoxo. A origem da palavra já traduz a forma como eles mesmos se percebiam: *kátharos* é uma palavra grega que pode ser traduzida como puro. Tiveram várias denominações

de acordo com a língua da região em que habitavam. Mas denominavam-se em geral de bons cristãos ou bons homens.

O catarismo Floresceu ao sul da França, na região do Languedoc, nas cidades de Toulouse, Narbonne, Agen e Carcassonne. A região ficou conhecida como o País Cátaro e era uma área política. O Languedoc só foi anexado a França no ano de 1229 (O'SHEA, 2005). Além desse país, existiam cátaros na Alemanha, na Catalunha, na Itália e, ao que tudo indica, na Inglaterra, denunciando a influência crescente do movimento já no início do século XI. Segundo O'Shea, o Languedoc, era formado pelo "grande arco de terra que se estendia dos Pireneus até a Provence e que incluía cidades como Toulouse, Albi, Carcassonne, Narboe, Béziers e Montpellier" (O'SHEA, 2005, p. 20). Esclarece Starbird (2004), que a Provença, muitos séculos antes das Cruzadas, já era uma área de relativos conhecimentos e progresso, um lugar onde existia um vivo interesse pela arte, pela literatura e pelas religiões islâmica e judaica.

Manifestavam um ascetismo extremado e sua organização não era centralizada, não possuindo líderes máximos a exemplo de um Papa. Não existindo uma hierarquia eclesiástica, davam origem a uma variedade muito grande de formas de culto. Embora formado por uma espécie de sincretismo de elementos cristãos, maniqueístas e gnósticos, existia, contudo, um eixo comum de crenças: as fontes eclesiásticas, mesmo que também as interpretações entre os vários agrupamentos se dessem de modos diferentes. Outros pontos em comum eram a essência dualista e a interpretação dos ensinamentos de Jesus ao modo gnóstico (RIBEIRO, 2009, p.web). A heresia cátara, "cresceu em importância em meados do assim chamado Renascimento do século XII, momento em que a Europa sacudiu o torpor intelectual que a tinha afligido por centenas de anos" (O'SHEA, 2005, p. 22).

Criam em duas formas opostas, dois grandes princípios que seriam a essência mesma de todo o Universo: o Bem e o Mal. Faziam a ligação entre a matéria – representada pelo corpo – e o mal enquanto que o bem unia-se à imaterialidade, ao espírito. A criação do mundo, também material, dentro dessa linha de pensamento, foi atribuída não a Deus, mas a uma entidade chamada de "*Rex Mundi*", o Rei do Mundo, que, ignorando a existência de um Deus verdadeiro, era o

representante do Mal e se intitulou o único deus. E para eles esta entidade era o Deus do Antigo Testamento. Segundo O'Shea,

Para os cátaros, o mundo não foi criado por um deus bom. Era todo ele uma criação de um força das trevas, imanente a todas as coisas. A matéria era corrupta e, em todo caso, irrelevante para a salvação. (...) A autoridade terrena era uma fraude, e autoridade terrena baseada em alguma sanção divina, tal como defendia a Igreja Católica, era total hipocrisia. (O'SHEA, 2005, p. 25).

A forma gnóstica de conceber a religião por si só já se diferencia do Cristianismo Ortodoxo. Nesse último, os dogmas religiosos têm que ser ensinados pelos sacerdotes que funcionam como intermediários entre os fiéis e a divindade, enquanto que nos primeiros, o aprendizado é livre e se dá através dos estados alterados de consciência, da experiência que traz conhecimento. Algumas diferenças são mesmo marcantes como é o exemplo da crença na reencarnação – que faziam com que não temessem a morte, mesmo nos campos de batalha – e a admissão de um princípio feminino na religião (RIBEIRO, 2009, p.web). Entretanto, como seguidores das crenças gnósticas, “os cátaros eram visceralmente contra o sexo e até mesmo contra o matrimônio” (PICKNETT, 2000, p. 95).

Acolher a presença de um princípio feminino em seus cultos e, neste aspecto, perceber homens e mulheres como iguais fez com que se tornasse possível o culto à Maria Madalena e a construção de uma Igreja que foi, em 1059, consagrada a ela (BAIGENT, 1993). Situada na aldeia francesa de *Rennes-le-Château*, na França e sua história é cercada de mistérios. Muitos outros mistérios e lendas e segredos existem na região onde está situada a construção. Nela, foram encontradas inscrições aparentemente inadequadas para uma Igreja como a do pórtico de entrada: “*terribilis est locus iste*” – este lugar é terrível. Além de tudo, a Igreja é guardada pela estátua do demônio Asmodeu, conhecido como aquele que guarda os tesouros escondidos. Que tesouros misteriosos estaria Asmodeu guardando na Igreja de Maria Madalena? (MOTTA, 2001, p. web).

Esses dois últimos pontos, juntamente com a rejeição dos sacramentos católicos, iam frontalmente de encontro ao Cristianismo Ortodoxo, tornando os Cátaros antipáticos ao credo oficial. Aconteceu paulatinamente, um distanciamento crescente entre a Igreja Católica mais ao norte e os Cátaros, habitantes do sul. No

século XII, a situação ficou insustentável, iniciando-se as repreensões e perseguições aos Cátaros. Na mesma região, conviviam além dos já citados cátaros e católicos, pagãos e judeus, dentre outros.

A origem da Inquisição remonta a 1183, e foi criada para combater as heresias. A partir da fundação da Ordem Dominicana (1216), sua administração foi entregue aos religiosos desta Ordem, a fim de combaterem os Cátaros, em virtude de serem suas doutrinas consideradas hereges, uma vez que os seus pilares se fundamentavam nas doutrinas gnósticas, que eram contrárias aos ensinamentos do catolicismo dominante. Conforme Prophet, em 1208, o papa Inocêncio III promoveu uma cruzada contra os cátaros, exterminando cerca de 15.000 seguidores do catarismo, na cidade de Béziers (PROPHET, 2007).

Mesmo assim, foram condenados no ano de 1215 pelo 4º Concílio Lateranense. O então Papa Inocêncio III assinou a condenação e foi responsável pelo aniquilamento de mais de 60.000 pessoas em cruzadas contra os cátaros e posteriormente através de Inquisição. A instalação da inquisição não foi tarefa fácil mesmo para uma organização como a Igreja católica, pois a população local era, pelo motivo já citado, hostil ao seu trabalho, criando obstáculos a sua instauração. Durante o período em que se deram as perseguições, seus cultos eram feitos camuflados nas residências dos adeptos, nas florestas e cavernas dos arredores. Essas práticas criaram uma aura de mistério ao redor de seus cultos antes simples (RIBEIRO, 2009, p.web).

Seguidores do dualismo, os cátaros entendiam que Jesus, o Cristo, teria sido um enviado do Bem à Terra para dar conhecimento aos seus habitantes dos referidos princípios opostos entre o Bem e do Mal. Por esse último motivo, não aceitavam a encarnação, a materialidade do corpo do Cristo, pois, sendo perfeito e representante do Bem, jamais poderia ter habitado um corpo, símbolo do Mal. Como não eram unânimes, alguns ainda aceitavam a possibilidade de Jesus ter encarnado, mas jamais aceitaram a crucificação nem idolatravam a *via crucis* (RIBEIRO, 2009, p.web). Esta fé contrária aos ensinamentos bíblicos sobre Jesus, os obrigou “a inventar esse ‘outro’ Jesus”, para “reinterpretar os eventos bíblicos a fim de ajustá-los às suas próprias crenças” (PICKNETT, 2000, p. 97).

Conforme Prophet, em 1229 a Igreja Católica proclamou no Concílio de Narbonne, uma proibição às pessoas que não pertencessem ao clero, de possuir qualquer parte das Escrituras canônicas, exceto os Salmos, porque havia descoberto que os cátaros estavam fazendo as suas próprias traduções da Bíblia. E acrescenta que “desde essa época até os dias de hoje (talvez isso tenha se modificado nos últimos anos) os católicos jamais foram grandes leitores da Bíblia” (PROPHET, 2007, p.180). Afirma O’Shea, que, por volta de meados do século XIV, “a Inquisição apagou da paisagem da cristandade qualquer traço residual da heresia albigense, e os cátaros do Languedoc desapareceram” (O’SHEA, 2005, p. 21). Escreve Starbird, que os cavaleiros Templários mantinham um bom relacionamento com os cátaros e comungavam da mesma fé que eles:

Acreditavam que Jesus era completamente humano, que havia se casado, que seu sangue real ainda fluía nas veias das famílias nobres de Provença e que as promessas messiânicas das Escrituras hebraicas um dia seriam cumpridas por um descendente dele (STARBIRD, 2004, p. 83).

A doutrina gnóstica da insinuação do relacionamento erótico entre Jesus e Maria Madalena foi igualmente pregada pelos cátaros, como também a idéia que a ressurreição não passou de uma farsa, que Maria Madalena teria sido esposa de Jesus, e que neste status teria negociado a convivência dos guardas. Porém, no afã de lançar descrédito sobre a doutrina bíblica da ressurreição, os cátaros excederam as interpretações gnósticas, e declararam que Maria Madalena tivera em segredo uma filha de Jesus. Segundo Picknett, “o culto no sul da França a Madalena preservou essas antigas idéias gnósticas”, mas a crença nas paixões surpreendentes, nos mistérios, nos segredos que formaram as heresias cátaras, e que encerravam o entendimento de que Maria Madalena tivera uma filha de Jesus, teve sua origem e prevalência no Languedoc, na própria França, era exclusiva dos cátaros (PICKNETT, 2000, p. 95-97).

Na busca de instrumentos que viessem fortalecer sua doutrina herética, os cátaros reinterpretaram a *lenda do Graal*, o cálice que teria sido supostamente usado pelo Cristo para se servir do vinho na Última Ceia e que segundo a lenda, teria sido utilizado para recolher o seu sangue quando pregado na cruz. Sendo uma das mais famosas lendas ocidentais, desde a sua criação em 1180, a nova vertente

cátara revestiu-a de simbolismo herético, mediante associação à figura de Maria Madalena, através da explicação de que o Graal não se tratava de utensílio, mas da representação simbólica do útero de Maria Madalena que havia sido o repositório do sangue que gerou a filha de Jesus. Segundo Motta (2001, p. web), era muito comum entre os séculos XII e XIII, a existência de romances acerca do tema onde apareciam misturados os conceitos cristãos ortodoxos com os dos cátaros. Os cenários eram muitas vezes as regiões de onde advieram justamente as heresias cátaras, sendo alguns personagens baseados em figuras da época e ligados ao movimento (MOTTA, 2001, p. web).

Foi a partir da interpretação dos cátaros à *lenda do Graal* que começaram a surgir ilustrações imagéticas de Maria Madalena em estado de gravidez, embora, dentro do universo iconográfico da personagem, sejam raríssimas as pinturas que assim a representem. No rol dos pouquíssimos renomados artistas que elaboraram ícones de Maria Madalena grávida, encontram-se nomes como Giampietrino (1495-1549) e La Tour (1593-1652), conforme demonstramos nas figuras 10 e 11, bem como, Crivelli (143?-1494) e Caravaggio (1573-1610), como se constata pelas figuras 17 e 18;



Figura 17 - **Madalena** [grávida] (c.1491-94)
De: Carlo CRIVELLI (143?-1494)



Figura 18 - **Madalena** [grávida] (1596-98)
De: CARAVAGGIO (1573-1610)

Em matéria divulgada pelo portal Globo de notícias, intitulada *Lenda do Santo Graal é mera invenção da Idade Média*, afirma Lopes que “até o século 12, o cálice da Santa Ceia não era famoso; poetas deram início à saga. Trama de ‘Código da Vinci’ envolvendo Graal mistura fraudes e erros históricos” (LOPES, 2008, p. web). Segundo o autor desta matéria jornalística, a lenda do Graal foi criada pelo poeta francês Chrétien de Troyes, em 1180, e se referia a uma espécie de prato usada para servir peixes ou carnes, não a um cálice.

Como já foi explicado, para combater as heresias dos cátaros foi criada a Ordem Dominicana, também chamada Ordem dos Pregadores, ou Ordem dos Mendicantes, da qual fazia parte o autor da *Legenda Áurea*, como descreveremos a seguir.

5.4 A *Legenda Áurea* e as representações iconográficas de Maria Madalena

Em Tese defendida em novembro de 1998, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, afirma Helena Barbas, que a obra mais lida durante o Renascimento, principalmente a partir do invento da tipografia em 1450, por Gutemberg, foi a *Legenda Áurea*, a hagiografia escrita pelo dominicano Jacopo de Varazze (1229-1298), Arcebispo de Gênova (BARBAS, 1998).

Pertenciam os dominicanos a uma Ordem formada por religiosos católicos mendicantes, fundada por São Domingo de Gusmão em 1216, com o objetivo inicial de combater, pela pregação do Evangelho, as doutrinas gnósticas pregadas pelos Cátaros do Sul da França e Norte da Itália.

Desde o Século XII, remanescentes seguidores do gnosticismo perturbavam os cânones católicos, tendo sido a causa da criação da Inquisição em 1183, pelo Papa Lúcio III (1181-1185), e da Cruzada promovida contra os albigenses (hereges do sul da França), em 1198, que resultou em execuções em massa, sob a liderança do Papa Inocêncio III (1198-1216).

Segundo Franco Júnior, tradutor da edição brasileira da *Legenda Áurea* (2003), “a Igreja entregara aos dominicanos a recém-criada Inquisição [com todo o

seu poder de repressão] para extirpar de vez o perigoso catarismo do Sul francês e Norte italiano” (FRANCO JÚNIOR, apud VARAZZE, 2003, p. 13).

Entretanto, o poder coercitivo da Inquisição não conseguia impedir que a população indouta se inebriasse com as pregações dos cátaros. Os dominicanos perceberam então a necessidade de se comunicarem de forma mais acessível com a população em geral, a fim de apresentarem os santos católicos como heróis, ou modelos de perfeição.

E foi sob esta ótica que foi escrita a *Legenda Áurea*. Cerca de 1100 manuscritos foram compilados e distribuídos pela Europa, na segunda metade do Século XIII. “Jacopo naturalmente utilizou rica literatura hagiográfica preexistente, mas não se limitou a compilá-la” (FRANCO JÚNIOR, apud VARAZZE, 2003, p. 13).

Segundo Barbas, a obra alcançou “tal popularidade que, duzentos anos depois, chegou a ter mais edições que a Bíblia (...) e criou uma fecunda tradição de livros, ritos e imagens que ajudam a contar a história da arte e da religião no ocidente” (BARBAS, 1998, p. web).

Afirma ainda, que na escassez de informações biográficas, os hagiógrafos lançaram mão de pormenores da vida de outros santos ou mesmo inventaram episódios pretensamente históricos, para que os santos fossem investidos de poder sobrenatural e apresentados como um exemplo de piedade e santidade (Idem).

Sabendo-se pelos registros históricos, da guerra travada na época de Varazze (1226-1298), entre o catolicismo e os gnósticos cátaros, podemos entender porque, na hagiografia que fez da Santa e que está narrada na *Legenda Áurea*, o autor insiste em atribuir poderes e virtudes sobrenaturais à personagem, incluindo o relato de suas idas diárias ao céu, transportada pelos anjos, assim como fazendo menção à liderança de Pedro no cristianismo europeu e ao reconhecimento disto por parte de Maria Madalena, bem como do relacionamento fraterno que ainda os unia, mesmo estando Pedro em Roma e Madalena na França, segundo o autor.

Sendo o objetivo desta lenda, refutar o gnosticismo pregado pelos cátaros (VARAZZE, 2003), entendemos que ela já foi construída no sentido de contrariar os fundamentos gnósticos. Nisto está a chave para a compreensão de suas sutilezas detectadas nos vários e curiosos episódios que são narrados na hagiografia da Santa, e que conduzem ao entendimento de que o autor estava pretendendo

desconstruir seus conceitos misóginos e os registros gnósticos de que Pedro não suportava Maria Madalena e que ela era a líder do cristianismo.

Para combater a doutrina misógina de que a mulher só entra nos céus se for transformada em homem, a Lenda narra, num episódio, que Maria Madalena entrava nos céus diariamente. Num outro episódio, conta que a Santa pediu a um sacerdote que lhe desse “roupa para que pudesse ir à igreja” (VARAZZE, 2003, p. 551), sugerindo, portanto, que ela vivia despida.

E com esta sugestão, estava conduzindo o imaginário popular ao entendimento de que era despida que Maria Madalena entrava nos céus, ou seja, era despida mesmo que ela atravessava os umbrais celestes nos seus traslados diários feitos pelos Anjos. Com isto Varazze queria afirmar que a mulher também entra nos céus. E como mulher, no seu corpo de mulher. Em forma nua de mulher!

Para negar as afirmações gnósticas de que Maria Madalena era a líder do Cristianismo e que Pedro não a suportava, numa passagem, a lenda conta que Pedro recomendou Maria Madalena ao beato Maximino (Idem, p. 545), significando dizer que Pedro se preocupava com o bem estar dela.

Noutra passagem, é narrado que o governador da província de Marselha, ao questionar se Maria Madalena podia provar a sua fé, obteve como resposta: “Certamente, pois é confirmada pelos milagres cotidianos e pela pregação de meu mestre Pedro, em Roma” (Idem, p. 546). Portanto, no entendimento de Varazze (2003), Pedro era o líder do cristianismo na Europa, e tinha o reconhecimento disto por parte de Maria Madalena.

É na *Legenda Áurea* que vamos encontrar o registro da informação de que Maria Madalena teria se mudado para Marselha, na Gália, após a ressurreição de Jesus, em companhia de Lázaro e Marta, e que lá viveu durante trinta anos, após um período de pregação, em que se recolheu como eremita em uma caverna perto de Arles, onde era sustentada pelos Anjos que a trasladavam diariamente para o céu até o dia da sua morte (Varazze, 2003).

Afirma Champlin que a lenda de origem ocidental que fala de sua viagem para Marselha, na Gália, é posterior. “A forma oriental dessa lenda afirma que ela teria ido para Éfeso, em companhia de Maria, mãe de Jesus, e do apóstolo João, onde teria falecido (CHAMPLIN, 1982, p.460).

Como já mencionamos, observa-se uma mudança radical nas vestes da Santa, entre as obras de arte que foram pintadas até o fim da Idade Média e início do Renascimento, e as posteriores.

As obras do primeiro período exibem a personagem sempre coberta desde a cabeça até os pés, por um longo manto (figuras 19 e 20):

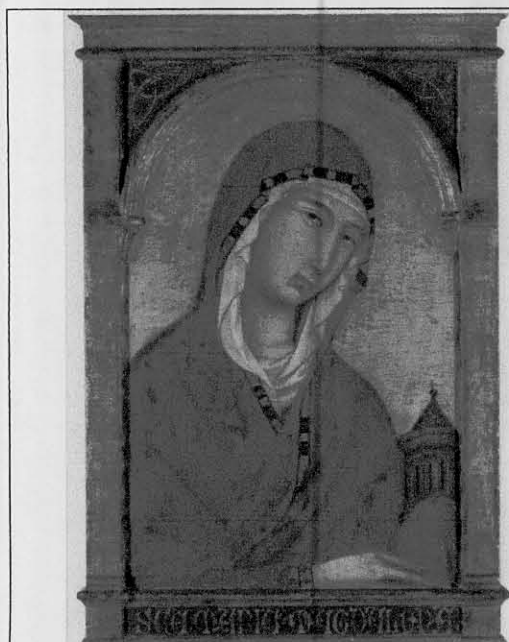


Figura 19 – **Santa Madalena**
De: SEGNA DI BUONAVENTURE
(1298-1331)



Figura 20 – **Santa Maria Madalena** (1317)
e **Santa Catarina de Alexandria**
De: SIMONE MARTINI (c. 1280-1344)

São atribuídos ao consagrado pintor italiano medieval Giotto di Bondone (1266 - 1337), os afrescos que decoram a Capela de Santa Maria Madalena, localizada na parte baixa da Igreja de São Francisco de Assis, na Itália, pertencente aos dominicanos.

Inspirado em Varazze (2003), o artista, com a sua equipe de trabalho, retratou naquelas obras diversas cenas que foram relatadas na *Legenda Áurea* sobre a vida de Maria Madalena, tendo espelhado com fidelidade as minúcias do texto hagiográfico expostas em diversos quadros, tais como: o *Noli me Tangere* – já mostrado através da figura 5; a viagem para Marselha (figura 21); a imagem de um sacerdote lhe entregando vestes, na caverna em Arles, onde ela vivia como eremita (figura 22); sua ida à igreja do cardeal Pontano (figura 23); sua ascensão diária aos

céus levada pelos Anjos (figura 24), entre outras, conforme demonstraremos a seguir:

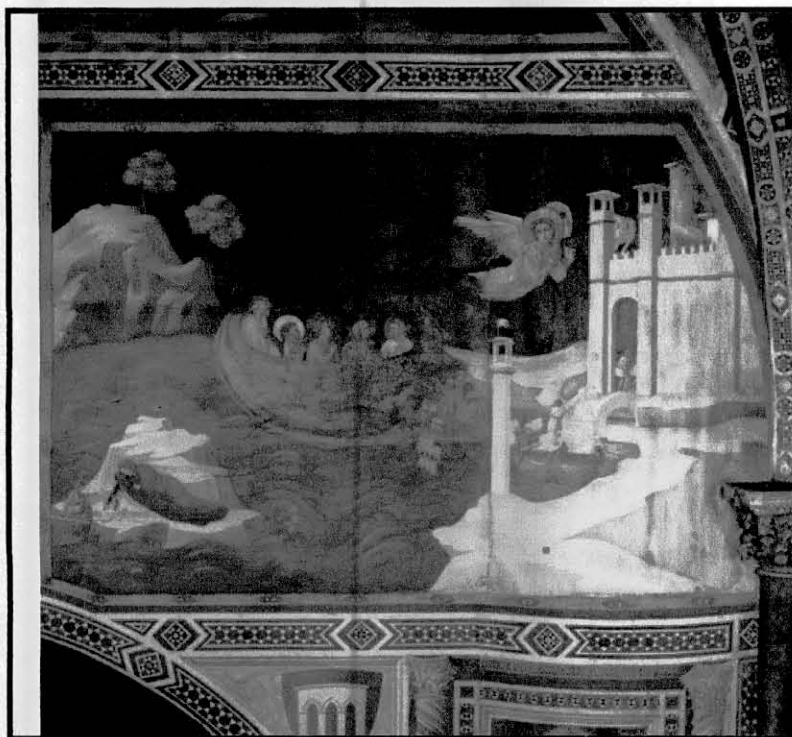


Figura 21:

Maria Madalena viajando para Marselha (1320).

GIOTTO DI BONDONE
(1266 - 1337)

Na imagem de Maria Madalena como eremita, pintada por Giotto, o artista retrata a personagem dentro de uma caverna, recebendo roupa para que pudesse ir à igreja, e que lhe está sendo entregue por um sacerdote, mas oculta a sua nudez pela abundância de cabelos que a cobre.

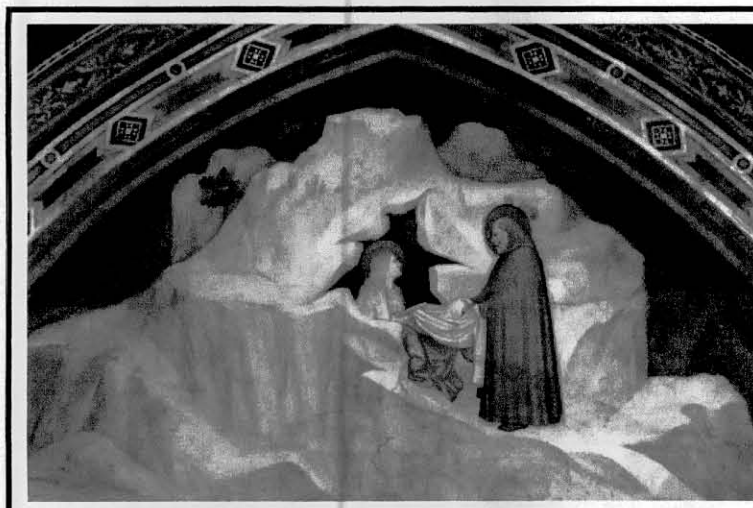


Figura 22:

O hermita Zósimo levando vestes para Madalena (1320)

GIOTTO DI BONDONE
(1267-1337)

A única restrição que se observa, à fidelidade de Giotto na reprodução iconográfica da hagiografia de Maria Madalena está patente no quadro que representa a sua ida à igreja do cardeal Pontano. Neste ícone a Santa é retratada em tamanho gigante, em contraste ao diminuto tamanho do cardeal (figura 23), o que conduz a uma interpretação dúbia, de demonstração da santidade da personagem, ou da sua liderança política sobre a hierarquia sacerdotal, como entendiam os gnósticos. E neste último aspecto, a imagem contraria a narrativa hagiográfica que registra a liderança de Pedro na Igreja, em combate às chamadas heresias cátaras.

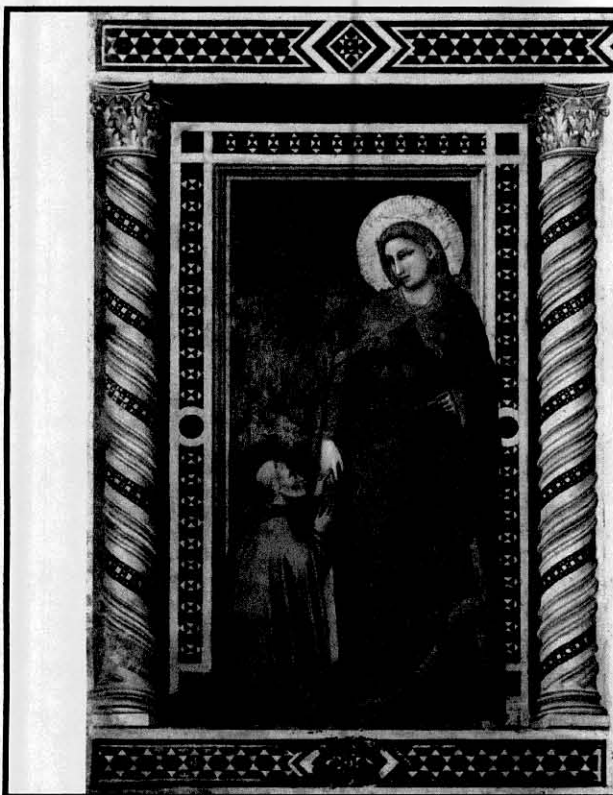


Figura 23:

Maria Madalena e o Cardeal Pontano

(1320)

GIOTTO DI BONDONE (1266-1337)

Giotto foi o primeiro a pintar Maria Madalena subindo aos céus levada pelos Anjos, em mais uma alegoria que representa o relato hagiográfico.

A cena retrata a personagem dentro da caverna com evidência de que está despida. Contudo, o artista encobriu-a com abundante cabeleira, o que tem sido comumente utilizado como um dos símbolos de representação da personagem (ver figura 22). E por esta razão a sua nudez no afresco não é notada, pois a parte exposta do seu corpo encontra-se coberta pelos cabelos (figura 24).

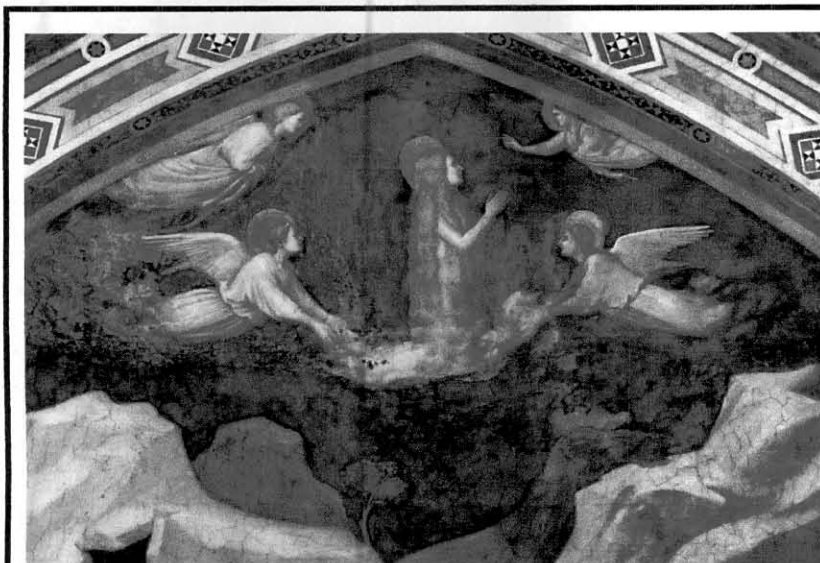


Figura 24:

***Maria Madalena falando
com os Anjos***

(1320)

GIOTTO DI BONDONE
(1267-1337)

Como constatamos, algumas das representações de Maria Madalena elaboradas por Giotto, e inspiradas na *Legenda Áurea* (figuras 22 e 24) exibem a personagem sem vestes, mas não despida porque os seus cabelos cobrem a sua nudez. Entretanto, a partir do Renascimento, a personagem passa a ser retratada quase sempre, despida ou seminua.

O que influenciou essa mudança tão radical em suas vestes?

Analisando os ícones da renascença, em tese que apresentou em 1991, sobre o *Renascimento e a sobrevivência (Nachleben) da Antiguidade*, Warburg compreendeu que as imagens renascentistas são dotadas de uma enorme permeabilidade às sedimentações históricas e antropológicas e, portanto inseridas num processo de transmissão da cultura (GUERREIRO, 2009, p.web). Existe, “uma desconfiança em relação aos nexos entre obras de arte e a situação histórica em que nascem, uma vez que o estilo artístico é um índice problemático das transformações sociais ou culturais” (GOMBRICH, 2007, p. web).

Dentre as diversas características que dá à Maria Madalena (p.543-553), e numa época em que, incluir questões de sexualidade no cristianismo, era tabu, Varazze (2003) fez afirmações que se tornaram relevantes para multifacetar a personagem em mitos e símbolos de piedade e sensualidade, como se vê nas muitas obras de arte que foram elaboradas a partir do Renascimento.

Para os hagiógrafos, os traços biográficos eram de pouca importância, interessavam mais a ideologia oculta que iria dar multiplicidade de simbolismo na

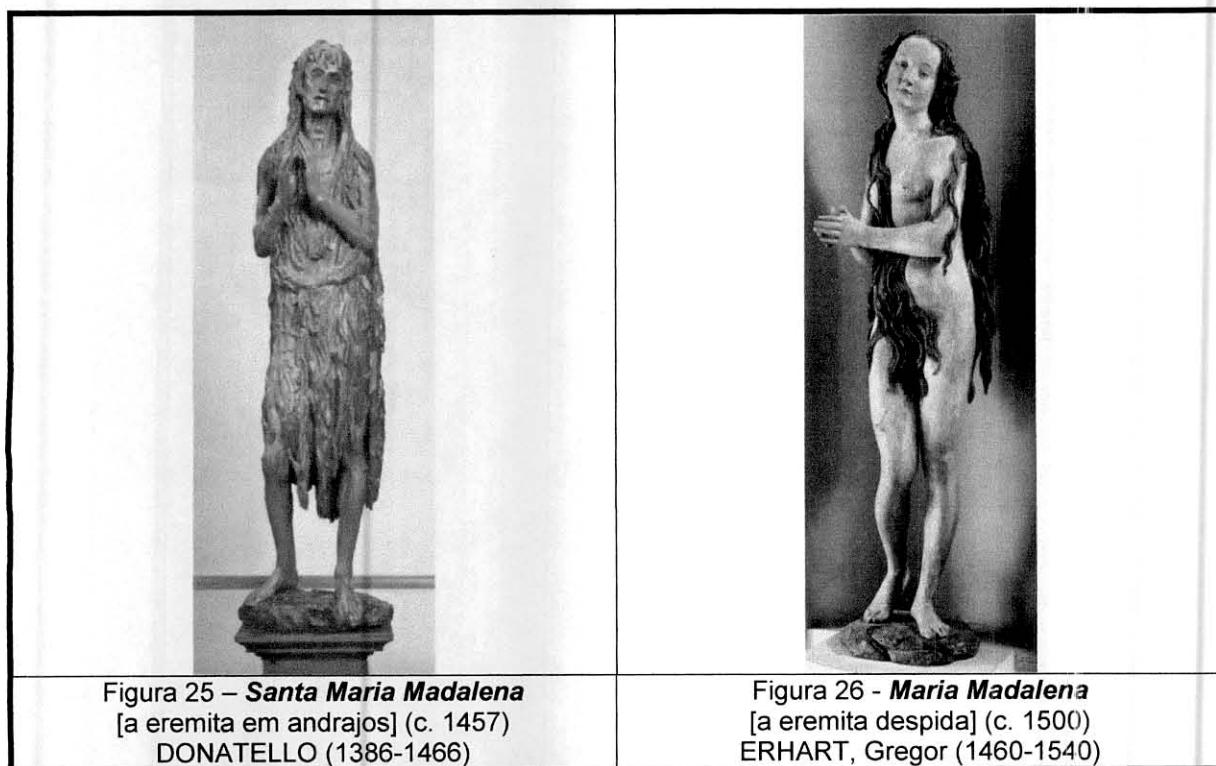
imagem final. Sob este aspecto, afirma o tradutor da edição brasileira da *Legenda Áurea*:

Para Jacopo de Varazze, “verdadeiro” não era a correspondência com a realidade externa, objetiva e concreta, e sim com tudo aquilo que escapa à esfera humana, que revelava o magnífico destino do santo simbolicamente anunciado por seu nome. “De fato, para toda a Idade Média, examinar uma palavra era levantar um véu que permitiria alcançar a essência última da pessoa ou da coisa.” [...] devemos considerar o simbolismo presente por toda *Legenda Áurea*. Isto é, a cosmovisão pela qual cada fato, objeto ou pessoa, mais do que uma realidade em si, é uma representação, uma imagem, uma figuração de algo superior, transcendente, com o qual o ser humano não poderia ter contato direto e que nem poderia compreender, não fosse a intermediação do símbolo. Na linguagem (...) fundamental para a Idade Média, símbolo é o espelho que permite entrever algo, ainda que de maneira deformada, antes de se poder vê-lo no além. (VARAZZE, 2003, p. 16-17).

Ratificando o sermão pronunciado pelo Papa Gregório em 591, Varazze identifica Maria Madalena como sendo Maria de Betânia e a confunde com a pecadora que lavou os pés de Jesus com as suas lágrimas e enxugou com os seus cabelos. Afirma que a personagem era muito rica, mas que “submergia o corpo na volúpia, de modo que logo deixou de ser chamada pelo nome, e sim por *a pecadora*” (VARAZZE, 2003, p. 544).

A despeito do completo silêncio que faz a Bíblia sobre a vida particular da personagem, o fato dela não estar vinculada a nenhum homem; de ter sido identificada pelo clero como uma mulher pecadora que fora curada de sete demônios e que seguia Jesus e o servia com os seus bens (Lc 8.2); e a insinuação de Varazze de que ela vivia despida, materializaram nas telas renascentistas a representação imagética de Maria Madalena como uma mulher seminua ou totalmente nua, representando visualmente uma prostituta desnuda.

A vida asceta de Maria Madalena como eremita em Arles, na França, foi memorizada através de escultura em madeira feita por Donatello, que mostra a personagem em andrajos (figura 25), e noutra escultura elaborada por Gregor Erhart em que ela é representada como uma eremita completamente despida (figura 26).



Depois que Giotto decorou a Igreja de São Francisco, com as imagens sobre a viagem de Maria Madalena para Marselha, vários pintores elaboraram obras com a mesma cena, principalmente a dos Anjos levando a Santa para os céus. Entretanto, não há mais o cuidado de retratá-la coberta pelos cabelos, como fez Giotto. O que se vê é uma profusão de imagens onde a personagem aparece cada vez menos vestida.

Em 1510, Lorenzo Di Credi (1459-1537), pintor Italiano da Escola de Florença, numa visão humanista, pinta a cena de Maria Madalena sendo levada aos céus pelos Anjos, numa representação seminua da personagem.

A imagem recebeu o título de *Um Anjo Traz a Comunhão Santa a Maria Madalena* e se encontra no Museu Cristão, em Esztergom, na Hungria. Outra representação mais ousada da mesma cena foi elaborada por Jan van Dornicke em 1518, e compõe o Tríptico da Abadia de Dielegem, que se encontra no Museu de Arte Antiga de Bruxelas.

Nela, Maria Madalena é pintada completamente nua, numa evidência de que o autor leu a Hagiografia de Varazze e detectou a mensagem que ele passou quando insinuou que a Santa subia aos céus completamente despida:



Figura 27 – *Um Anjo Traz a Comunhão Santa a Maria Madalena* (1510)
Lorenzo DI CREDI(1459-1537)



Figura 28 – *Maria Madalena – Êxtase*
(séc. XVI)
Jan van DORNICKE? (1518)

Assim, encontramos quatro formas de representações de Maria Madalena na interpretação do catolicismo. Uma em que ela aparece completamente vestida, aos pés de Jesus, como nos ícones que representam o *Noli me Tangere*; outra em que é exposta completamente despida e semblante de contrição, representando a eremita na caverna; e duas outras como o símbolo da Eva redimida, em que a personagem é representada, ora por uma mulher em vestes sensuais, ora, completamente despida ostentando sensualidade, representando ambas a prostituta perdoada.

As imagens de Maria Madalena firmaram-se com símbolos próprios, os seus longos cabelos soltos, descobertos, desalinhados, relacionando-a com a livre sexualidade e insubordinação aos preceitos morais (figura 29), uma vez que na sociedade judaica da época, era desonroso a mulher deixar seus cabelos à mostra, e considerado um insulto, uma espécie de traição a seu marido.

Figura, também, como símbolo de Maria Madalena, o vaso contendo perfume ou óleo, que ela segura sempre em suas imagens iconográficas (figura 30), numa referência às cenas de unção ligadas a Jesus, e que segundo Lelluop (apud Bogado, 2005), não representa somente o vaso exterior mas, sobretudo o vaso do coração que transborda de amor por seu Senhor.



Figura 29 – **Santa Maria Madalena Penitente** (1615) Domenico FETI (1589-1623)



Figura 30 – **Maria Madalena** Ambrosius, BENSON (c. 1484-1550)

E numa alusão à sabedoria que se remete como o mito Sophia atribuído à Maria Madalena, e também à morte que é segundo a Bíblia, o salário do pecado e o fim de todos os homens, e a ressurreição que antagonicamente, representa a vitória sobre a morte e a certeza de vida eterna para todos os que crêem, os ícones de Maria Madalena também contém um livro, e uma caveira (figuras 31 e 32).

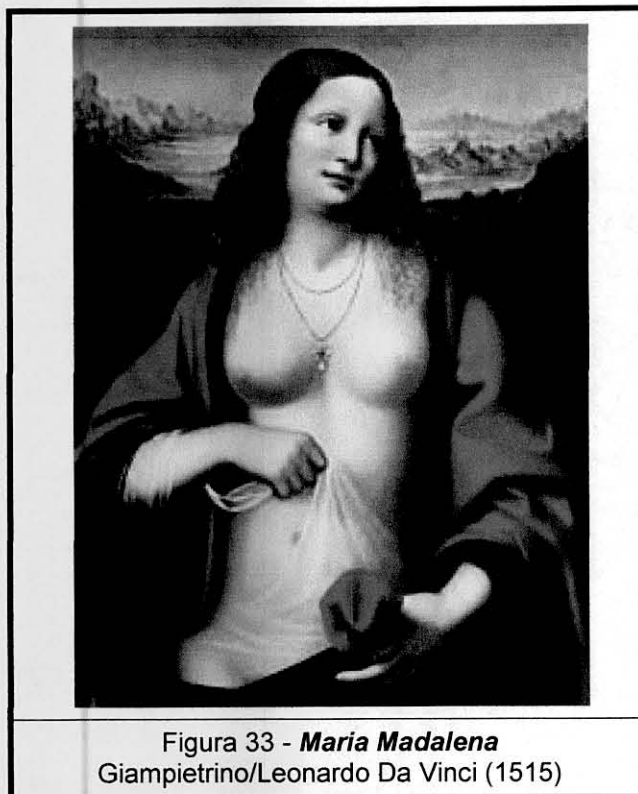


Figura 31 – **Maria Madalena Penitente** (1560) Vecellio TIZIANO (1490-1576)



Figura 32 – **A Penitente Madalena** (1650-55) Bartolomeu Esteban MURILO (c. 1620-1715)

A seguinte pintura renascentista, intitulada “Maria Madalena”, data provavelmente de 1515, e mostra a personagem em vestes vermelhas com os seios nus e segurando um véu transparente sobre seu ventre (figura 33):



Conforme notícia veiculada na web, pela Reuters, em 22/09/2005, esta obra é atribuída ao artista Giampietrino, mas, segundo intuição do historiador de arte Carlos Pedretti, então diretor do Centro Armand Hammer de Estudos de Leonardo da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), ela teria sido elaborada em parceria com Leonardo Da Vinci, em 1515, quatro anos antes da morte deste grande Mestre. Está, portanto, entre as primeiras obras renascentistas que representam a nudez da personagem.

Esta forma de representação de Maria Madalena não ficou restrita ao período renascentista, denotando que não se trata apenas de um estilo de época. Como bem demonstrou o pintor Sacchi (1599-1661), em sua obra intitulada *As três Madalenas*, exposta na figura 14 do presente trabalho (p. 45), nos séculos posteriores surgiram novas imagens despidas como representações da personagem, num triunfo ao símbolo da prostituta, em detrimento à busca do

conhecimento do seu verdadeiro papel no cristianismo, como bem o mostram as figuras 34 à 39, referentes obras semelhantes, realizadas entre os Séculos XVI à XX:

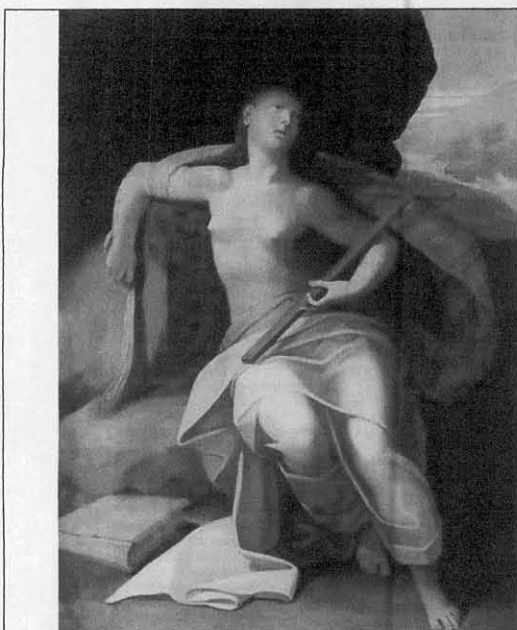


Figura 34 – *Santa Maria Madalena*, (1590)
Francisco VENEGAS – Século XVI



Figura 35 - *Maria Madalena a Penitente* – (1651) -
Dirck Gerritsz BLEKER – Século XVII



Figura 36 – *Maria Madalena em Penitência*
GUERCINO (1591-1666)
Século XVII



Figura 37 – *Santa Maria Madalena*
Simon VOUET (1590-1649)
Século XVII



Figura 38

Maria Madalena Penitente
(ca.1621-23)

Orazio Lomi GENTILESCHI
(1563 - 1639)

Século XVII



Figura 39

A Penitente Madalena
(1752)

MENGES, Anton Raphael
(1728-1779)

Século XVIII

Figura 40 – ***Maria Madalena***

Friedrich Heinrich FÜGER
(1751-1818)

Século XIX



Figura 41

A Madalena Penitente

Francesco Hayez
(1791-1882)

Século XIX



Figura 42

Maria Madalena na Caverna

Jules Lefebvre
(1836 - 1911)

(Século XX)

Portanto, demonstrado está que a figura da prostituta tem prevalecido na formação das representações de Maria Madalena, desde a fusão da sua identidade com a pecadora que ungiu Jesus (Lc 7.36-50), em razão da declaração do Papa Gregório I (591 d.C.), no Século VI.

A preservação de uma imagem memória permite sua fixação no tempo e no espaço, relembrar e reviver, como também transmitir conhecimento às gerações posteriores, introduzindo principalmente uma dimensão comparativa entre sociedades e culturas (GONÇALVES, 1999, p.11).

O catolicismo, embora tardiamente, se retratou negando que a personagem tenha sido uma prostituta. Encontramos o seguinte comentário registrado na Bíblia de Jerusalém, sobre a pecadora do capítulo sete do Evangelho de Lucas: "A pecadora desse episódio não deve ser identificada nem com Maria de Betânia, irmã de Marta (10,39; cf. Jo 11, 1s; 12,2s), nem tampouco com Maria Madalena (8,2)". (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1943).

Entretanto, as pinturas continuam silenciosamente afirmando isto através da exibição de sua nudez. Como interpretar tais imagens? Que representam uma Santa? A Eva redimida? Ou simplesmente uma prostituta? Segundo Barbas (2003),

Partilhando dos campos do sagrado e do profano, [Maria Madalena] preocupa eclesiásticos e filósofos, interessa poetas, pintores, escultores, e transmuta-se, ao longo dos tempos, num tema artístico digno de relevo. [...] As múltiplas interpretações de uma estória que tem os seus primeiros registros em textos religiosos, se liberta do espaço hagiográfico e invade o campo não só da literatura, mas das outras artes (BARBAS, 2003, p. web).

Ensina Barbas (Idem) que há diferença entre a personagem e a pessoa que ela representa, uma vez que a personagem faz parte de um mundo imaginário, enquanto que a pessoa, como ser vivo, faz parte de um mundo real:

[...] as personagens são sempre diferentes das pessoas – seja no sentido comum de seres humanos, seja no sentido gramatical –, embora pelo uso do discurso os seres humanos se transformem em pessoas na sua enunciação. No campo das personagens, estas assumem vários graus de proximidade à pessoa humana, que decorrem dos modos como se marca a subjectividade e a personalidade, ou a sua ausência, no discurso das personagens no interior de um enunciado narrativo. Nesta perspectiva, a leitura revela-se como um choque de subjectividades – e personalidades – um confronto entre dois mundos, o imaginário e o real, nos textos e na vida.

Considera ainda, que

“Maria Madalena é uma personagem que pertence já à categoria do mítico, dado que ultrapassa qualquer narrativa em que seja inserida, embora tenha sido a partir de narrativas que se foi construindo a sua lenda (...), misto de história e poesia, em parte verídica, e em parte fruto do imaginário do seu autor, resultante da compilação de elementos exteriores”. (BARBAS, 2003).

Segundo Patai (1972, p.72), “quando um evento histórico se converte em mito perde muito em precisão e minúcias, aformoseando-se no correr do processo pela adição de traços fantásticos (...). Os mitos apresentam os acontecimentos históricos deformados.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da nossa pesquisa foi esquadrihar e fundamentar na trajetória histórica, simbólica e mitológica, as múltiplas facetas que revestiram Maria Madalena, e que, ao longo dos séculos, despojaram suas vestimentas primevas do Novo Testamento, culminando na atualidade, com a sua representação social como personagem de uma trama de conflitos de gêneros na busca política do poder, da liberdade de sexo e da emancipação da mulher, e que é utilizada como ancoragem para modelo de comportamento feminino.

A relevância da personagem está na sua contribuição histórica para a formação do cristianismo primitivo mediante o importante papel que desempenhou no anúncio da ressurreição de Jesus, mas também porque se insinua como protótipo em diversas visões de mundo, cada vez que a representam quer por um símbolo, um arquétipo, um mito.

As Escrituras cristãs silenciam sobre os dados biográficos da personagem. Igualmente os escritos coptas de Nag Hammadi. O que foi feito dela, depois da ressurreição de Jesus, a Bíblia não revela. Sobre os apóstolos encontramos relatos no livro de Atos e nos escritos de Paulo. Mas quanto a Maria Madalena, o silêncio é total. Qual o seu destino? As tradições se conflitam: Segundo a Igreja ortodoxa, ela foi para Éfeso. Segundo Varazze (2003), ela foi para a França. Não há dados concretos que confirmem este ou aquele relato. Mas a história bíblica da personagem ainda continua relevante, apesar das intensificadas investigações nos muitos textos paralelos, tais como, os já citados evangelhos gnósticos e as hagiografias católicas. Estes também beberam na fonte do Novo Testamento, ainda que alguns tenham sido escritos, provavelmente, para refutar seus ensinamentos, como é dito dos manuscritos gnósticos, enquanto outros, como a *Legenda Áurea*, para dar à personagem uma aura de poderes e virtudes que não constam do relato fundante, e cuja intenção era combater as doutrinas gnósticas dos cátaros.

Percebem-se nos textos gnósticos a construção de uma linguagem dirigida no sentido de fortalecer a visão de mundo do gnosticismo, bem manifesta nos diálogos atribuídos à revelação da gnose por Jesus a Maria Madalena, no chamado *Evangelho de Maria*. Expressões como *destruir a mulher*, ou, *destruir as obras da*

mulher, ou ainda, *transformar a mulher em homem* etc., são eivadas de discriminação contra a mulher, denotam misoginia, preconceito.

Por outro lado, é notória a estratégia do autor da *Legenda Áurea* para combater, num aspecto, a doutrina misógina dos cátaros, e noutro, os registros gnósticos de que Pedro não suportava Maria Madalena e que ela era a líder do cristianismo. Mas, esta declaração gnóstica não tem respaldo bíblico. A análise comparativa que fizemos, entre o Evangelho gnóstico de Maria e o Evangelho canônico de João mostrou uma total discrepância nesta hipótese (Cap. 5, p. 104-105).

No que diz respeito à identificação de imagens iconográficas que apresentam analogia com os textos gnósticos, com o texto da *Legenda Áurea*, ou com os Evangelhos canônicos, chegamos ao seguinte entendimento:

I. As imagens iconográficas renascentistas que retratam Maria Madalena como uma castelã, apresentam analogia com a interpretação gnóstica que afirma ter sido a personagem esposa ou amante de Jesus – tanto os gnósticos primitivos como os cátaros. E as imagens que a retratam grávida, apontam para a interpretação cátara de que ela teria tido uma filha. Trata-se, em ambos os casos, de figuras alegóricas que apontam a personagem como modelo mitológico da representante do princípio feminino, apresentada pelos gnósticos como proposta alternativa para a negação da ressurreição.

II. As imagens iconográficas que retratam Maria Madalena como a *penitente pecadora* ou outros títulos correlatos, despida ou com vestes sensuais, exibindo farta e longa cabeleira, ou ainda aquelas que a exibem em castas vestes, mas que, além do vaso, evidenciam outros símbolos que a caracterizam – como o livro, a caveira, o ovo –, apresentam analogia com a personagem na interpretação do catolicismo. Apontam para o modelo simbólico da Eva redimida, no sentido de evidenciar a inferioridade da mulher na qualidade de detentora de todos os pecados de Eva, e mostram uma nova maneira de viver em submissão ao patriarcalismo, segundo a interpretação clerical do androcentrismo judaico-cristão.

III. As imagens iconográficas intituladas *Noli me tangere*, que retratam o encontro de Jesus e Maria Madalena junto ao sepulcro, apresentam analogia com a narrativa bíblica da ressurreição, na mesma simbologia da Eva redimida, porém,

diferentemente da interpretação essencialmente católica, este símbolo tem para o cristianismo, o significativo, não só de gênero, mas, sobretudo, de uma libertação e conseqüente transformação interior, tornada visível em mudanças comportamentais, por quem antes era um ser humano oprimido, socialmente excluído pelas repressões, preconceitos e imposições da sociedade no seu contexto histórico, cultural, econômico, político e social. Assim, na visão conjunta de todos os seus passos desde a crucificação até o desfecho no seu encontro com o ressurreto, a simbologia da Eva redimida, denota que Maria Madalena, pela libertação, se constituiu o modelo para o fim da exclusão social, e, simultaneamente, pela transformação interior manifesta numa nova forma de agir, se constituiu modelo para o fim do patriarcalismo judaico.

Portanto, o simbolismo bíblico da Eva Redimida representa para o cristianismo, o duplo significado de modelo comportamental, refletido nas anulações dos efeitos opressores interiorizados pela exclusão social, e na quebra do paradigma patriarcal, inaugurada esta última nas ações voluntárias de Maria Madalena em obediência ao seu próprio etos, espelhada nos atos de coragem e ousadia demonstrados por Jesus.

Pelos argumentos filosóficos apresentados neste trabalho (capítulo 4, p. 77), quem exercita o etos é necessariamente livre para escolher resistir aos acontecimentos exteriores, aos infortúnios, e para tomar a decisão de enfrentar os reveses sem sucumbir, sem se deixar vencer por eles. Dessa escolha assoma o sujeito ético que tanto interioriza os valores e normas existentes por definição e imposição da cultura e da sociedade, como pode criar novos valores e normas, decorrentes da decisão pessoal de aceitar ou recusar, interiorizar ou transgredir, continuar o modelo existente ou criar um novo modelo de comportamento para seguir. É este conhecimento fenomenológico que busca a investigação antropológica, sociológica e psicológica do ser.

Maria Madalena nos mostrou sua apropriação desta liberdade inata de escolha. Os registros do Novo Testamento sobre a personagem colocam em evidência a mudança comportamental. Os passos de Maria Madalena constituem o exemplo, não só pelos atos de solidariedade e serviços que prestou, mas, sobretudo, pela coragem revelada nos desafios que serviram de âncora para a

quebra dos paradigmas patriarcais, como acompanhar o Mestre em suas viagens, expor-se na cena da crucificação, buscar o seu corpo na madrugada, e anunciar aos discípulos o testemunho da ressurreição, mesmo sabendo que tudo isto poderia lhe custar o sacrifício da própria vida. Esta foi uma escolha pessoal, realizada com a certeza das conseqüências, manifesta em ato de coragem, ousadia e determinação.

Portanto, no relato bíblico Maria Madalena se expõe, sobretudo, como imagem ética, uma vez que toda dinâmica dos seus passos ali registrados, refletem atitudes comportamentais resultantes da consciência de quem, tendo sofrido as agruras de um provável isolamento no convívio social decorrente da possessão, recebeu a cura, encontrou um libertador, e, desde então, o sentimento de gratidão manifestou-se em mudança de atitudes concretizadas no servir, cuidar, ouvir, seguir, honrar, para sempre, quem lhe deu liberdade, e transformou sua visão de mundo.

Ainda que Jesus tenha anunciado durante o seu ministério terrestre que ele haveria de ressuscitar, nenhum dos seus discípulos entendia o significado disto, nem também Maria Madalena. A realidade que ela se deparava antes do testemunho é de que o Mestre havia morrido. Mas isso não a impediu de servi-lo, mesmo depois de morto e embora indo ao encontro das normas sociais vigentes, e se expondo às sanções. O sentimento da gratidão pelo reconhecimento do inestimável benefício recebido na libertação do jugo demoníaco constituía para si mesma a justificativa de que estava agindo corretamente. Nesta atitude a personagem estava inconscientemente inaugurando o movimento da quebra do paradigma patriarcal que num longínquo dia iria crescer em prol do movimento de libertação da mulher. E assim Maria Madalena constituiu o modelo.

Foram estes juízos de valores que tornaram a personagem discípula do Cristo, e motivaram as ações que eternizaram a sua memória e a tornaram a representação do comportamento ético que tem sido exemplo para os cristãos de todas as épocas e em todas as sociedades. E não estamos, com isto, nos referindo à multiplicidade de regras adotadas no cristianismo a partir do IV século, as quais são difíceis de serem cumpridas, porque têm características coercitivas, vêm de fora para dentro, não transformam. A nossa referência é a um modelo interior que

jorra de dentro do ser humano, fruto de uma transformação consciente, resultante do amor a Deus, ao próximo e a si mesmo, manifesto na personagem, através de ações responsáveis e virtuosas em gestos de solidariedade, trabalho voluntário, e outras práticas que norteiam positivamente a existência, e enobrecem o sentido da vida. Este é o exemplo que nos passa Maria Madalena, e que a torna modelo de comportamento.

O resultado da nossa pesquisa no que diz respeito às divergências e convergências existentes nos Evangelhos canônicos, resultou, como já vimos, nos seguintes achados:

I. A única divergência detectada foi encontrada no confronto entre o relato de Marcos e o de Lucas (Mc 16.1; Lc 23.56), e diz respeito apenas ao momento em que ocorreu a compra de especiarias para a unção do corpo de Jesus. Porém, o conflito não altera a essência da mensagem cristã, mas, fornece indício da preservação do texto, uma vez que sendo visível a diferença de informação entre os dois relatos, o fato de não ter sido corrigido constitui um indicativo de que o texto não sofreu adulteração.

II. A convergência detectada que se encontra narrada por unanimidade nos quatro Evangelhos foi:

- Maria Madalena e as outras mulheres que acompanharam Jesus desde a Galiléia assistiram a sua crucificação e morte.

III. As convergências detectadas que se encontram narradas apenas nos Evangelhos sinóticos, e que depõem pela possibilidade de que Jesus tinha morrido, foram:

- Maria Madalena e Maria, mãe de José foram testemunhas oculares do sepultamento do corpo de Jesus.
- Houve compra de especiarias para unção, ou seja, Maria Madalena e suas companheiras pretendiam ungir o corpo de Jesus na sepultura. O registro deste fato, aparentemente insignificante, depõe a favor da fidelidade histórica do Evangelho, porque conduz ao pressuposto de que as mulheres presentes ao sepultamento constataram que Jesus realmente havia morrido.

IV. As convergências detectadas que se encontram narradas por unanimidade nos quatro Evangelhos – com diferença apenas no que diz respeito à quantidade de mulheres, visto que os sinópticos mencionam várias mulheres, enquanto que João refere-se apenas a Maria Madalena – foram:

- No amanhecer do domingo, as mulheres se dirigiram ao sepulcro e constataram que a pedra do túmulo estava removida.
- Havia a presença de seres sobrenaturais no sepulcro, os quais anunciaram às mulheres que Jesus havia ressuscitado.
- As mulheres constataram que o corpo de Jesus havia desaparecido da sepultura. O túmulo estava vazio.

V. As convergências detectadas entre os relatos de Mateus, Marcos e João, é que Maria Madalena viu e falou com Jesus ressuscitado. Mas, o diálogo narrado por João, ocorrido entre Jesus e Maria Madalena justificou a ausência do corpo no sepulcro gerou o testemunho da Ressurreição.

Do ponto de vista do cristianismo, este foi o grande legado deixado por Maria Madalena, contido na mínima participação da personagem nas Escrituras, representando para os cristãos o relato de maior relevância sobre ela, porque a inseriu na economia da salvação.

Porém, nem toda representação da personagem faz referência a esse legado, porque muitos são os que discordam deste entendimento. O relato lucano da sua libertação, antecedido do relato da pecadora anônima que ungiu Jesus, abriu um leque de especulações que incluiu todo e qualquer pecado, sobretudo aqueles relacionados com o sexo. As pinturas renascentistas de interpretação cristã passaram a representá-la como uma mulher despida ou seminua, num tributo ao simbolismo da prostituição que lhe foi equivocadamente atribuída.

O catolicismo, embora tardiamente, se retratou negando que ela tenha sido uma prostituta. Entretanto, as pinturas continuam silenciosamente afirmando isto através da exibição de sua nudez. Perde-se então em conhecimento acerca daquilo que ela representou na formação do cristianismo.

Em se constituindo a relevância maior na história da personagem, o fato de ter anunciado a vitória sobre a morte, mediante a sua declaração de que viu e falou com Jesus ressuscitado, o seu nome está inseparavelmente ligado à história bíblica

da salvação, e como tal, permanecerá no imaginário da humanidade, quer para investigar o que representa para cada um, o significado da ressurreição de Jesus testemunhado pela personagem, quer para refutar e criar novos símbolos e mitos que expliquem o fenômeno ou o testemunho, segundo a visão de mundo de cada autor.

Mas, apesar da multiplicidade de representações que ela possa continuar inspirando, os dois milênios passados de contínuo interesse por Maria Madalena, e as abordagens atuais na agregação do seu nome ao medieval mito do Graal, são indícios seguros de que o carisma da Santa permanecerá ascendente. Continuarão a se multiplicar as obras literárias trazendo novas nuances para sua história, e também novos mitos e símbolos.

Este é o resultado a que chegou a nossa pesquisa. Esperamos com este trabalho estar contribuindo para um aprofundamento no conhecimento sobre esta importante personagem bíblica que ao longo destes dois milênios tem exercido fascínio sobre estudiosos nos mais diferentes campos das ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIAS, Juan. **O Último Tabu do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**. Tradução Nadir Ferrari. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAIGENT, Michael. **Os manuscritos de Jesus**: revelando o maior segredo da história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BARRIO, Angel-B.Espina. **Manual de Antropologia Cultural**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, 2005.

BEER,Max. **História do socialismo e das lutas sociais**. Tradução Horácio de Melo. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

BÍBLIA Anotada, A. Rev. Tradução João Ferreira de Almeida, revista por Charles Caldwell Ryrie. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

BÍBLIA Apologética de Estudo. Tradução João Ferreira de Almeida, corrigida e revisada. 2ª ed. Jundiaí/SP: Instituto Cristão de Pesquisas, 2006.

BÍBLIA de Estudos das Profecias. Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. 2ª ed. Belo Horizonte: Atos, 2001.

BÍBLIA de Estudos Pentecostal. Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e corrigida. Flórida/EUA: CPAD, 1995.

BÍBLIA de Jerusalém, A. Tradução Euclides Martins Balancin e outros. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1987.

BÍBLIA de Referência Thompson. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 1993.

BÍBLIA Sagrada com Concordância, A. Tradução das Línguas Originais por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 1996.

BÍBLIA Sagrada, A. Tradução das Línguas Originais por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Alfalit Brasil, 1996.

BÍBLIA Sagrada, A. Tradução João Ferreira de Almeida, com referências e anotações de C. I. Scofield. Florida: Soc. Bíblica do Brasil, 1983.

BÍBLIA Sagrada, A. Tradução João Ferreira de Almeida, revista e corrigida. São Paulo: Editora Vida, 1997.

BÍBLIA Sagrada. Tradução Monges de Maredsous (Bélgica) revisada. 151ª ed. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2002.

BÍBLIA Shedd. Tradução João Ferreira de Almeida, revisada. 2ª ed. São Paulo: Edições Vila Nova, 2003.

BÍBLIA Vida Nova. Tradução João Ferreira de Almeida, revisada. 17ª ed. Rev. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

BOCK, Darrel L. **Quebrando o Código Da Vinci**. Osasco/SP: Novo Século, 2004.

BOGADO, Anna Patrícia Chagas. **Maria Madalena: O feminino na luz e na sombra**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CARVALHO, Maria de Fátima Moreira de. **Maria Madalena e seu papel no Cristianismo primitivo: prostituta, esposa ou serva**. 46f. Monografia (Especialização em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, 2006.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. Vols. 1, 2, 4. São Paulo: Milenium, 1982.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12ª ed., São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DICIONÁRIO Aurélio. **Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Versão eletrônica 3.0. Século XXI

EHRMAN, Bart D. **O que Jesus Disse? O que Jesus Não Disse? Quem mudou a Bíblia e Por Quê**. Tradução Marcos Macionilo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

_____. **D. Pedro, Paulo e Maria Madalena: A verdade e a lenda sobre os seguidores de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2008

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ENCARTA: **Enciclopédia Eletrônica da Microsoft**, 2001.

FARIA, Jacir de Freitas. **As Origens Apócrifas do Cristianismo: Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé**. São Paulo: Paulinas, 2004

FERREIRA, Júlio Andrade (org). **Antologia Teológica: Karl Barth ... e outros**. São Paulo: Novo Século, 2003

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 2006.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004

GARDNER, Laurence. **A Linhagem do Santo Graal**: A verdadeira história do casamento de Maria Madalena e Jesus Cristo. Tradução Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.

_____. **O Legado de Maria Madalena**: a conspiração da linhagem de Jesus e Maria: revelações sobre o Código Da Vinci. Tradução Elaine Alves Trindade. São Paulo: Madras, 2006.

GONÇALVES, J.R.S. **Coleções, museus e teorias antropológicas**: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade. In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, v.8, N.1, 1999.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1981.

LELOUP, Jean-Yves. **O Evangelho de Maria**: Miriam de Magdala. Petrópolis: Vozes, 2005

LUCCIONI, Genni. **Atualidade do Mito**. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

MORIN, Edgar. **O Método III**: O conhecimento do conhecimento/1. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Portugal. Publicações Europa-América, 1996.

MOSER, Paul K., MULDER, Dwayne H., TROUT, J.D. **A teoria do conhecimento**: uma introdução temática. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

O'SHEA, Stephen. **A Heresia Perfeita**: A vida e a morte revolucionária dos cátaros na Idade Média. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PAGELS, Elaine. **Os Evangelhos Gnósticos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PATAI, Raphael. **O Mito e o Homem moderno**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972.

PICKNETT, Lynn & PRINCE, Clive. **A Grande Heresia**: O Segredo da Identidade do Cristo. Tradução Adriano José Sandoval. São Paulo: Beca, 2000.

PROPHET, Elizabeth Clare; BOOTH, Annice. **Maria Madalena**: o lado feminino da Divindade. Tradução de Renato Motta. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

RICOUER, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006.

ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. Tradução Teodoro Lorent. São Paulo: Madras, 2006.

SEBASTIANI, Lilia. **Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

SMITH, Huston. **Por que a Religião é importante: O Destino do Espírito Humano num Tempo de Descrença**. Tradução Euclides L. Calloni e Cleusa M. Wosgrau. São Paulo: Cultrix, 2002

SPINK, Mary Jane (Org.). **As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

STARBIRD, Margaret. **Maria Madalena e o Santo Graal: A mulher do vaso de alabastro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **Maria Madalena, a Noiva no Exílio**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea: vidas de santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**. 2º ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

WATSON, S. L.; e Ana. **Conciso Dicionário Bíblico**. 25ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1996

PÁGINAS WEB SITE CONSULTADAS

I – REFERENTES CITAÇÕES:

ARAÚJO, Joalsemar. **Era ou não era: o que a Bíblia diz sobre Maria Madalena**. Disponível em: [HTTP://www.projetovidanova.com.br/opinião/joalsemarEra.php](http://www.projetovidanova.com.br/opinião/joalsemarEra.php) - Acesso em 15/11/07.

BARBAS, Helena. **Imagens e sombras de santa Maria Madalena na literatura e arte portuguesas** – a construção de uma personagem: simbolismos e metamorfoses. Fevereiro 2003. Tese defendida em novembro de 1998, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/docentes/hbarbas/Tese.htm>> Acesso em 20.06.06.

BIZERRA, William Alves. **A Pedra e a Torre: narrativas sobre os cristianismos de Pedro e Maria Madalena**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. Disponível em:

http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3316 – Acesso em 12/01/2009

BRAGA, Pedro. **O cristianismo e o direito: a revolução cristã no campo jurídico.** Revista de informação legislativa, v.39, nº 156, p. 93-108, out./dez. de 2002. Brasília. Biblioteca Digital do Senado Federal, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/820> - Acesso em 30/10/2007

CARVALHO, Fabrícia A. T. **A mulher na Idade Média: a construção de um modelo de submissão.** Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/mulher.html> - Acesso em 13/12/2008.

CHRISTIANANSWERS. Net. **É verdade que os registros bíblicos acerca da ressurreição de Cristo estão cheios de contradições?** Disponível in: <HTTP://www.christiananswers.net/portuguese/qeden/edn-t010p.html>. Acesso em 09/09/2008.

DIAS, Maria Julieta Mendes; PINTO, Paulo Mendes. **Maria de Magdala a Mulher – a construção do Culto – o caminho dos Mitos.** 2006. disponível em: <http://www.triplov.com/espírito/maria_de_magdala/index.htm>. Acesso em 12/06/2006.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121.pdf>>- Acesso em 28/12/2008.

GOMBRICH, E. H. **História da Arte.** Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/textos/ap1001/aula007web.html> Acesso em 25/01/2007

GUERREIRO, Antonio. **Enciclopédia e Hipertexto – Warburg.** (Disponível em: http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/eng/warburg_e.htm. Acesso em 02/01/2009).

JORGE, Walter. **O Santo Graal XXVII – o graal sangue – 3.** Disponível em: http://www.caminhodesantiago.com/walter_jorge/santo_graal/28_santo_graal_xxvii.htm - Acesso em: 18/12/2008.

LOPES, Reinaldo José. **Maria Madalena e Jesus tinham relação de aluna e mestre, dizem especialistas.** O Portal de Notícias da Globo. Caderno Ciência da fé – Notícias. G1. São Paulo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MRP644103-9982,00.html>> – Acesso em 02/09/2008

LOPES, Reinaldo José. **Lenda do Santo Graal é mera invenção da Idade Média, dizem especialistas.** O Portal de Notícias da Globo. Caderno Ciência da fé – Notícias. São Paulo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL535172-9982,00-LENDA+DO+SANTO+GRAAL+E+MERA+IN...>>– Acesso em 22/10/2008

MARINHO, Liana Márcia da Costa Vieira. **Resenha: Autoridade, burocracia e ética segundo Weber**. Resenha. Publicação do Recanto das Letras, em 27/06/2008. In: <<http://www.lianamarcia.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=1053851>>. Acesso em 19/01/2009.

MARTINEZ, João Flávio. **O quadro religioso no Brasil e no mundo**. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/midia/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=1092&menu=16&submenu=5>> - Acesso em 06/02/2009.

MOTTA, Bernardo Sanchez da. **Os cátaros e a Cruzada Albigense**. Disponível em: <http://planeta.clix.pt/bmotta/cataros3.html> - Acesso em 14/05/01

NOVETTI, Eber Rodrigues. **Apóstolo Paulo**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/palavradeesperanca/estudos/estapopaulo.htm>> Acesso em: 20/02/2008

PAULA, Everton. **Pequeno Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <<http://www.unifran.br/blog/profEverton/?action=d3d31446a793743680c65030e6a43434d3d366b30a819d87&post=531445f4806987a518a0b0e73ef4d3bb2cc3ee79&are=a=8714a6d4ff41ed1289d0b5c17a0be56b592ba7f2>> - Acesso em 08/12/2008

PEREIRA, Sissi A. Martins. **Relações de Gênero**. Periódico Rural Semanal, informativo da UFRRJ, Ano XIV. Rio de Janeiro: MEC/UFRRJ, 2007, p. 2. Disponível em: http://74.125.47.132/search?q=cache:AtYyZAJ3AvwJ:www.ufrrj.br/portal/modulo/home/getJornal.php%3Farquivo%3D346.pdf+Arist%C3%B3teles+considerava+o+c%C3%A9rebro+da+mulher+menor+que+o+do+homem&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br&lr=lang_pt - Acesso em 28/04/2008.

PICKERING, Wilbur Norman. **A canonicidade do Novo Testamento**, 2006. Disponível em < <http://www.esgm.org/portugues/CANON1.rtf>> Acesso em 04/08/2006

PRADO Filho, Kleber; MARTINS, Simone. **A subjetividade como objeto da psicologia**. Revista Scielo Brasil. Cad. Psicol. Soc. v.19 n.3 Porto Alegre set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-71822007000300003&lng=pt> - acesso em 02/03/2007

RIBEIRO, Carlos Leite. **Cátaros**. Disponível em: <http://www.caestamosnos.org/tematicas/cataros.htm> - Acesso em 18/01/2009.

RIBEIRO, Silvana Mota. **Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo**. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade: Universidade do Minho. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiro S EvaMaria 00.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiro%20S%20EvaMaria%2000.pdf) - Acesso em 08/12/2008

ROSA, Luiz da. **Maria Madalena**. Disponível em: <[HTTP://www.abiblia.org/artigosviewPrint.asp?id=38](http://www.abiblia.org/artigosviewPrint.asp?id=38)> - Acesso em 31/03/2007

SHUSTER, John. **A lei do celibato clerical**. Disponível em: http://www.cpr.org.br/a_lei_do_celibato_clerical.htm - Acesso em 13/12/2008.

STEFANO, Marcos. **Quem foi Maria Madalena?** Discípula? Pecadora? Apóstola? Amante? Dois mil anos depois, as perguntas continuam. Revista Eclésia. Disponível em: http://www.eclesia.com.br/revistadet2.asp?cod_artigos=286 - Acesso em 18/08/2008

TEPEDINO, Ana Maria; PINTO, Maria C. C.; BINGEMER, Maria C. Luchetti. **O Laicato e a Mulher**. Disponível em <http://74.125.47.132/search?q=cache:5aXAAx9j5L0J:www.cnl.org.br/pub/publicacoes/51d5b229c9a132bf0fa3a7e46294ded5.doc+o+laikato+e+a+mulher&hl=pt-R&ct=clnk&cd=1&gl=br&lr=lang_pt> - Acesso em 12/11/2008.

VALTER, José. **Santa Maria Madalena, a companheira do Salvador**. Disponível em: <http://www.Josevalter.com.br/Sitereligioes/santa_madalena.htm> Acesso em 12/07/2006.

II – REFERENTES FIGURAS:

Figura 1 – Disponível em:
<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/botticel/index.html>>
Acesso em 18/12/2007

Figura 2 – Disponível em:
<http://www.caminhodesantiago.com/walter_jorge/img/maria_madalena_8.jpg>
Acesso: 20/12/2009.

Figura 3 – Disponível em:
<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/c/carracci/agostino/index.html>>
Acesso em: 15/08/2008

Figura 4 – Disponível em:
<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/n/nuvolone/giuseppe/index.html>>
Acesso em 17/08/2008

Figura 5 – Disponível em:
<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/g/giotto/index.html>>
Acesso em 20/12/2008

Figura 6 – Disponível em:
<<http://www.artehistoria.jcyl.es/genios/cuadros/15249.htm>>
Acesso em 13/09/2007

Figura 7 – Disponível em:
<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/w/weyden/rogier/index.html>>
Acesso em 15/10/2008

Figura 8 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/t/tiziano/index.html>>

Acesso em: 08/09/2008

Figura 9 – Disponível em:

<http://www.wga.hu/art/g/greco_el/06/0603grec.jpg>

Acesso: 15/10/2008

Figura 10 – Disponível em:

<<http://www.ocaiw.com/catalog/index.php?lang=pt&catalog=pitt&author=883&lista=1>> Acesso em 13/12/2008

Figura 11 – Disponível em:

<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/l/la_tour/georges/index.html>

Acesso em 13/12/2008

Figura 12 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/p/piero/cosimo/index.html>>

Acesso em 31/10/2008

Figura 13 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/g/gossaert/index.html>>

Acesso em 17/10/2008

Figura 14 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/s/sacchi/index.html>>

Acesso em: 15/08/2008

Figura 15 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/w/weyden/rogier/index.html>>

Acesso em 12/01/2009

Figura 16 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/m/massys/quentin/index.html>>

Acesso em 17/11/2008

Figura 17 – Disponível em:

<http://www.officinaartium.org/Saint_Pierre.html>

Acesso em 05/11/2008

Figura 18 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/c/caravagg/index.html>>

Acesso em 07/01/2009

Figura 19 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/s/segna/index.html>>

Acesso em 20/02/2009

Figura 20 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/s/simone/index.html>>

Acesso em 20/02/2009

Figura 21 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/g/ giotto/ index.html>>

Acesso em: 13/02/2009

Figura 22 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/g/ giotto/ index.html>>

Acesso em: 13/02/2009

Figura 23 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/g/ giotto/ index.html>>

Acesso em: 13/02/2009

Figura 24 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/g/ giotto/ index.html>>

Acesso em: 13/02/2009

Figura 25 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/d/donatell/index.html>>

Acesso em 15/08/2008

Figura 26 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/index1.html> >

Acesso em: 13/02/2009

Figura 27 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/l/lorenzo/credi/communio.html>>

Acesso em: 15/12/2008

Figura 28 – Disponível em:

<<http://www2.fcsh.unl.pt/docentes/hbarbas/GravGif/1518-Dielegem-Ext.gif>>

Acesso em 15/12/2008

Figura 29 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/botticel/index.html>>

Acesso em 13/12/2008

Figura 30 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/benson/index.html>>

Acesso em 13/12/2008

Figura 31 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/t/tiziano/index.html>>

Acesso em 25/11/2008

Figura 32 – Disponível em:

<<http://www.artnet.com/artwork/424740475/424633596/bartolome-esteban-murillo-the-penitent-magdalen.html>>

Acesso em 25/1/2008

Figura 33 – Disponível em:

<<http://diversao.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/09/22/ult26u19849.jhtm>>

Acesso em 22/09/2005

Figura 34 – Disponível em:

<<http://amadeo.blog.com/repository/760640/1912923.jpg>>

Acesso em 15/10/2008

Figura 35 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/bleker/dirck/magdalen.html>>

Acesso em 15/10/2008

Figura 36 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/bleker/dirck/index.html>>

Acesso em 16/11/2008

Figura 37 – Disponível em:

<<http://images.google.com.br/images?gbv=2&hl=pt-BR&q=Simon+Vouet&sa=N&start=60&ndsp=20>>

Acesso em 26/12/2008

Figura 38 – Disponível em:

<<http://images.google.com.br/images?gbv=2&hl=pt-BR&q=The+Penitent+Mary+Magdalene,+1651&sa=N&start=0&ndsp=20>>

Acesso em 22/09/2005

Figura 39 – Disponível em:

<<http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/botticel/index.html>>

Acesso em 22/09/2005

Figura 40 – Disponível em:

<<http://www.volkovitch.com/0607.htm>>

Acesso em 23/12/2008

Figura 41 – Disponível em:

<http://commons.wikimedia.org/wiki/Francesco_Hayez>

Acesso em 22/09/2005

Figura 42 – Disponível em:

<<http://www.heritagemuseum.org/cgi-bin/db2www/quickSearch.mac/gallery?selLang=English&tmCond=Lefevre+Jules>>

Acesso em 22/09/2005